

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	RELIGIOSE_BEWEGUNG_IN_BRASILIEIN_RE64.1
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém recortes de jornais e páginas sobre religiosidade no Brasil. Total de páginas: 69
Dia/ Mês/Ano	1970-1981
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira, entre os anos 1970-1981, sobre religiosidade no Brasil.
Palavras-Chave	Brasil; Religiosidade; Igreja.
Notas explicativas	Lista das páginas em língua estrangeira: 51, 52, 53, 54 e 55.

Bibliothek

RELIGIÖSE BEWEGUNG in BRASILIEN

1970-81

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

RE 64.1

Bibliothek

14.06.11

Institut für Brasilienkunde
MÜNSTER

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

RELIGIÃO

Como se vive a morte

Eram 8h15 da manhã de quarta-feira, e o paciente do quarto 628 estava morrendo, no horário. Na segunda-feira as enfermeiras o haviam transferido para um quarto particular; é mais fácil fechar uma porta do que cobrir um cadáver numa sala cheia. O servente do necrotério incluía-o na programação de trabalho da semana. A supervisora de enfermagem já avisara os médicos, por um memorando, que o hospital necessitava de córneas e de rins (o paciente fôra vítima de um acidente de trânsito; seus ór-

pois de algumas formalidades burocráticas, o corpo foi lavado, tapado, atado, envolto em lençóis e rotulado. Um servente colocou o corpo sobre a maca rolante, esperou circunspecto por um elevador vazio, depois o conduziu por um longo e discreto túnel até o necrotério.

No dia seguinte, feita a autópsia e completadas as formalidades legais, o último paciente do quarto 628 — sem os seus olhos e rins — foi drenado, perfumado, barbeado, vestido e transportado ao velório. Logo depois de um breve



Recife: na morte solitária da criança, um consolo — a imortalidade da alma

gãos não atingidos poderiam ser aproveitados para salvar outras vidas). A autorização para o aproveitamento dos órgãos já havia sido conseguida, junto à família, por uma assistente social. Uma anotação na ficha hospitalar indicava a religião do paciente: católico.

Na terça-feira o capelão ministrou os últimos sacramentos da Igreja, e atestou o fato na própria ficha. Os funcionários do hospital haviam conseguido permissão antecipada para uma autópsia: o parente mais próximo poderia estar fora da cidade no momento crucial.

Às 9 horas da manhã de quarta-feira o paciente do quarto 628 estava morto. A enfermeira fechou os olhos do cadáver e chamou os assistentes. O médico avisou os parentes. Em quinze minutos, de-

serviço religioso, o cortejo deixou o hospital. Na cova aberta num pedaço de terra previamente adquirido, o ataúde, sustentado por cordas, foi baixado e enterrado.

O espírito da morte — No Brasil morre 1,4 milhão de pessoas por ano. Em 1968, houve 20 000 acidentes automobilísticos fatais nas estradas federais e estaduais e nas ruas das cidades. Muitos morrem em casa, a maioria — como o paciente do quarto 628 — é levada para fora da existência, de forma rotineira, pelos corredores em labirinto dos hospitais. Mas onde e como quer que a morte chegue, nos grandes centros urbanos ela é sempre tratada com fria e eficiente presteza.

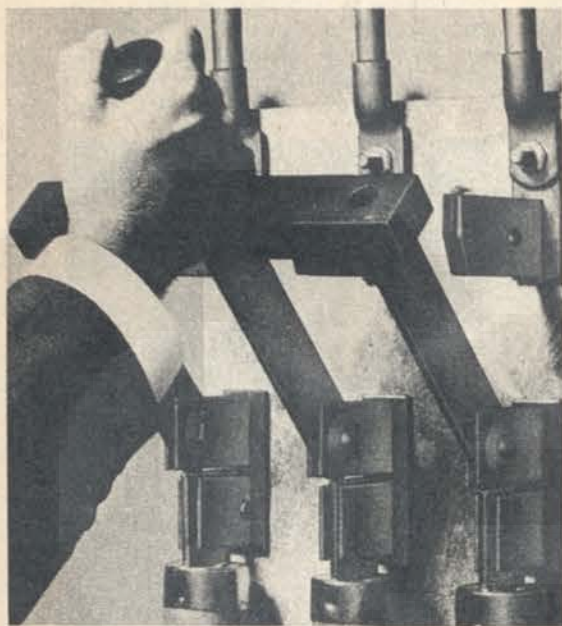
Aos poucos, o brasileiro das metrópoles está deixando de considerá-la um mistério metafísico ou um chamado divino. E muitos crêem que, num futuro bem próximo, ela passará a ser — como já é nos Estados Unidos — mais um problema de engenharia para os empresários da morte — os médicos, agentes funerários e corretores de cemitérios. Na opinião do padre José Campos, professor de Exegese Bíblica e Teologia no Instituto Central de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, isso acontece em parte "por importação da mentalidade pragmática e devido a uma divulgação crescente do movimento de secularização em voga nos Estados Unidos, levado ao radicalismo pela filosofia tecnicista". Nos meios já influenciados por essa mentalidade — por enquanto, segundo o padre José, apenas a "alta burguesia" — os ritos que envolvem a morte não passam de etiquetas sem nenhum significado religioso. A importação violenta a índole da maioria do povo brasileiro; como qualquer outro, ele tem sua maneira própria de encarar a morte.

O medo — A tendência de transferir a morte, como muito da vida, para o campo dos especialistas, esconde na verdade um medo profundo. "O gênero humano se assusta só de ouvir a palavra morte", diz o ensaísta inglês J. B. Priestley. "Nos jantares onde levantei a questão para estudar as reações de espanto, a maioria das pessoas mudava de assunto como se estivesse mudando o canal de televisão." O historiador, também inglês, Arnold Toynbee chegou à mesma conclusão: "A morte, para o americano, é uma afronta ao direito inalienável de cada cidadão à vida, à liberdade e à busca da felicidade".

Os sociólogos observam que mesmo as pessoas constantemente sujeitas ao perigo (operários de construções, soldados, policiais) não encaram a morte com realismo e sempre a consideram iminente para seus companheiros, mas não para elas próprias. Em São Paulo, os lotes vendidos a longo prazo nos modernos cemitérios, onde podem ser sepultadas duas ou mais pessoas, são procurados principalmente por japoneses e europeus — mais acostumados a ver na morte um fenômeno natural, inevitável e menos aterrorizante.

As formas de respeito — Longe das grandes capitais ou nas classes mais humildes o medo da morte se veste com roupas completamente diferentes: são manifestações patéticas de respeito, quase veneração, pelo morto. Nas pequenas cidades do interior do nordeste, em vez do rápido e eficiente processamento do cadáver, existe um longo ritual (transmitido de geração a geração) que o acompanha nos seus últimos momentos

AGORA O BRASIL COMEÇA A TER MAIS FIBRA. SÃO OS HOMENS DA FISIBA CUMPRINDO O QUE PROMETERAM.



A FISIBA está começando a operar o seu grande conjunto petroquímico em Camaçari, na Bahia.

É um empreendimento concretizado graças ao apoio de investimentos internos, à cooperação técnica externa e ao estímulo de órgãos oficiais como a SUDENE, o BNDE, o GEQUIM e o CNP.

A FISIBA vai dar ao Brasil 8.000 toneladas anuais de fibras acrílicas e 18.000 toneladas anuais de acrilonitrila.

Isso significa matéria-prima básica para um grande e diversificado grupo de indústrias de transformação.

Significa auto-suficiência na produção de fibra acrílica, a mais moderna fibra sintética que existe.

Com o apoio da SUDENE e do BNDE.

Com economia de divisas na ordem de 20 milhões de dólares anuais. Com novas oportunidades de mão-de-obra para trabalhadores, técnicos, químicos e engenheiros brasileiros, todos incorporando o mais avançado "know-how" disponível no exterior.

A FISIBA não está apenas inaugurando uma unidade do seu complexo industrial. Está inaugurando uma nova era.

FISIBA

Fibras Sintéticas da Bahia S.A.

Séde: Av. Estados Unidos, 377/601 - Salvador - Bahia
Fábrica: Av. Pinto de Aguiar s/n.º - Camaçari - Bahia

Coordenação Geral: TECHEM - Tecnologia Química S.A.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15

Veja

4-11-70

Zeitung

Datum

Nummer

Grupo Oita/GFM

antes de baixar à sepultura. Comunicado o falecimento e sua causa aos amigos, conhecidos e parentes, os "donos" do morto passam aos preparativos para "fazer quarto" (velório) ao defunto. Os vizinhos emprestam as cadeiras, mesas, velas e missais.

Normalmente, os homens permanecem no quintal ou na cozinha, elogiando a passagem do falecido pela terra. As mulheres, unidas e chorosas, logo depois de confortarem os parentes dão início às "incelenças" — cânticos populares dolorosos, baseados nos cânticos religiosos da Igreja Católica.

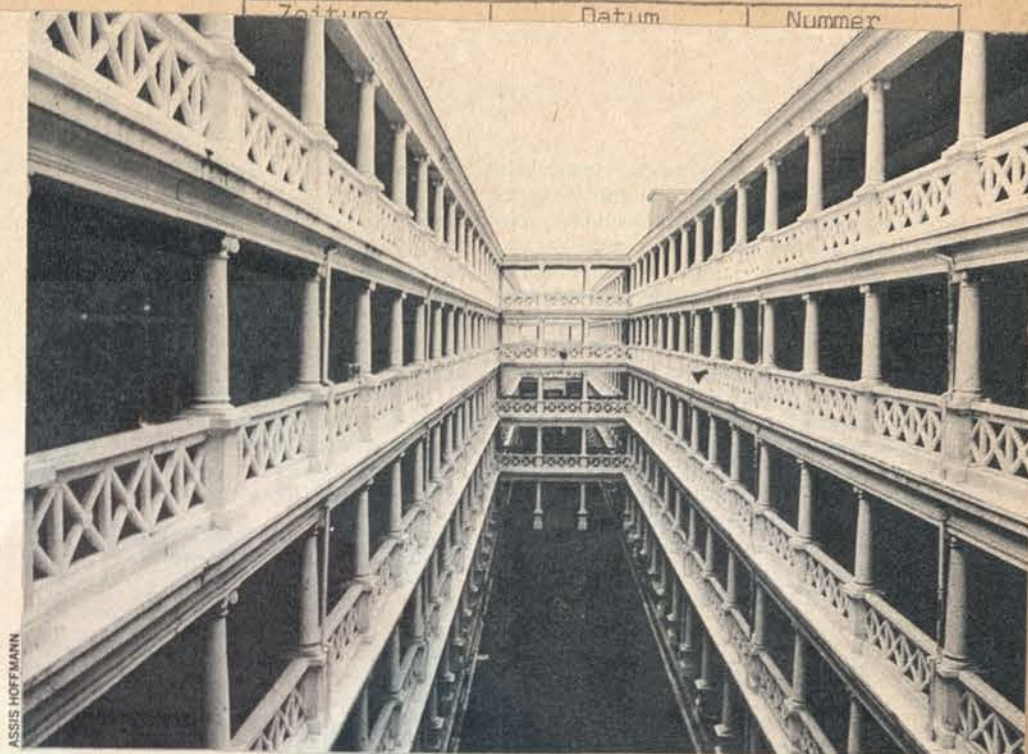
À noite, enquanto as mulheres permanecem em torno do caixão, rezando com fervor, os homens bebem a boa pinga nordestina, prudentemente estocada pelos donos da casa, para ajudar os seus convidados a suportarem a longa noite em claro.

Entre as famílias pobres, quando morre uma criança — um "anjo" na expressão do povo — o ambiente é menos triste e até pode aparecer um ligeiro sentimento de alívio: acreditam que as crianças têm acesso direto ao céu, e isso é preferível aos sofrimentos de uma vida pobre na terra.

A tradição — Até menos de um mês atrás, a reverência pelos mortos na cidade gaúcha de Pelotas chegava à sofisticação. Durante quase um século, os mortos da região tiveram sua posição social marcada pelo veículo usado no seu último passeio: um dos treze côches das Casas de Pompas Fúnebres. A qualidade variava desde o "carro nobre", uma grande carruagem negra, muito trabalhada e com detalhes dourados, tirada por quatro cavalos cobertos com véus negros, até o "côche de quarta classe", uma carruagem simples puxada por dois cavalos. O preço variava também com o número de palafreiros (criados vestidos de fraques que caminhavam ao lado dos cavalos), com os enfeites (penachos negros colocados na cabeça dos animais) e até com a velocidade do cortejo (o "passinho" era mais caro que o trote).

Havia ainda os côches azuis-celeste para as donzelas e os brancos para "anjinhos", com uma concessão especial: embora tradicionalmente na Igreja Católica "anjinho" seja uma criança falecida antes dos sete anos, em Pelotas podiam usar o carro branco as que tivessem até nove anos. Há três semanas, porém, as Casas de Pompas Fúnebres resolveram modernizar seu sistema de transportes e compraram camionetas Chevrolet para substituírem as carruagens — o que certamente irá trazer algumas dificuldades à população pelotense: agora ela terá de criar novas formas de homenagear dignamente os seus mortos.

Os meios de fuga — Ao lado do temor



Cemitério-edifício de Porto Alegre (foto acima): limpeza, música e muitas orações

Carro nobre (foto à esquerda), homenagem que Pelotas já não dá aos mortos



No cemitério-jardim da Paz (foto abaixo), em São Paulo, a morte é mais alegre

reprimido, existe a tentativa desesperada do homem de alcançar a imortalidade. Para os que perderam sua afinidade com o Deus cristão, há outros deuses surgindo, prometendo o dom da vida eterna. Crianças em tubos de ensaio, transplantes de órgãos e o estouro do código genético — na batalha contra a morte, esses avanços dão às aparentemente infundadas predições uma aura de possível otimismo. "Os homens", sustenta o novelista americano Alan Harrington, "têm de aceitar, como verdade sagrada, que a salvação pertence ao domínio da engenharia médica... o nosso único messias usará aventais brancos, não em asilos, mas em laboratórios."

O dr. Robert Jay Lifton, eminente psiquiatra de Yale e estudioso do problema da morte, identificou três importantes métodos de simbolizar a imortalidade: o bio-social, ou a tentativa das pessoas de continuar vivendo nos seus filhos, na sua tribo ou povo; o natural, ou o sentimento de que, embora os homens morram, a natureza continua; o criador, ou a suposição de que um homem pode continuar a influenciar gerações subsequentes através de sua arte, de seus pensamentos ou de seus feitos. Ao receber o prêmio Nobel de Literatura em 1949, o falecido William Faulkner resumiu essa esperança criadora numa frase: "Este é o modo do artista garantir 'Kilroy esteve aqui' no muro do esquecimento final e irrevogável que um dia terá de ultrapassar". Há ainda as alternativas imediatistas dos jovens que procuram nas drogas expandir a consciência, anular o tempo e assim agarrar a eternidade em um intenso momento; ou a violência, muitas vezes uma necessidade incontrolada de evitar a morte.

A alma imortal — Mas o grande canal que ainda conduz a maioria dos brasileiros à esperança da imortalidade é a religião. Dos sete cemitérios de Pôrto Alegre, um dos mais procurados é o da Irmandade do Arcanjo São Miguel e Almas, uma espécie de cemitério-edifício com 20 000 túmulos distribuídos em cinco andares de galerias. Além da limpeza irrepreensível de seus pátios e longas galerias brancas, da música que enche o ambiente durante os sepultamentos (vinda de alto-falantes escondidos entre folhagens e flores), os membros da Irmandade oferecem uma vantagem extra: duas missas semanais onde 25 irmãos, com suas opas verdes e sua firme crença na ressurreição, rezam pelos mortos. Nos dias de finados, a Irmandade promove missas e respostas, distribui esmolas e auxílios aos necessitados (65 000 cruzeiros no ano passado), tudo em "sufrágio das almas dos irmãos sepultados". "Não inventamos nada", diz o jovem provedor-mor da Irmandade, Alfredo Tôrres de Vasconcelos. "Está no Velho Testamento: 'Ca-

da um sepultará e guardará os seus mortos até o dia do juízo final.'" E a experiência o faz achar remota a possibilidade de um dia o brasileiro vir a considerar a morte de outra forma: "Aqui mesmo a gente pode ver os sacrifícios dos menos ricos, que se endividam para manter seus mortos nas sepulturas e enfeitá-las com flores".

Mesmo nas faculdades de medicina, atrás dos atos aparentemente impiedosos dos estudantes dissecando mortos na mesa de estudos, existe a preocupação pelo transcendente. Uma vez por ano, promo-



Dom Estêvão: a morte não é tão fela

vida pelos departamentos de anatomia, é rezada a "missa do cadáver", homenagem aos indigentes que, apesar de nada terem feito enquanto viveram, serviram à causa da ciência depois de mortos.

A palavra da Igreja — Embora para muitos sociólogos e psicólogos a imortalidade oferecida pelas religiões seja apenas uma das muitas formas de se fugir da idéia constrangedora da morte, os cristãos sinceros crêem nela como uma realidade quase palpável. Dom Estêvão Bettencourt, professor de Filosofia e Teologia da Universidade Católica do Rio, define a morte como "a consumação de um período vivido pelo homem na terra em demanda de sua plenitude". Assim, ela está longe de ser um ponto final de

uma existência. "O cristão que vive com Deus, possui dentro de si um germe de imortalidade. Separando-se do corpo, sua alma continua a sobreviver até o dia da consumação dos tempos, em que o corpo e a alma se reunirão na chamada ressurreição da carne. A morte introduz o cristão no pleno gozo da posse de Deus, de que ele desfruta através do véu da fé na vida presente, e de que desfrutará face a face após a morte."

Alegria — Para tornar-se coerente com essa visão otimista da morte, a Igreja ordenou recentemente a abolição de côres e paramentos que davam às cerimônias fúnebres um ar sombrio e até assustador. Dentro desse mesmo espírito (e com bons resultados financeiros) os novos cemitérios construídos em São Paulo por católicos e protestantes substituíram os escuros mausoléus por pequenas lajes de pedras, praticamente escondidas sob flores e rodeadas por um gramado tratado com extremo cuidado. "Um jardim de cemitério" é como o definem, nos folhetos de propaganda, os administradores do cemitério da Paz, protestante, o primeiro do Brasil com água encanada para irrigação fôrça e luz, e máquinas de podar grama. Nesses locais, onde a morte chega a parecer nada mais que um tranqüilo descanso, é comum ver-se, nos bancos colocados à sombra das árvores, casais de namorados, mães brincando com seus filhos ou algum estudante revendo seus apontamentos. Os cemitérios-jardins existem em Curitiba, Pôrto Alegre e Campinas (São Paulo). A inauguração de cemitério de Belo Horizonte foi anunciada, recentemente, no programa de Flávio Cavalcanti, Canal 6, no Rio, logo depois de um número humorístico com Chico Anísio. "Uma beleza, só vendo!", dizia Flávio Cavalcanti, antes de anunciar "No dia da inauguração estarei lá, mas estarei vivo".

A crença na imortalidade da alma tem também uma utilidade imediata. Sua perda, acha dom Estêvão, "embrutece o indivíduo, tira-lhe o ânimo de viver". Substituindo valores espirituais por concepções exclusivamente materialistas, o homem deixa a porta aberta às neuroses. "Que angústia é essa de hoje? É a angústia de quem perdeu seu eixo, sua bússola, seu norte." Até mesmo um deísta de mente bastante secular como Benjamin Franklin (1706-1790) olhava para outra vida, mais adiante. No seu túmulo no cemitério da Igreja Cristã de Filadélfia, há um epitáfio composto por ele mesmo: "O corpo de B. Franklin (como a capa de um velho livro, seu conteúdo gasto e desfeitos seu título e douração) jaz aqui, alimento para vermes. Mas o trabalho não terá sido em vão; pois ele (como acreditou) aparecerá uma vez mais numa nova e mais elegante edição, revista e corrigida pelo Autor".

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Presseearchiv

Veja

4-11-70

Zeitung

Datum

Nummer

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

9. 12. 70



Wilson suspendeu direitos maçônicos

MAÇONARIA **REL.**

Jóias e missangas

"A loja maçônica é uma escola de aperfeiçoamento moral, onde o homem vai aprimorar-se em benefício dos seus semelhantes. Não nos esqueçamos porém que, de uma pedra impura, jamais conseguiremos fazer um brilhante, por maiores que sejam nossos esforços."

Professor A. Tenório de Albuquerque, estudioso da maçonaria.

Talvez providencialmente, o mistério e o segredo acobertadores das atividades da maçonaria no Brasil durante seus quase dois séculos de existência roubaram aos não iniciados a possibilidade de

für
Pastor Schuster!

avaliar a proporção de brilhantes que a enriquecem. Mas essa tradição secular foi quebrada de maneira desastrosa pela Grande Loja Maçônica da Guanabara. Um dos seus "irmãos" denunciou à imprensa irregularidades cometidas pelo venerável grão-mestre Wilson do Valle Fernandes, abrindo uma crise onde não faltaram os condimentos da intriga e as acusações de corrupção, mais adequados às lutas dos falíveis e às vezes pouco veneráveis políticos convencionais.

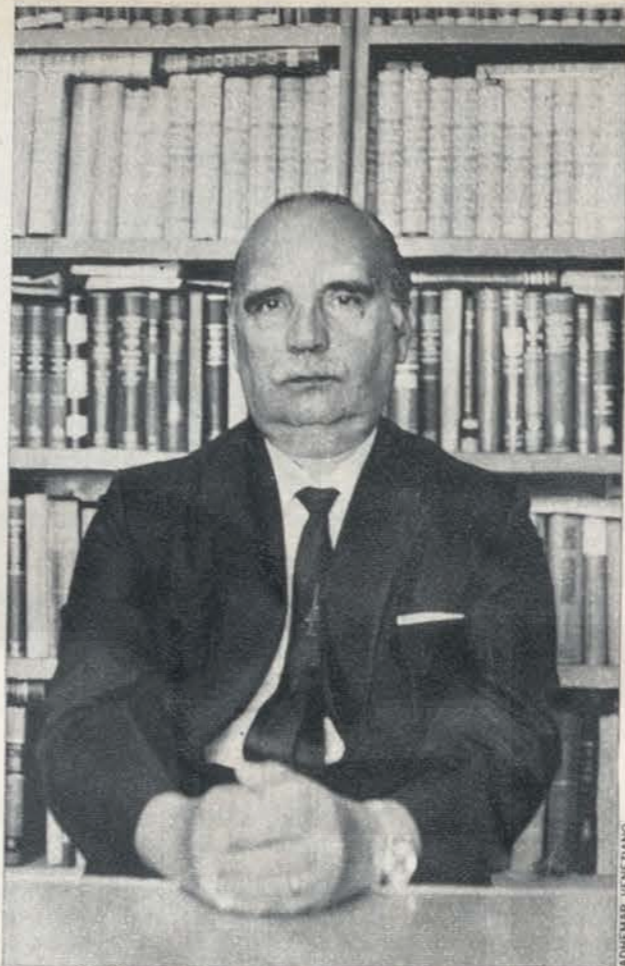
O minucioso filtro da Justiça, para onde a questão foi transferida, talvez consiga retirar um fio de verdade entre as apaixonadas versões. O advogado Wilson, grão-mestre da loja maçônica da Guanabara há oito anos (foi reeleito três vezes consecutivas), se diz vítima de um golpe de seus adversários, descontentes com a derrota no último pleito maçônico. Aproveitando-se da sua ausência (havia pedido uma licença de trinta dias), eles realizaram uma assembléia geral e o depuseram do cargo. Inconformado, o "sereníssimo" grão-mestre impetrou um mandado de segurança e o juiz da 1.ª Vara Cível deu liminar a seu favor. Reempossado há duas semanas, não teve dúvidas: "Suspendi os direitos maçônicos dos irmãos que tomaram parte na rebelião e vou submetê-los ao Grande Conselho, que certamente deverá expulsá-los".

Os atos — Essa energia em punir a subversão interna não é porém um privilégio do grão-mestre. Numa prova de que a situação é realmente confusa, enquanto ele cassava mandatos, a oposição, no breve período em que assumiu o poder, baixava um ato institucional e dois complementares, tratando da destituição de Wilson e suas conseqüências. O general reformado Morivalde Calvet Fagundes, o principal adversário do grão-mestre, não nega que esses atos tenham sido editados, mas defende-se da acusação de ter sido seu autor, provocada, segundo ele, por aqueles que têm o objetivo de "intrigá-lo com os militares". Está disposto a ir a Brasília submeter o caso ao presidente da República.

Reconhecendo que já não tinha clima para continuar ocupando o cargo, diz Calvet, Wilson concordou em pedir li-

cenças sucessivas até o término do seu mandato, em junho de 1972. Dias depois arrependeu-se, anulou o próprio pedido de licença e reassumiu.

Para destituí-lo na assembléia realizada no fim de outubro, o grupo liderado pelo general Calvet preparou um dossiê sobre a vida do grão-mestre que faria inveja aos mais eficientes serviços de informações. A par de um levantamento minucioso de todas as suas atividades públicas (onde o acusam de inúmeras frau-



General Morivalde Calvet: quem publicou os atos?

des e de pretender, estimulado talvez por um temperamento administrativo tão saudosista quanto inoportuno, construir o palácio maçom do Rio de Janeiro), juntaram um conjunto lamentável de revelações sobre sua vida privada. Nêles estão relacionados seus títulos protestados e anotado seu passado de "criança abandonada, quicá fugitivo ou expulso da casa paterna" e de cabineiro de elevador, além de uma série de episódios que comprovariam não ter o "sereníssimo" Wilson condições para pertencer à organização. Verdadeiras ou não, essas denúncias serviram para mostrar, pelo menos, que mesmo nos melhores porta-jóias surge às vezes um colarzinho de miçangas. ○

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	12-10-71	

Seita japonesa recebe patriarca que traz para o Rio detector de câncer

Com faixas onde pintaram seus preceitos, os adeptos da seita japonesa Perfeita Liberdade recebem hoje às 15h, no Galeão, o patriarca Oshieoyá-Samá, que, em sua estada de quatro dias no Rio, fará entrega de uma gastrocamara (aparelho para detectar o câncer), ao Governo do Estado, quando no dia 16 visitar o Sr. Chagas Freitas.

Amanhã, o guia espiritual de 8 milhões de adeptos em todo o mundo receberá, às 15h, os seguidores brasileiros da Perfeita Liberdade no Hotel Nacional, onde falará e dará a bênção, e às 16h fará uma visita ao Cardeal Eugênio Sales. Segunda-feira, receberá o título de Cidadão Carioca e o de Benemérito. Na terça, retornará ao Japão.

Os preceitos

Os adeptos da doutrina Perfeita Liberdade têm compendiada sua filosofia e conduta espiritual em 21 preceitos, que o primeiro resume: "Vida é arte."

Os outros preceitos são: 2) "A vida do homem é a sequência de sua própria expressão"; 3) "O seu real é a expressão de Deus"; 4) "Sofre quem não expressa aquilo que sente"; 6) "A personalidade real encontra-se onde o ego não está presente"; 7) "Todas as coisas existem com a relatividade mútua e a integração"; 8) "Viva translúcido e radiante como o sol"; 9) "Todos os seres humanos são iguais perante Deus"; 10) "Procure abençoar e beneficiar o próximo e a si mesmo"; 11) "Tudo se baseia em Deus"; 12) "De acordo com o que é, cada coisa tem a sua função exata"; 13) "Há um dever para com os homens e outro para com as mulheres"; 14) "Tudo existe em benefício da paz mundial"; 15) "Tudo reflete os fatos como um espelho"; 16) "Tudo progride e evolui incessantemente"; 17) "Assegure corretamente a essência das coisas"; 18) "Esteja sempre consciente e decidido perante a bifurcação do bem e do mal"; 19) "Aja imediatamente ao perceber"; 20) "Viva em estado perfeito de equilíbrio material e espiritual"; 21) "Viva em perfeita liberdade".

VEJA 9/12/70

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

14. Juli 1972 78

Religioso japonês pede a Dom Eugênio colaboração pela fraternidade mundial

O supremo dignitário da Igreja Messianica Mundial, Naoyuki Kawai, disse ao Cardeal Eugênio Sales, na visita que lhe fez ontem à tarde, que gostaria de contar com a sua colaboração e orientação pela paz e fraternidade entre os homens, depois de ressaltar que "a religião católica permanece como a essência da paz mundial."

Em resposta o Cardeal-Arcebispo agradeceu a confiança e assegurou ao representante da comunidade religiosa eclética — fundada no Japão em 1935 e que conta no mundo 700 mil adeptos — que fará tudo o que estiver ao seu alcance, "uma vez que a paz é o resultado não apenas de alguns, mas da cooperação de todos."

NAO SÓ RELIGIAO

Através do intérprete — que tratou sempre o Cardeal por "Vossa Santidade" — o Sr. Naoyuki Kawai disse de sua admiração por Dom Eugênio Sales e quais os objetivos que o trouxeram ao Brasil, "um país com um povo muito bom e agradável."

Muito tranquilo, mas com uma voz quase inaudível, o religioso falou das atividades da sua Igreja, em especial no Brasil — onde ela conta cerca de 40 mil adeptos, 90% dos quais são brasileiros.

— Até hoje nos temos ocupado só de atividades religiosas. Mas daqui para o futuro queremos também lançar-nos a obras assistenciais — disse o religioso japonês.

— Pedirei a Deus que o ajude — respondeu-lhe Dom Eugênio Sales.

O PRESENTE

Finda a entrevista, o Sr. Naoyuki Kawai ofereceu ao Cardeal um livro de sua autoria — *O Homem, ser Religioso*, — no qual expõe os

princípios da religião messianica com referência à pessoa humana, e ainda uma caixa contendo uma *bomboniere* de madeira fina.

— É costume no Japão, quando alguém faz uma visita cordial, levar algum presente — explicou o intérprete.

— E no Brasil costumamos abrir logo para ver o que tem dentro — respondeu Dom Eugênio Sales, enquanto desembulhava a caixinha, que estava envolta em 3 tipos de papel e fios brancos e vermelhos, da cor da bandeira japonesa.

A EXTENSAO

Ao deixar o Brasil no próximo dia 18, onde chegou dia 9, o Sr. Naoyuki Kawai passará pelo Peru, onde em breve espera ver fundada uma nova comunidade religiosa.

Depois do Japão, o Brasil é o primeiro país com maior número de adeptos, sobretudo em São Paulo. No Rio tem uma igreja no Grajaú (Rua Itabalana, 74) e uma casa de difusão (Rua Santa Luzia, 414) no Maracanã.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

**Japonês se
batiza JB
mas julho 1972**

— Mais da metade dos 650 mil japoneses, natos ou descendentes, que vivem no Brasil são batizados, mas poucos têm suficiente instrução religiosa, porque não existem mais de 24 padres e algumas freiras para assisti-los — disse ontem o padre Vendelino Lorscheiter, missionário jesuíta gaúcho que há 23 anos vive no Japão.

O religioso — que está no Brasil na qualidade de secretário da Comissão Episcopal de Emigração da Conferência dos Bispos do Japão — visitou já os principais núcleos populacionais do país onde se fixou o imigrante japonês e tem programada uma série de contatos com outros núcleos em quase todos os países da América Latina.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

AL DO BRASIL Sexta-feira, 27/9/74 1.º Caderno

Geisel recebe Billy Graham e diz que sua campanha é importante para o Brasil

Brasília (Sucursal) — O Presidente Ernesto Geisel elogiou ontem a campanha desenvolvida pelo Pastor americano Billy Graham, afirmando que ela é importante para o Brasil por associar ao crescimento material do país o indispensável fortalecimento espiritual.

Destacou também o Chefe do Governo que o importante, na campanha da Cruzada Evangelista a ser realizada no Rio de 2 a 6 de outubro, é que não se trata de um movimento sectarista, "mas sim de um empreendimento que se propôs à união de todos os cristãos." O Pastor Billy Graham convidou o Presidente Geisel para o encerramento da campanha, no Maracanã, mas não houve uma resposta imediata.

BÍBLIA DE PRESENTE

Acompanhado de alguns auxiliares, a audiência do pastor americano com o Presidente Geisel durou cerca de 20 minutos, desenvolvendo-se em clima de cordialidade.

Depois de oferecer-lhe uma Bíblia com o nome do Chefe do Governo gravado em ouro, o pastor Billy Graham disse ao General Geisel que "no momento o Brasil desperta a atenção do mundo como verdadeira

estrela de crescimento econômico."

Acrescentou depois que quando da última reunião de sua Cruzada Evangelista, em julho passado, na Suíça, ele recebeu de presente uma bandeira brasileira, a qual levou para o seu escritório, a fim de inspirá-lo nas orações pelo bem-estar do Brasil e do povo brasileiro.

O encerramento da campanha, no Maracanã, no dia 6, será transmitido para todo o mundo por uma cadeia de rádio e televisão.

Maçons do Rito Brasileiro realizam este mês no Rio sua 1.ª Convenção Nacional

Os maçons do Rito Brasileiro realizarão de 18 a 20 deste mês sua Primeira Convenção Nacional, no Rio, comemorando de uma só vez: os 60 anos de fundação do Rito, seis anos de sua consolidação, 66 anos da morte de José do Patrocínio, 30 anos do desembarque do primeiro escalão da FEB na Itália, 100 anos de nascimento de Nilo Peçanha, 115 anos de nascimento de Lauro Sodré e 200 anos de nascimento de José Hipólito da Costa.

O Rito Brasileiro foi fundado em 1914 por Lauro Sodré mas esteve "adormecido" por muitos anos e foi reabilitado entre 1963 e 1968, período em que o Grande Oriente do Brasil teve como Grão-Mestre Geral o Sr. Alvaro Palmeira — segundo ele próprio afirma.

Diferença

Esclareceu o Sr. Alvaro Palmeira que a grande diferença entre o Rito Brasileiro e os demais ritos (escocês, francês, alemão, adoniramita e de York) é que "o brasileiro admite a discussão de problemas cívicos, enquanto todos os demais são fraternalistas." E acrescentou:

— Se a maçonaria não tem pátria, os maçons têm. E se a maçonaria é supranacional, não é porém des-

nacionalizante. O que nós achamos é que não podemos parar no tempo, e por isso o lema do rito brasileiro é *Novae sed Antiquae* (nova mas antiga). Esse lema tem o mesmo sentido de **Ordem e Progresso** e do lema da revolução de 64, **Segurança e Desenvolvimento**: ordem, assim como segurança, quer dizer tradição, enquanto progresso e desenvolvimento significam renovação.

Precedentes

Disse o Sr. Alvaro Palmeira que os primeiros núcleos maçônicos do Brasil datam de 1789 e que, "na época, seus adeptos participaram ativamente de todos os movimentos insurrecionistas, inclusive da Inconfidência Mineira: Tiradentes foi maçom."

Lembrando terem sido também maçons D. Pedro I, Caxias, Deodoro, Nilo Peçanha, Rui Barbosa e o Barão do Rio Branco, afirmou:

— O grande número de homens públicos nos quadros da maçonaria justifica que ela assuma abertamente sua participação no processo político brasileiro.

Requisitos

Segundo o Sr. Alvaro Palmeira, para ingressar em qualquer uma das 43 lojas maçônicas do Rito Brasileiro "o indivíduo precisa ser livre e de boa conduta, além de aceitar os princípios de fraternidade e civismo do Rito."

— Assim — acrescentou — ficam excluídos de saída todos os religiosos, porque quem prestou voto de obediência não é livre, bem como todos aqueles que con-

cordam com ideologias socialistas, porque quem prega a luta de classes não pode aceitar a fraternidade.

Disse ainda que o candidato, para ser aceito, precisa ter instrução primária completa e ganhar mais de dois salários mínimos por mês.

Disse ainda que o candidato, para ser aceito, precisa ter instrução primária completa e ganhar mais de dois salários mínimos por mês.

A Primeira Convenção Nacional do Rito Brasileiro será realizada no Palácio Maçônico, na Rua do Lavradio, 97.

ung	Datum	Nummer
J8	12 - 10 - 74	

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchive

Zeitung	Datum	Nummer

DO BRASIL Sexta-feira, 18/10/74 1.º Caderno

Convenção nacional reúne maçons que debatem temas políticos de suas lojas

Começa hoje e vai até domingo a I Convenção Nacional do Rito Brasileiro, o único dos seis ritos maçônicos existentes no Brasil que admite a discussão de problemas políticos em suas lojas, enquanto os outros definem-se como exclusivamente "fraternalistas".

Os maçons do Rito Brasileiro, cuja linha política coincide com a da Revolução, estarão comemorando em sua convenção o 60º aniversário da fundação do Rito (que existe desde 1914, mas só foi estabelecido definitivamente em 68) e também os 30 anos do desembarque do primeiro escalão da FEB na Itália e o nascimento ou morte de homens públicos como José do Patrocínio, Nilo Peçanha, Lauro Sodré e Hipólito da Costa.

PROGRAMA

A convenção será aberta às 20h com palestra do Grão-Mestre Alvaro Palmeira, na sede do Grande Oriente do Brasil. O maçom vai falar sobre a história do Rito Brasileiro, abordando também as biografias de seus fundadores, Coelho Lisboa, Eugênio Lapa Pinto, Evaristo de Moraes, Joaquim Xavier Guimarães Natal, José Joaquim do Rego Barros, José Mariano Carneiro da Cunha, Lauro Muller, Lauro Sodré, Leôncio Correia, Mário Behring, Nilo Peçanha, Otacilio Camará, Otaviano Bastos, Otávio Kelly, Ticiano Daemon, Veríssimo José da Costa, Virgílio Antonio e José Firmo, a quem serão prestadas homenagens *post-mortem*.

Amanhã será realizada às 10h uma sessão de iniciação

ao grau 33 (o grau máximo da maçonaria); às 14h sessão para entrega de Emendas, Sugestões e proposições à Comissão Geral, em prol do Rito, do Grande Oriente do Brasil e da Pátria. Uma outra sessão de iniciação, esta ao primeiro grau, se realizará às 15h e, terminando o programa de amanhã, haverá às 20h palestra do maçom Alves Filho sobre As personalidades dos Maçons e Efemérides em Comemoração.

Domingo, às 9h, os maçons do Rito Brasileiro visitarão o Monumento dos Pracinhos, onde o maçom, Almirante Christóvão Luis de Barros Falcão fará palestra; às 10h 30m visitarão o Instituto Conselheiro Macedo Soares e às 13h 30m um almoço de confraternização marcará o encerramento da convenção.

Assembléia paulista saúda ex-oficial japonês com 5 parlamentares no Plenário

São Paulo (Sucursal) — Ao ser saudado ontem pela Assembléia Legislativa paulista com apenas cinco deputados em plenário, o ex-tenente do Exército japonês Hiroo Onoda, que permaneceu em estado de guerra nas Filipinas até recentemente, observou ao Deputado arenista Shiro Kyono com um sorriso: "acho que chegamos fora de hora".

O parlamentar, depois de explicar ao ex-oficial japonês que as coisas eram assim mesmo, subiu à tribuna para ler a história do homenageado, que permaneceu 28 anos na selva combatendo, sem saber que a guerra terminara. Ao terminar, o Deputado emedebista Jairo Maltoni, na Presidência, irrompeu em palmas, logo seguido pelos quatro únicos parlamentares nas bancadas.

ELOGIO

O Sr. Shiro Kyono — que sempre manifesta alegria pela presença do ex-Tenente Onoda no Brasil numa época de eleições — disse que ele "escolheu para viver um país livre onde o povo tem a felicidade escrita no rosto. Este homem é um exemplo de perseverança, dignidade e lealdade. E um homem assim só poderia es-

colher o Brasil para morar e viver em permanente estado de satisfação. Meu Partido tem orgulho de tê-lo trazido para ser homenageado pela Assembléia."

O ex-oficial japonês será recebido no dia 21 pelo Governador Lauro Natel e depois seguirá para o sítio do irmão, em Ribeirão Pires, para ajudá-lo no cultivo de flores.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

^{JB}
Muçulmanos
encerram ^{18/X}
sua festa ^{R74}

Amanhã, quando a Lua aparecer, termina para os muçulmanos o *Baiham*, festa tradicional que se sucede durante quatro dias após a comemoração do Ramadã e durante a qual eles costumam distribuir alimentos, roupas e dinheiro aos mais necessitados e se visitam para rezar e falar de Alá (o seu Deus) e das coisas espirituais.

Os seguidores de Maomé — que no Rio são cerca de mil entre os 500 milhões distribuídos por todo o mundo, segundo o Consulado da República Árabe do Egito — cumprem, assim, o preceito do *Alcorão*, que manda dar aos pobres os alimentos de que se privaram durante o mês de Ramadã. Eles se levantam às 6h, fazem a oferta e depois vestem a roupa nova para receber e fazer visitas.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum

Nummer

SP 5/xii/74

BRO DE 1974

Igreja espera a aproximação

O ESTADO DE S. PAULO — 25

da Maçonaria

Do correspondente em
FORTALEZA e da Sucursal
do RIO

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, está enca-

minhando a todo o clero cearense carta na qual afirma que a Igreja está disposta a rever seu comportamento diante da Maçonaria. No mesmo documento, dom Aloísio diz que os bispos pensam na necessidade, também, de uma aproximação recíproca por parte dos maçons, sem o que a Igreja não ado-

tará nenhuma atitude. A carta não tem caráter oficial e mais se parece com um relatório bastante detalhado dos assuntos debatidos pela CNBB durante sua última reunião, em Itaipé.

Na carta, dom Aloísio diz que o assunto "Igreja-Maçonaria" foi amplamente estudado, mas a ausência de documentação

oficial suficiente que dê ao episcopado a necessária segurança para orientar os católicos, está dificultando a aproximação. Antes de fazer um pronunciamento oficial sobre o tema, espera o episcopado recolher documentação que lhe permita fazer completa avaliação dos problemas.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — distribuiu ontem, no Rio, boletim sobre suas atividades na administração anterior em que o trabalho com os leigos foi um dos pontos que maior atenção mereceu da Presidência e da Comissão Episcopal Pasto-

ral, desde a reestruturação do órgão, em 1971.

Já naquela época — segundo o boletim — havia a necessidade de promover maior inter-relacionamento com troca de experiências entre os trabalhos de apostolado ambiental, rural, operário, estudantil, independente e familiar, ou seja, os se-

tores com os quais a Igreja se preocupava.

Brasil pode alugar satélite



...mente assim que os maçons definiriam melhor sua posição oficial, admitiu ontem Dom Ivo Lorscheiter, recentemente reeleito secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

...a maçonaria mas a da Maçonaria em face da Igreja". Dom Ivo observou que a resolução aprovada pelos bispos, em sua recente assembléa-geral, para um melhor relacionamento entre as duas instituições, resultou em "um dos textos mais burocráticos".

Sem alterações

É o seguinte o teor da resolução: "A Igreja está disposta a rever a sua posição em relação à Maçonaria. Não pode fazê-lo no momento, porque não conseguiu obter suficientes dados e informações oficiais (da própria Maçonaria) que lhe dêem segurança para rever as normas disciplinares vigentes para os católicos. Espera poder receber tais informações, para prosseguir nos estudos em andamento".

Ainda com referência à XIV Assembléa-geral dos Bispos, encerrada terça-feira em Itaipá, São Paulo, Dom Ivo Lorscheiter confirmou que a linha pastoral traçada pela CNBB para o próximo quadriênio no governo da Igreja não sofrerá modificações.

Essa linha pode caracterizar-se pelo desejo de contribuir positivamente não só para o crescimento da Igreja como também para o bem do povo. Queremos ser construtivos, o que não nos impede de sermos livres. E se não queremos criar dificuldades para ninguém, também não fugiremos a elas quando o dever nos chamar — declarou Dom Ivo.

O secretário-geral da CNBB — que logo após sua posse da Diocese de Santa Maria (RS), em abril passado, sofreu grave intervenção cirúrgica — disse nunca ter gozado de tanta saúde como agora e que vai continuar a atender os dois cargos passando cada mês, 15 dias na CNBB e outros 15 dias em Santa Maria.

Uma boa campanha

Sobre o recente pleito eleitoral, Dom Ivo se pronunciou discretamente mas de forma lisonjeira afirmando que "a maneira como se processou a campanha engrandeceu o Governo federal."

— Provou-se — continuou o prelado — que o brasileiro tem uma vocação para a liberdade e a suficiente maturidade para a usar bem em ordem e com o sentido da co-responsabilidade.

O fato de candidatos divorcistas terem ganho as eleições não intimidou o secretário-geral da CNBB, mesmo diante da promessa que Nelson Carneiro fez de intensificar sua campanha divorcista no próximo ano.

— Não cremos — disse Dom Ivo — que essas medidas (aprovação do divórcio) venham a ser aprovadas pelo Congresso Nacional (para o que a CNBB conta também com os contatos de

sua assessoria especial junto àquele Poder).

— Não desconhecemos as feridas que existem na família — continuou o Bispo — mas não queremos que elas aumentem. Nem tudo é válido para ser feliz. Não se pode fazer a felicidade de uns pela infelicidade de outros e solapando as instituições sagradas.

Na ocasião da entrevista de Dom Ivo, foi distribuída a lista com o nome dos novos membros eleitos pela Assembléa-geral dos Bispos para a Comissão de Pastoral da CNBB, assim composta: Dom José Freire Falcão, encarregado do setor Estruturas da Igreja; Dom Moacyr Grecchi, da Ação Missionária; Dom Paulo Ponte, da Catequese; Dom Clemente Isnard (o único reeleito), da Liturgia; Dom João Batista Przyklenk, de Ecumenismo; e Dom Nivaldo Monte, da Justiça e Ação Social.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Datum
08. Okt. 1975

Nummer

TEMPLO

Réplica brasileira

Miniaturas douradas do templo Kinkaku-ji de Quioto, o mais famoso do Japão, podem ser encontradas com facilidade em qualquer dos estabelecimentos do movimentado bairro oriental da Liberdade, centro de São Paulo. Mas daqui a dois anos japoneses e seus descendentes poderão visitar em Itapeverica da Serra, a 25 quilômetros da capital, uma réplica exata do original japonês, construída pela Vale dos Templos S.A. Esta empresa, criada para explorar comercialmente o templo como depósito de cinzas de cremados, engloba um grupo de investidores particulares e a firma NH-Empresa Brasileira de Vendas, encarregada de sua implantação.

"Desde que o crematório da Vila Alpina foi inaugurado no ano passado, não há o que fazer com as urnas contendo as cinzas", diz Nicolau Haxcar, presidente da NH, que em quinze anos de existência já vendeu títulos de clubes e até carnês a prazo para o carnaval de São Paulo. E agora pretende repetir com

Budiment

o Kinkaku-ji brasileiro o mesmo sucesso que obteve a primeira réplica, construída em 1968 no Havaí. Os apelos publicitários serão dirigidos a uma numerosa colônia japonesa, cujas crenças religiosas aconselham a cremação. Por isso não é de espantar que 60% das 20 000 declarações pedindo este ritual após a morte, encaminhadas ao crematório da Vila Alpina, na zona sudeste de São Paulo, sejam de membros desta colônia.

Cercado de jardins "planejados pelo mesmo paisagista que cuida dos jardins imperiais", o templo terá 40 000 metros quadrados de área, com investimento de 50 milhões de cruzeiros. No seu interior haverá 2 000 nichos — para colocação de até seis urnas contendo cinzas — que serão vendidos, a título perpétuo, a partir deste mês, por 10 000 cruzeiros.

"Em nenhum momento o templo lembra a morte e fatalmente será uma atração turística", diz Haxcar. "Mas sobretudo será um bom investimento, pois em Honolulu o preço inicial do nicho era de 1 500 dólares e hoje é vendido por 9 000."

ENTREVISTA: DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO

O poder das religiões

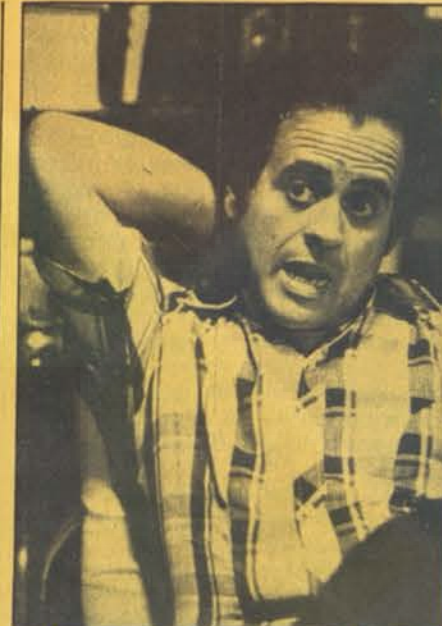
PROFETAS, SACERDOTES, REIS
E GOVERNANTES,
NA ANÁLISE DE UM CIENTISTA

Por Judith Patarra e Nirlando Beirão

Tradicionalmente, ciência e religião nunca alimentaram muitas simpatias recíprocas. Sobretudo após a reação laicizante do Iluminismo francês, no século XVIII, os cultores da razão científica trataram de desterrar o fenômeno religioso para os territórios exclusivos da fé ou da superstição — acusando as manifestações de misticismo de vorecerem, de uma forma ou de outra, a dominação e a alienação. Só mesmo neste século, a partir dos estudos de sociólogos como o francês Émile Durkheim, é que a barreira de dogmas insuados pelo positivismo, pelo racionalismo e pelo materialismo começou a ir — e a religião voltou ao convívio científico.

O Brasil, em particular, é terreno fértil para a investigação de tal gênero de fenômenos. Romarias, peregrinações, secretismos religiosos, candomblés, catolicismo rural, os "crentes", os "beatos" sertão nordestino, os movimentos messiânicos, o "Padim Ciço", fanatismos e violência religiosa — eis apenas alguns episódios ou personagens profundamente ligados à cultura brasileira. Naturalmente, a sociologia não pode desprezar tal quadro, principalmente pelo fato de que todas essas manifestações de religiosidade ou misticismo se encontram claramente relacionadas a todo um universo social, econômico e político.

Douglas Teixeira Monteiro, 49 anos, sociólogo, professor-assistente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, é um dos que aceitaram o desafio de estudar esses fenômenos — todos eles abrigados sob o título da "Sociologia da Religião". Interessado pessoalmente nos episódios em que religião e violência se misturam, Monteiro acabou dedicando a um deles o caso do Contestado, em Santa Catarina, entre a primeira e segunda décadas deste século — sua tese de doutoramento: "Errantes do Novo Século", defendida em 1974. Por essa tese, ele acabaria ganhando, no último dia 12, o Prêmio Governador do Estado de São



Monteiro: aceitando um desafio

Paulo para Ciências Humanas. Por que, sob o manto de submissão e conformismo das religiões tradicionais, escondem-se eventualmente, como ocorreu no Contestado, a insubmissão, a rebeldia, o anseio de violência? Este é um dos temas que Monteiro aborda nesta entrevista.

Todos querem agir em nome de Deus

VEJA — Como o senhor compreende religião de um ponto de vista sociológico?

MONTEIRO — Há uma afirmação, ao mesmo tempo chocante e bonita, do sociólogo Peter Berger: toda sociedade humana é, num certo sentido, uma comunidade diante da morte. Religião seria, portanto, expressão de ansiedade e angústia. Apesar de belo, julgo tal entendimento antes filosófico que sociológico.

Já se acreditou, também, que religião é uma grande falsificação, montada para enganar os homens e mantê-los submissos. Mas hoje podemos afirmar que essa atitude cedeu lugar ao estudo da religião como uma das dimensões culturais das civilizações, ao lado da política, da economia e outras.

VEJA — Ajirma-se freqüentemente que as ideologias religiosas, suas crenças e práticas têm funções conservadoras.

MONTEIRO — Tal função é inegável. A religião tem fornecido, historicamente, um quadro de referência às pessoas, assegurando-lhes que as coisas boas e más, individuais ou coletivas, têm um certo sentido. Por outro lado, a associação entre os poderes deste mundo e o sagrado, ao longo da História, se torna quase natural. Os faraós egípcios são um exemplo. Ou os reis da Idade Média, legitimando sua coroação através do papa. A longa briga da Constituinte de 1945, no Brasil, para colocar na Constituição a frase "Em nome de Deus, nós deputados..." é outro exemplo. Afinal, a que Deus se referiam? Todos procuram fazer as coisas em nome de Deus, procurando a legitimação que tudo cobre. Em certo sentido, tudo se passa como se a autoridade terrena participasse das glórias e dos direitos de veneração, respeito e até mesmo adoração, em princípio devidos às divindades. Esse conúbio entre os poderes do Céu e da Terra só pode ser visto, de uma perspectiva cristã, por exemplo, como blasfêmia e idolatria.

VEJA — As divindades sempre se encontram tão fora do alcance, coagindo os seres humanos, ou há religiões que proporcionam maior proximidade?

MONTEIRO — Os crentes de umbanda, por exemplo, convivem de maneira íntima e até um pouco gaiata com as entidades superiores: os fiéis recorrem aos deuses, talvez inclusive os trapaceiem, podendo assim, humanamente, receber castigo de volta. Sou conduzido, em função de tais ocorrências, a pensar

que existem outras modalidades de sagrado. Explico: acho que o sagrado não se coloca apenas em altas esferas transcendentais. Essa suposição me assaltou especialmente após estudar o movimento milenarista do Contestado.

VEJA — *O que se deve entender por "movimento milenarista"?*

MONTEIRO — Aquele que tem a expectativa de uma era de paz aqui, na Terra. Neste mundo. Note-se que a expressão milênio não significa exatamente 1 000 anos, mas um mundo renovado. A partir dessa idéia, compreende-se o milenarismo indígena das Américas, sob influência jesuíta, franciscana, missionária. A idéia cristã da segunda vinda de Cristo, associada às circunstâncias catastróficas da vida dos índios, tornou-se uma idéia-força. Eles a agarraram, manipulando-a inclusive contra os dominadores. O fenômeno, que assumiu formas semelhantes no mundo inteiro, tem um claro sentido anticolonialista. É como se o colonizado utilizasse os instrumentos recebidos, mudando-lhes porém o sentido, para defender-se e agredir. Em São Paulo, mais precisamente no bairro de Pinheiros, um índio sublevoou-se no século XVI, declarando-se Nossa Senhora.

VEJA — *Movimentos como o do Contestado surgem sempre num momento de impasse cultural?*

MONTEIRO — Essa é uma realidade universal. São momentos de crise econômica, crise cultural, perda de valores, dificuldade de encontrar novos caminhos. Resumindo: uma crise radical pode levar a uma rejeição também radical do mundo, e propor alternativas.

O significado das profecias

VEJA — *Embora contestadores, os movimentos milenaristas apelam, então, para valores do passado?*

MONTEIRO — A causa encontra-se na idealização das instituições do passado. No Contestado, a idéia da monarquia estava presente entre os revoltosos. Mas não tinha, aparentemente, ligação com a família real deposta. A um sertanejo prisioneiro perguntaram como definiria o regime e ele respondeu: "Monarquia é uma coisa do Céu". Supõe-se, então, que seriam uma ordem política e social negando, de forma radical, o que havia aqui. De qualquer modo, todos esses movimentos sociais de caráter religioso, no Brasil, inclusive os messiânicos — que anunciam a vinda de uma figura humana de dotes divinos —, caracterizam-se por um sentido profético.

VEJA — *Qual o significado sociológico dessa expressão? Normalmente, a profecia é compreendida como previsão.*

MONTEIRO — É um certo tipo de discurso, sempre tido como de inspiração divina, que transmite mensagens de caráter eminentemente político — no sentido amplo. Manifesta-se em situação de crise, propondo soluções e, também, prevendo. É uma proclamação que denuncia uma determinada situação, apresenta regras de conduta e afirma que esse estado de coisas não persistirá.

VEJA — *Quais seriam as religiões proféticas brasileiras de hoje?*

MONTEIRO — Os movimentos pentecostais — de "crentes" — têm esse caráter. A profecia pentecostal, entretanto, a rigor, deixa de ser profecia, no sentido grandioso de profecia bíblica a que ela se reporta, devido a seu caráter rotineiro, pois durante os cultos religiosos tem-se como certo que o Espírito Santo pode — através da palavra de alguns irmãos inspirados — traçar e retrazar caminhos. Aliás, o Espírito Santo cura, ensina, orienta, aconselha, arranja emprego e até mesmo trata pessoalmente de papéis no fórum. Do ponto de vista doutrinário, essa rotina possui algo que pertence ao cristianismo de modo geral: a participação ativa do Espírito Santo na vida da igreja e na vida pessoal dos crentes. A terceira pessoa da Santíssima Trindade é figura atuante.

VEJA — *Qual seria a reação de um pastor pentecostal diante de um sociólogo estudioso de religiões?*

MONTEIRO — Consegui me entrevistar com um deles. O pastor me recebeu com grande gentileza, logo perguntou: "Ah, o senhor é da universidade? É na sua faculdade que ensinam que o homem descende do macaco, não é?" Os pentecostais aceitam a Bíblia literalmente, repelindo qualquer interpretação. O homem foi feito de barro, e a vida lhe foi concedida por um sopro de Deus.

VEJA — *O pentecostalismo e a umbanda seriam as religiões de crescimento mais acentuado no Brasil. Quais as relações entre os fiéis e o sagrado, nesses cultos?*

MONTEIRO — Na umbanda os vínculos são menos sólidos: qualquer um pode assistir às sessões, encomendar serviços. E depois afastar-se. É mais magia que adesão. No pentecostalismo há adesão e acesso direto ao sagrado — o Espírito Santo está presente. Na religião católica oficial, isso é difícil; os sacramentos exigem um intermediário, o sacerdote. Já no catolicismo popular, o indivíduo pode ser devoto de Bom Jesus de Pirapora, indo todos os anos até lá, cumprindo as obrigações com o santo.

Não precisa nem ir à missa, na cidade onde mora.

VEJA — *E o catolicismo rural?*

MONTEIRO — Como os padres escassos no interior, a população rural acostuma-se a viver sem padres, igreja hierarquia. Nesse meio-tempo, entretanto, instalam-se crises, fatos extraordinários precisam ser explicados, aparecem cometas. É assim que surge o espírita leigo. Obviamente, quando o padre aparece, a população vai em massa à igreja e o respeita. Mas o contexto explica por que o migrante rural, recém-chegado na cidade grande e isolado, atende às solicitações do pentecostalismo — uma comunhão de irmãos pobres que se apóiam. A umbanda também acolhedora nesse sentido, mas seus ritos são distantes, na maioria dos casos, tradição rural brasileira.

Por que a umbanda está crescendo

VEJA — *A umbanda cresce porque aumentam as incertezas da classe média.*

MONTEIRO — Não só as da classe média. A busca de seus ritos tenta resolver problemas e atende às incertezas de hoje: quem garante que o casamento vai sobreviver? Antigamente o marido podia ser péssimo, mas como nuava marido até morrer, sustentando a família. Hoje não. Há também uma insegurança quanto ao relacionamento entre pais e filhos — as pessoas sempre pisando em ovos, não sabem o que vai acontecer. Já os pentecostais proporcionam um amparo religioso substitutivo do amparo obtido nas instituições previdenciárias e de saúde. Para os crentes cujos problemas já passaram desse nível, a congregação é um apoio fraterno e uma garantia de cooperação. Aliás, é convicção generalizada, no interior de São Paulo, que o crente pentecostal enriquece.

VEJA — *Voltando ao profetismo, o fato de ele ser encontrado na Bíblia indica que sua retomada é uma volta à tradição, com novas interpretações?*

MONTEIRO — O fenômeno existe na tradição mesopotâmica e no judaísmo antigo. No judaísmo, a inspiração dos profetas manifestava-se pela presença do espírito do Senhor. Portanto, era o profeta que falava, mas o próprio Jeová. Por isso é que havia tantos comportamentos estranhos; a Bíblia descreve. Isaias, por exemplo, percorrendo as ruas de Jerusalém, comportando-se como demente aos olhos da gente comum. Anunciava, desse modo

continua na página

continuação da página 4

as privações que o futuro reservava ao povo, caso não se corrigisse.

VEJA — O fato de um profeta assumir comportamentos estranhos não o torna potencialmente perigoso?

MONTEIRO — O Espírito, a inspiração são sempre riscos para a ordem, a estabilidade. Na medida em que o Espírito "sopra onde quer", ninguém o domina. Mesmo que todo mundo esteja acomodado, de repente ele pode soprar e alguém profetiza. Conclusão: o profetismo e a inspiração sempre trazem em si o risco da contestação. E mesmo originando uma profecia banal, o sopra é sempre liberdade, com todos os riscos da anarquia; é o contrário do establishment.

VEJA — O profeta contesta, portanto, as formas petrificadas da religião, que tendem a tratar Deus como objeto utilitário?

MONTEIRO — Sim. Tanto na tradição judaica quanto na cristã, a profecia passa a ser força de negação diante da estabilidade solidificada. No entanto, toda instituição precisa garantir a própria continuidade. Daí a presença de sacerdotes garantindo a ordem. A oposição entre sacerdotes e profetas chega a ser situação comum, embora tenham existido sacerdotes-profetas.

Diferenças entre Elias e Jeremias

VEJA — A contradição entre sacerdote e profeta tem a mesma intensidade que a oposição governante e profeta?

MONTEIRO — Como o sacerdote e o rei, chefe de Estado ou governante, garantem as instituições, ambos associam-se para garantir a continuidade do sistema social. Em consequência, o rei vê tanto risco no profeta quanto o sacerdote. O profeta, aliás, vê risco idêntico no rei, déspota ou poderoso, na medida em que estes dominam os homens, obrigando-os a dobrarem os joelhos diante de coisas que não são Deus. O profeta Isaías, diante da iminência de uma batalha, disse: "Alguns homens confiam em carros, outros em cavalos; mas nós confiamos no Deus Altíssimo". A idolatria denunciada por Isaías — carros, cavalos — não seria, hoje, equivalente a confiar exclusivamente em automóveis e no crescimento do PNB? O profeta, obviamente, coloca-se contra.

VEJA — O profeta não se caracteriza pelo que se convencionou considerar como bom senso?

MONTEIRO — Ele é basicamente

insensato. Acho, inclusive, sugestiva a idéia da oposição entre profecia e sabedoria. A sabedoria é um discurso produzido por homens, sem inspiração divina. Os provérbios, por exemplo, que dizem respeito aos caminhos corretos para o ser humano na Terra, são sabedoria. Já a profecia revela uma lógica que não é a dos homens, mas a de Deus. Qual o maior perigo que o profeta corre? Deixar-se envolver, tornando-se sensato. Aí está liquidado.

VEJA — A Igreja Católica, no Brasil, se conduz como profética?

MONTEIRO — Vou começar a resposta voltando atrás. Em profetas mais antigos, como Elias, a palavra profética era ligada a situações concretas — denunciavam-se certos reis, determinados poderes concretos. Já um profeta como Jeremias punha os descaminhos e a maldade de um determinado rei num cesto, mas junto a ele colocava todo o sistema. Não denunciava apenas uma classe social, um rei ou os poderosos, mas a população inteira. Como se dissesse: "Vocês não têm remédio, a maldade em vocês é tão profunda que não existe solução. Do mesmo modo que é impossível tornar um etíope branco ou eliminar as manchas de um leopardo, é impossível eliminar a maldade que está em vocês". Isso quer dizer que o povo inteiro está podre, a cultura inteira está podre, sendo destruída. E Jeremias falava do povo dele, da gente dele.

Nesse desespero profético, de vez em quando, aparece uma palavra de esperança: virá um milênio, uma ordem de coisas, onde as pessoas não seriam mais circuncisadas na carne, mas no coração. Isto é, quando nossos corações estiverem circuncisados, as crianças seguirão naturalmente os caminhos do Senhor — sequer serão ensinadas. As idéias de um mundo totalmente virado pelo avesso, renovado, passando-se da concepção do sagrado prepotente, dominador, que circuncisa na carne, ao oposto. Desaparece a transcendência e a submissão; os corações estão em aliança com o Senhor. Então — e agora volto à pergunta, para respondê-la diretamente — talvez os padres da Igreja Católica profética estejam se esquecendo de estender a acusação e a denúncia profética a todos nós. Pois todos estamos comprometidos, até o pescoço, com a ordem das coisas. Todos nós, de todas as classes sociais. E não temos remédio.

VEJA — Seria impossível "limpar" nossos corações, como diz o profeta?

MONTEIRO — Nosso mundo é irremediavelmente viciado, e seu tecido viscoso penetra em nossa vida cotidiana. Há um teórico italiano que afirma o seguinte: até o socialismo, se não propuser uma ruptura radical, encontrando

maneiras novas de viver, ficará eternamente comprometido com nosso mundo viciado. Só que a busca de novas maneiras de viver é um risco, ninguém sabe se vai dar certo. Essa idéia, acham um sentido religioso profético.

VEJA — Existem movimentos religiosos proféticos que tenham conduzido a reformas políticas drásticas?

MONTEIRO — De maneira direta não. Mas por trás da independência de países africanos, houve movimentos que funcionaram como ponto de referência para mobilizações importantes. No Brasil, ao contrário, quando funcionaram esses movimentos agem como força mobilizadora em direção ao próprio sistema, que depois se apropria deles.

Dúvidas da Igreja Católica

VEJA — Houve grande demora em estudo científico de formas da religião brasileira. Curiosamente, foi o francês, Roger Bastide, quem iniciou esse trabalho.

MONTEIRO — A causa está na tendência de cada religião dominante julgar que é a única; o resto seria perstição, desvios a que a mente se deixa, deformações, obras de Satan. Ainda hoje, no Brasil, há resistência a estudo científico da religião. Isso acontece, em especial, quando é possível estabelecer contato entre concepções religiosas muito diversas, através de uma noção de sagrado suficientemente geral. O interessante é que o estudo, no Brasil, começou pelas religiões de gente pobre, de pouca expressão social e política; um estudo que parecia atitude folclórica condescendente — no sentido da palavra folclore. Provavelmente, aliás, nessa época — duas ou três décadas atrás — seria muito difícil obter autorização de bispos para isso era "religiosidade séria".

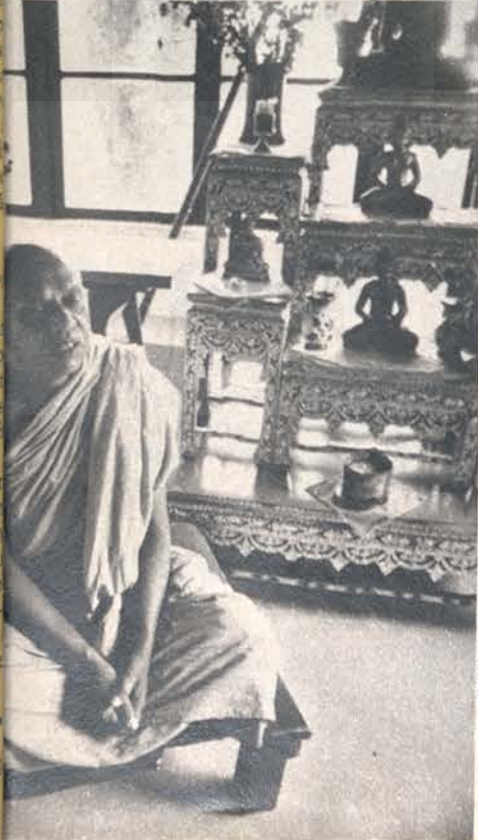
VEJA — A atitude da Igreja, hoje, parece diferente.

MONTEIRO — A Igreja está, a muito interessada em religiosidade popular, pois tenta definir uma pastora em relação a ela. Mas não é só por isso. Devido à força do componente profético que deseja salientar, ela começa a ficar insegura quanto ao sentido da própria religiosidade popular. Seria ela uma força "negativa" no sentido de que contribuiria para a conservação de um comportamento religioso "alienado". Ou, ao contrário, poderia desdobrar — na medida em que é expressão de autonomia — na direção de uma experiência religiosa libertadora?



Buda indiano: 26 séculos depois

Bhadra, no Rio: mulheres à parte



"Procissão das Flores", na Liberdade (SP): algumas controvérsias

Festa budista

O carro alegórico percorreu vagarosamente, no último dia 4, as ruas repletas de letreiros escritos em ideogramas, no bairro oriental da Liberdade, em São Paulo. Dentro, seguia o responsável visual pela evocação das longínquas terras indianas — um elefante branco de material plástico. Acompanhando-o vinha um pequeno e reverente batalhão de fiéis. Esta cerimônia, denominada "Procissão das Flores", e antecipada de quatro dias para cair num domingo, marcou, na semana passada, os festejos da colônia japonesa pelo aniversário de nascimento do Buda Xaquiamuni, 2 600 anos atrás, na Índia.

A data e o protagonista não são isentos de controvérsias, contudo. Pois de acordo com os budistas da Sociedade Religiosa Nitiren Soshu do Brasil, esse Buda — o Xaquiamuni — é apenas um ente temporário. E assim será até a segunda chegada de Nitiren Daishonin, nascido em 1222 e morto em 1256, filho de pescadores e autor de uma pesquisa em 7 000 volumes budistas. Este, sim, seria o verdadeiro Buda, reencarnado. Seja como for, a comemoração reuniu uma parcela dos fiéis das seis seitas devotadas ao Buda Xaquiamuni de São Paulo — príncipe herdeiro de um reino ao norte da Índia, que resolveu, certo dia, abandonar o conforto material e buscar o "caminho da Perfeição".

Fraternalmente reunidos sob o estandarte da Federação das Seitas Budistas do Brasil, os religiosos — umas 150 pessoas, entre as quais bonzos e escoteiros — levaram uma hora e meia para conduzir a procissão através do bairro da Liberdade até a sede da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Lá, vestindo suas mais belas roupagens, os bonzos leram trechos venerados do budismo, glorificando a mensagem do "mortal que se preocupou com os problemas fundamentais da vida".

Flexibilidade — Os seguidores brasileiros do budismo seguem a escola mais moderna e flexível do Japão — aceitam fiéis de outros credos, ecumenicamente, não exigem o vegetarianismo, não cobram o respeito a dogmas. Um exemplo dessa maleabilidade está na própria observância dos preceitos. Assim, há o quase anedótico caso do fiel que se recusou a matar uma barata a pedido de uma assustada colega de trabalho. Para justificar-se, o homem alegou que poderia tratar-se de alguém conhecido, razoavelmente decaído ao longo das sucessivas reencarnações. Mas, depois que a própria colega se desincumbiu da tarefa, também não a condenou. "Não tem importância", observou ele. "Agora a barata vai reencarnar para melhor." Na verdade, apesar das infinitas interpretações que pode ter, a reencarnação é a mais conhecida e popularizada característica do budismo.

Basicamente, a crença advém da convicção de que a alma dos seres vivos evolui alternando elevação e decadência, dependendo das virtudes e dos vícios do indivíduo. Para superar tanto uns como outros, o budismo afirma ser necessário extinguir a ignorância, seguindo certos caminhos — a ciência, a abstenção de pecar contra o próximo e a observância das cinco proibições: matar, roubar, cometer adultério, mentir e embriagar-se. Além disso, é imprescindível ser praticante das virtudes transcendentais — caridade e paciência, energia e recato.

Poucos monges — Tais ensinamentos, tão admiráveis quanto difíceis de serem observados rigorosamente, chegaram ao Brasil no início do século — as datas divergem entre 1908 e 1914. O certo é que, desde então, crescendo com a imigração japonesa e o aumento da população nissei, os budistas, divididos em pequenas variantes, se proliferaram — e devem chegar hoje a 300 000, abrigados em sessenta templos oficiais fincados pelo país afora, mas sobretudo em

São Paulo (onde também há templos de origem chinesa e coreana) e no Paraná. Frequentemente, para todos eles, a prática da religião não é fácil. O número de monges, por exemplo, é insuficiente: apenas 200, em todo o Brasil. E, com isso, a assistência ao espírito não pode ser dada em tempo integral.

Também as meditações (experiências subjetivas pelas quais o fiel procura se fundir à vida universal) não podem ser feitas, como no Japão, atendendo as necessidades de cada indivíduo. Em São Paulo, as meditações da comunidade Sô Zenshu, por exemplo, realizam-se apenas duas vezes por semana, com duração de uma hora. Por isso é comum o aparecimento, no templo da Liberdade, de budistas de todo o Brasil, nos feriados maiores, para meditação. Os alojamentos ao fundo acabam improvisados em dormitório e refeitório.

Dignidade — Haverá festas também no Rio de Janeiro — mas jogando com outras datas. Reunidos na Sociedade Budista do Brasil, os budistas cariocas, ao contrário dos ramos japoneses, preparam-se para festejar o ano 2 521 do nascimento de Buda em vez do ano 2 600. Fais que isso: em vez de abril, as comemorações ocorrerão em maio, como, aliás, estão programando 70% das populações de Burma, Tailândia, Camboja e Ceilão. Um dos organizadores da festa carioca, que levará à Sociedade flores, censo e fiéis para meditar, é o bonzo Bhandra, do Ceilão, há apenas quatro meses no Brasil.

"Consideramos a mente humana doente, pois inclui a gula, o ódio e a ignorância, as três causas da maldade", disse VEJA, resumindo os princípios éticos de sua seita. "Daí degeneram o ciúme, a inveja, a cobiça, a usura, todas que obscurecem a realidade, impossibilitando a vida feliz."

No grande terraço da Sociedade em Santa Tereza, com casa para hóspedes, salas para bonzos e o templo, e os caracteres locais reservados às mulheres, consideradas inferiores, durante os dias estarão vedados o fumo, as bebidas alcoólicas e comidas sólidas — mas, apenas após o meio-dia — para melhor concentração nas meditações.

Essas cerimônias, que exigem enorme capacidade de interiorização, segundo o bonzo Bhandra, podem ou não ter objetivo individualista. Como diz o Kuwajina, sacerdote itinerante que veio ao Brasil em 1971 (VEJA n.º 1), a meditação budista está além de qualquer atividade ou passividade social. Intrinsecamente pensa Nissho Muto, diretor da revista *Terceira Civilização*, da Sociedade Nitiren Soshu do Brasil: "Nos pontos de partida e de chegada é a dignidade da vida humana. Qualquer ato contra ela é intolerável".

Liturgia da terra

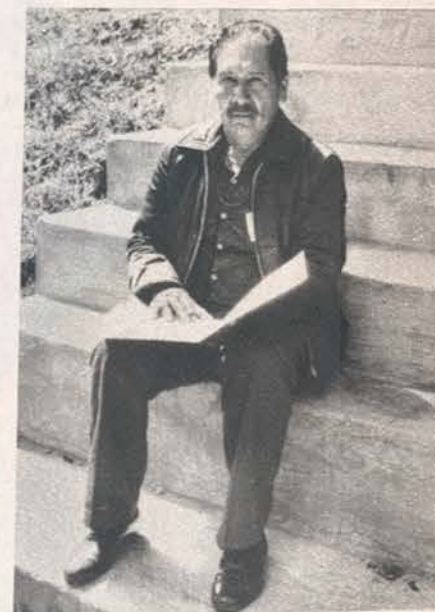
Blusão de náilon, sapatos pretos lustrosos, calça de algodão e cabelos bem aparados, o cacique Klintom, chefe de tribo kaingang do posto Mangueirinha, no Paraná, só denuncia sua condição de índio por um colarzinho de miçangas, pendurado no peito, e pelos indisfarçáveis olhos oblíquos. Ou, então, quando se põe a denunciar a lastimável situação em que vivem seus 10 000 irmãos kaingangs, xoklengs, guaranis e terenas (veja o mapa na página 62), nas 24 reservas espalhadas pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ao lado de outros caciques, quatro bispos e trinta missionários e leigos, Klintom — ou Francisco Luís dos Santos, no registro civil — passou quatro dias da última semana em Curitiba, num encontro regional convocado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e coordenado por seu próprio presidente, dom Thomaz Balduino Ortiz. Ali, Klintom e os outros chefes ouviram a reafirmação de um compromisso tornado público pelo Conselho em junho do ano passado, em Goiânia: o de "assumir a causa do índio, com todas as consequências".

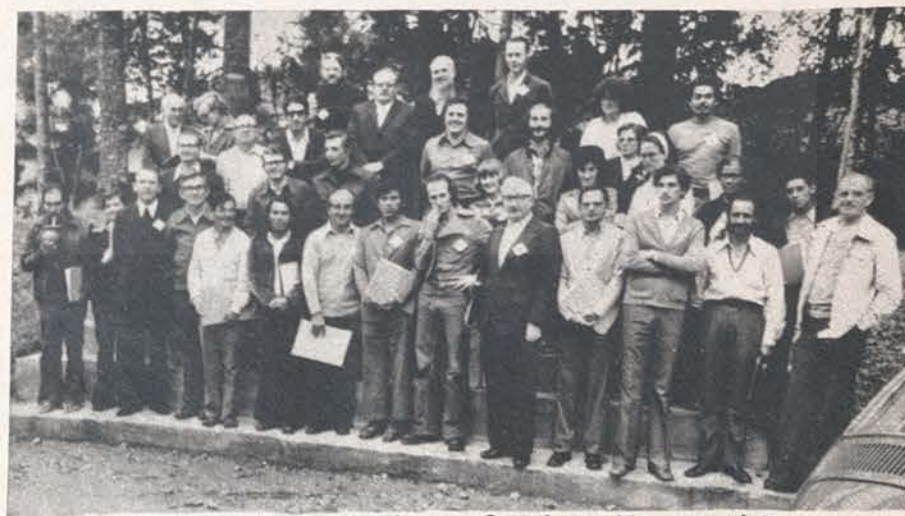
Embora o programa do encontro de Curitiba falasse num "replanejamento da ação pastoral indígena do sul", os temas litúrgicos e de evangelização não foram, na realidade, os que despertaram maior interesse entre os índios — ou mesmo entre os religiosos. Com problemas bem mais urgentes diante de si, os missionários se dedicaram principalmente à tarefa de levantamento da situação em que vivem os índios da região sul do país. Previsivelmente, o quadro apresentado não é nada animador: os índios do sul, concluiu-se, vivem como os índios do resto do Brasil.

Mão-de-obra — Confirma-se na região, assim, a descrição que a assembléia de Goiânia fez sobre a situação nacional: os índios brasileiros vivem um momento de "espoliação de suas terras, destruição de sua cultura e negação do direito de decidir seu futuro". Sequer a Funai escapou à razia de críticas que atingiu grileiros, políticos e empresas agropecuárias. Sem saber que naquele momento, em Brasília, o presidente da Funai anunciava a demissão de toda a cúpula do organismo, padre Egídio Schwabe, assessor do Conselho, relacionava os prejuízos que vêm sendo causados aos índios pela Fundação que deveria protegê-los.

Segundo Schwabe, através de seu Departamento Geral de Patrimônio Indígena (ou "Departamento de Grilagem do Patrimônio Indígena", como dizem os missionários), a Funai explora comercialmente serrarias de madeira em várias



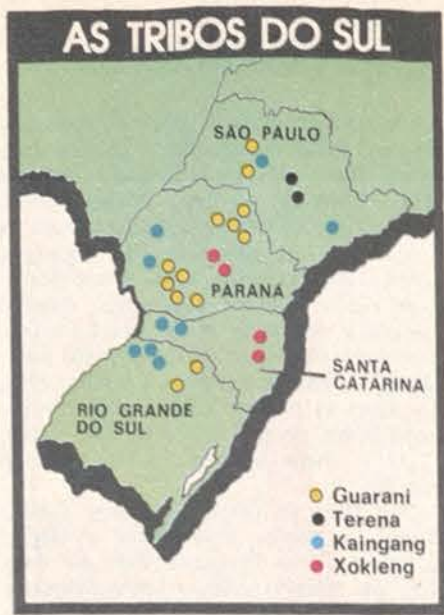
Klintom, ou Francisco: vigilante



Missionários e índios reunidos em Curitiba: união contra intrusos

FOTOS DE CARLOS SOTOYENSKI

reservas indígenas. E pelo menos dois exemplos foram citados: nos postos de Chapecó, em Santa Catarina, e Guaruapuava, no Paraná, as serrarias instaladas pela Funai cortam em média 1 800 dúzias de tábuas por mês, sem que o lucro obtido na venda da madeira jamais tenha retornado às tribos. Além disso, diz padre Schwabe, a Funai utiliza índios como mão-de-obra para operar as serrarias, pagando a eles pouco mais que o salário mínimo regional.



O cacique Segseg, da tribo kaingang de Guarapuava, contou a Pedro Franco, de VEJA, que só depois de muita luta ele conseguiu que seis índios de sua aldeia tivessem a carteira de trabalho assinada pela direção das serrarias. Segseg, um surpreendente conhecedor da legislação indígena, acha que isso ainda é muito pouco. "Eu conheço o Estatuto do Índio", assegurou, "e sei que 45% do fruto do trabalho ou produção do posto devem reverter para os índios da área. Mas isso nunca aconteceu: até agora a Funai só construiu uma escola para a gente. Eu é que tenho que conseguir tudo para os meus índios."

suas terras, uma praga que, no Paraná, atinge a todos indistintamente, sejam ou não índios. As denúncias do Conselho foram confirmadas pelos caciques presentes ao encontro de Curitiba. "A gente só tem um pedacinho de terra", disse, por exemplo, o cacique Klinton. "O governo nos tirou quase tudo e mesmo assim a gente tem que ficar o tempo todo

vigilante, para não deixar entrar intrusos nas poucas reservas que nos sobraram. As queixas de índios e missionários perdem nas névoas de velhos governos estaduais e federais, que fizeram de parte do Paraná um insolúvel quebra-cabeças fundiário. Dos 8 000 alqueires terras que compunham a área original do posto de Mangueirinha, no Paraná, 6 000 foram doados pelo inesquecível vernador Moisés Lupion ao grupo viero, que até hoje não conseguiu regularizar a posse da terra. Ali, nos 2 000 alqueires restantes, sobrevivem hoje guaranis e kaingangs, plantando pelas roças de milho e feijão, ou trabalhando como empregados para os cultores vizinhos. Em outros postos a situação é ainda pior.

Em Rio das Cobras, a área inicial de 38 800 hectares ficou reduzida à metade depois que uma estrada cortou a reserva de ponta a ponta. E, nas terras que foram tomadas aos índios, instalaram-se 350 famílias de posseiros. No fim do ano passado, os guaranis, revoltados, tentaram expulsar os posseiros, fazendo uso de seus velhos arcos e flechas. da mais natural que dom Thomaz, chefe do grupo, encerrasse o encontro de Curitiba na semana passada, com uma declaração de derrota. "Enquanto prevalecer a situação do desenvolvimento", disse ele, "haverá lugar para o indígena."

RELIGIAO



Reunião maçônica na Áustria de 1700...

Segredo desfeito

O espaçoso salão Dom Pedro I, do Hotel Nacional, do Rio de Janeiro, que durante o carnaval costuma albergar noites de trepidantes, recebeu durante a semana passada aquela que pode bem ter sido uma de suas mais sisudas audiências. Por sete dias consecutivos, seus macios tapetes, previamente lavados e escovados, foram percorridos com gravidade pelos participantes da X Conferência Interamericana da Maçonaria Simbólica, o primeiro que se realiza no Brasil. A X Conferência teve como promotora a poderosa Confederação Maçônica Interamericana, que conta com alguns milhares de filiados no continente, e dela participaram 600 representantes de países latino-americanos.

Naturalmente, como os maçons são vigilantes por obrigação e por tradição — presume-se que sua sociedade tenha origem nas associações medievais de pedreiros, que deviam manter em segredo certos conhecimentos profissionais —, o segredo deles denominado "mundo profano" muito pouco ficou sabendo de suas deliberações, tomadas, como de hábito, a portas fechadas. Em vez de alardear um acontecimento reconhecidamente revigorante da tênue unidade maçônica, limitaram-se a promover uma solenidade de abertura, no dia 2, a que compareceram o governador Faria Lima e o prefeito Marcos Tamoyo, a divulgar um discreto documento de conclamação à unidade dos homens" e a assistir a uma inevitável exibição de samba.

Desunião — Mas, se a X Conferência foi um êxito do ponto de vista da Confederação Maçônica Interamericana, isso não significa que toda a maçonaria brasileira tenha se feito representar nela — o que, aliás, teria sido de grande proveito para a solução de problemas disciplinares que conseguem escapar até mesmo de seus mais impenetráveis tempos. Como esclareceu a VEJA o carioca



...e congresso atual, no Rio: ainda sem as mulheres

Heitor Correa de Mello, a Confederação Interamericana conta com a solidariedade de apenas 53 das 735 lojas maçônicas espalhadas pelo território nacional e nada tem a ver com o Grande Oriente do Brasil, a mais tradicional "potência" (corpo soberano que dirige uma federação de lojas) do país, instalada no Rio em 1822.

Em 1927, cruciais divergências em torno de questões rituais provocaram um "cisma" e a constituição de nova "potência" — no caso, a Grande Loja Maçônica do Brasil. E, em 1973, em meio a denúncias de desvio de contribuições e "subversão maçônica", novo cisma afastaria do Grande Oriente do Brasil pelo menos dez grandes orientes estaduais.

Esses dados revelam, para alguns observadores, que a maçonaria brasileira, em outros tempos bem mais discreta e bem mais secreta, estaria na iminência de novas e perturbadoras cisões — fruto, provavelmente, de sua própria perda de substância.

É verdade que subsistem certos sinais



General Bagança: negócios à parte

de megalomania — ainda hoje, dirigentes de lojas sustentam que de todos os presidentes brasileiros "apenas Getúlio Vargas e João Goulart" não foram maçons, e cálculos ainda mais preciosos indicam oito senadores e 117 deputados maçons no atual Congresso. Mas o fato é que os 150 000 maçons brasileiros de hoje pouco têm da militância política de outros tempos, quando José Bonifácio de Andrada e Silva se ocultou em lojas para conspirar contra o domínio português e Deodoro da Fonseca teve procedimento idêntico em relação à monarquia. "A maçonaria continental não tem nenhum compromisso a não ser com si mesma", resumia significativamente, na semana passada, o médico René Valenzuela, representante chileno na X Conferência.

Gratificante — Seja como for, preocupações como a do industrial Francisco Rorato, grão-mestre da Grande Loja Maçônica de São Paulo, que se empenha numa silenciosa fiscalização humanística e social, não têm sido frequentes. Na verdade, a maçonaria brasileira cumpre uma preocupação muito mais filantrópica, mantendo cerca de 2 000 asilos, creches, hospitais e escolas de todos os níveis de ensino, em próximos e remotos municípios — onde se concentra, hoje em dia, a maior parte de seu poder.

Na cidade mineira de Teófilo Otoni, por exemplo, a Grande Loja Maçônica de Minas Gerais é proprietária do hospital municipal e da estação rodoviária. "Preenchemos o vazio deixado pelo governo, aplicando na cidade em 1969 cerca de 2 milhões de cruzeiros", revela o grão-mestre José Lopes Bragança, um general da reserva. Graças sobretudo a um exemplar tino comercial, somente a estação rodoviária alimenta o erário maçônico com a renda de 80 000 cruzeiros mensais. Certamente não era essa a única ocupação que alguns inquietos maçons do passado pretendiam lhe reservar.

Em compensação, a nova orientação imprimida à maçonaria brasileira arrefe-

Comanche. Uma notícia confortável para seus pés

Comanche é a nova onda. Um calçado durável e macio, feito na medida certa pra você passear, assistir uma boa partida de futebol e usar na hora daquele aperitivo com a sua turma. Você encontra Comanche nas cores azul, marrom e bege.



COMANCHE®



Experimente Comanche - o calçado pra pé nenhum botar



O gaúcho Mattola, na Loja do Grande Oriente: os tempos mudaram

ceu seu secular anticlericalismo, criando condições para uma aproximação da outrora inimiga Igreja Católica. Hoje, autoridades como dom Luciano Cabral Duarte, arcebispo de Aracaju, mantêm entidades beneficentes em colaboração com lojas maçônicas. E mesmo o conservador cardeal dom Vicente Scherer, de Porto Alegre, já não vê razões para a Igreja continuar excomungando todos os

adeptos da maçonaria, condenação reiterada por nada menos que nove papas. "A maçonaria", explica dom Vicente, "parece ter sofrido desgaste e perda de prestígio e influência."

Provas — Internamente, na parte ritual, a maçonaria também sofreu mudanças significativas, mas os ritos maçônicos continuam a ser guardados em se-

greco — embora, a rigor, todos eles tenham sido ocasionalmente revelados. Tradicionalmente, por exemplo, o candidato a maçon precisa passar por minuciosa avaliação. Exige-se, entre outros requisitos, que tenha uma renda mensal de cinco salários mínimos em diante, e esteja em pleno gozo de sua capacidade civil, que seja dono de bons costumes e reputação irrepreensível, que possua família organizada e companheira "sã, na e correta". Sua admissão é votada em assembléia e os votos aprovadores são representados por pequenas esferas brancas — uma única bola preta o desclassificará sem qualquer apelação.

Aceito na sociedade, o maçom ainda passará por provas simbólicas classificadas como sendo de bravura, domínio de sentimentos e capacidade física. "Ao contrário de anos atrás, quando um candidato poderia passar por provas de resistência como atravessar um rio a nado, temos agora métodos que não colocam em risco sua vida", explica o advogado Frederico Renato Mottola, grão-mestre do Grande Oriente do Rio Grande do Sul.

Dos velhos impedimentos maçônicos restam hoje, portanto, apenas a exclusão dos portadores de defeito físico que não teriam possibilidade de se incumbir de algumas tarefas secretas, e mulheres — segundo uma antiga tradição folclórica, elas não são aceitas porque não saberiam guardar segredo.

De dom Pedro I a Ademar, 200 anos de história

Fortemente hierarquizada, com uma estrutura semelhante à organização social e política do Brasil — cada grão-mestre de uma de suas "potências" equivale a uma espécie de presidente da República, havendo ainda um conselho imitando o Senado Federal, uma assembléia como a Câmara dos Deputados e assim por diante —, a francomaçonaria foi introduzida no Brasil através de Portugal. Presume-se que tenha desembarcado no território nacional durante o século XVIII, juntamente com idéias iluministas assimiladas na Europa por estudantes brasileiros.

Seu caráter internacional proporcionou-lhe força e prestígio superiores aos desfrutados pelas inúmeras sociedades secretas em moda, que fervilhavam no país. E, rapidamente, a maçonaria se tornaria o mais importante centro de propaganda das novas tendências liberais européias, sobretudo francesas. No começo do século XIX, inúmeras



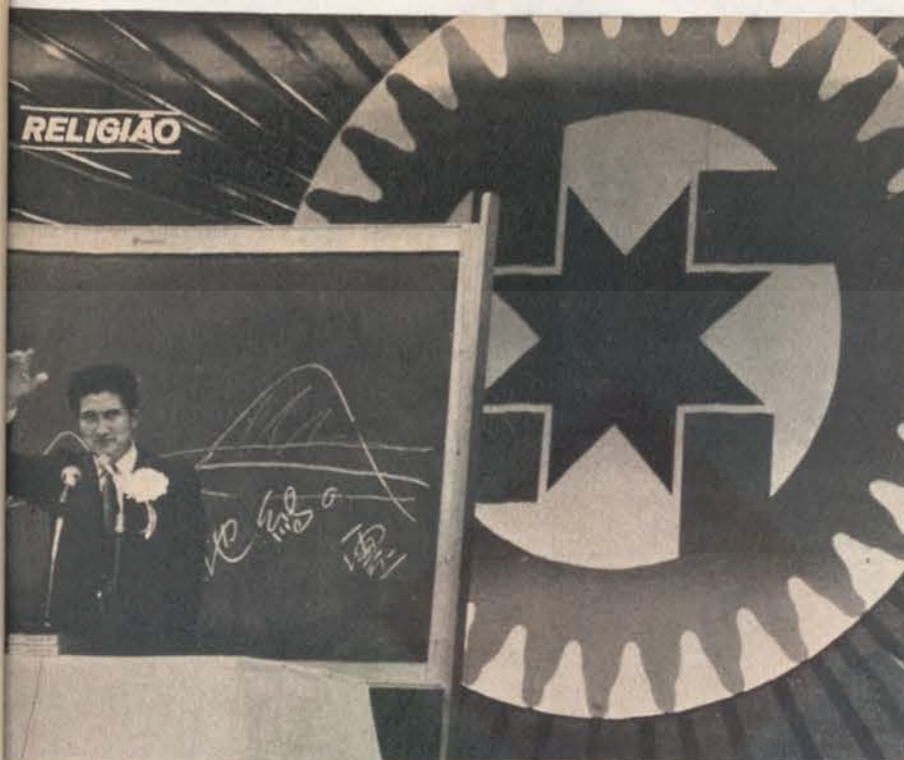
Imperador Pedro I, José Bonifácio e Deodoro: os maçons na política

lojas foram fundadas com o objetivo quase específico de lutar pela independência. O padre Diogo Antônio Feijó e José Bonifácio de Andrada e Silva foram grão-mestres maçônicos.

Com o interesse de políticos eminentes, a maçonaria brasileira se fortalecia bastante, instalando em 1822 o Grande Oriente do Brasil, que atrairia o próprio príncipe dom Pedro. E a autoridade crescente de suas lojas, na segunda metade do século XIX, teria apreciável influência na proclamação da República, tanto que o próprio marechal Deodoro da Fonseca seria eleito grão-mestre do Brasil em 1890.

Do início deste século em diante, a maçonaria praticamente consolidou suas bases, em especial nas cidades do interior.

Mas, em seu trabalho de catequese, não deixou de cultivar a sua política. Conta-se, por exemplo, que o ex-presidente Jânio Quadros teria iniciado quando governador de São Paulo, no próprio interior do Palácio dos Campos Elíseos. Outro governador catequisado foi Ademar de Barros, que teria "desiludido" seus irmãos de sociedade secreta e por isso afastado, a pretexto de não haver gozado as mensalidades de sua loja.



Seicho Tani, o sacerdote-herdeiro: vamos todos rir

Salvação pelo otimismo

Obrigado, obrigado." Para os 800 000 adeptos brasileiros da Seicho-no-Iê, uma religião fundada neste século no Japão, por Masaharu Taniguchi, a partir de elementos budistas e cristãos, essas palavras, acompanhadas invariavelmente por uma oriental inclinação do corpo, significam mais que uma respeitosa saudação — traduzem o imbatível otimismo de uma doutrina que sustenta a imaterialidade do corpo físico, rejeita a existência do pecado e afirma que a doença decorre de erros do pensamento. Nos últimos dias de julho, por exemplo, elas foram redundantemente pronunciadas pelos 4 000 participantes da XXIII Convenção Nacional da Associação dos Moços Seicho-no-Iê, realizada em São Paulo, onde funciona a sede central da religião para a América do Sul. E repetidas, em seguida, em manifestações que reuniram milhares de fiéis no Rio Grande do Sul.

A Convenção dos Moços, além de eloquente demonstração da vitalidade e da aceitação da Seicho-no-Iê, hoje convertida em uma das seitas que mais crescem no Brasil, onde desembarcou na década de 40, revestiu-se de caráter internacional. A ela compareceram o genro e a filha do fundador, respectivamente, Seicho Tani e Emiko Taniguchi. Depois da morte de Masaharu, atualmente com 83 anos, Tani ocupará o cargo de Supremo Dirigente, para cuja função está sendo preparado pelo próprio sogro. Ao final do encontro, em meio a exortações do tipo de "Sorria para todos" e "Não faça previsões do fracas-

so", os dois visitantes ilustres classificaram a Convenção dos Moços de "perfeito sucesso".

Disseminação — Outro sucesso foi a venda dos 110 diferentes títulos de livros religiosos, catorze dos quais de autoria do fundador Masaharu, exibidos em um estande de 80 metros quadrados. Destinados a captar recursos, a doutrina da Seicho-no-Iê se expressa nos títulos postos a venda: "A Mente É Força Criadora", "Convite à Prosperidade" e "Felicidade da Mulher". Seguidamente, em suas páginas, a doutrina estimula o imobilismo social: "Assim que sobe o salário, após a realização de greves, a economia sofre dificuldades, as fábricas reduzem a produção, pois já não podem exportar seus produtos e, como consequência, muitas pessoas perdem o emprego". Já o genro de Masaharu, em "A Mente É Força Criadora", prefere investir no terreno da obviedade econômica: "Quando muita gente começa a dizer que tudo está caro, que tudo vai subir, o custo de vida sobe ainda mais ao invés de abaixar".

Os que não dispõem de dinheiro suficiente para adquirir os livros essenciais da Seicho-no-Iê, vendidos a preços que oscilam de 20 a 150 cruzeiros, sempre podem consegui-los por empréstimo. Afinal, graças a seu grande número de publicações, que circulam de mão em mão, capitaneadas pela revista mensal *Acendedor* (10 000 exemplares) e pelo calendário anual "Preceitos Diários para uma vida Cheia de Luz" (250 000 exem-

Budismo

plares), a seita deixou de se restringir à colônia japonesa. Em alguns de seus templos espalhados pelo Brasil, os descendentes de europeus já são maioria. Os principais núcleos de difusão da Seicho-no-Iê ficam em São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná.

Contra desavenças — Firmemente empenhado em explicar as razões de tão vertiginoso sucesso, o antropólogo Takashi Maeyana dedicou à Seicho-no-Iê a tese de doutoramento que apresentou à Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1967. Nas 335 páginas de seu trabalho, intitulado "O Imigrante e a Religião", ele aprofunda as relações entre a religião e suas funções e as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas em uma sociedade de imigrantes japoneses. E, depois de observar que a seita tenta sepultar toda a causa de caráter social que provoque desavenças, conflitos e ódios, acrescenta: "As contradições sociais são imputadas aos problemas psicológicos de cada indivíduo".

Essa característica, aliás, no entender de Maeyana, revelaria certa conotação fascista na origem da Seicho-no-Iê. Segundo o antropólogo, durante a II Guerra Mundial, quando a extrema direita levou o Japão a uma febril associação à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini, ela foi uma das seitas que mais ativamente colaboraram com o fascis-



Crescem os fiéis: já são 800 000

mo japonês. Diz Maeyana: "Entre 1935 e 1940, Masaharu (o fundador) procurou prestigiar o governo, identificando-se, tanto na idéia como na prática, com a ideologia da guerra, como partidário da adoração do imperador, do caráter divino da nação japonesa e sua conseqüente invencibilidade". Outra observação do antropólogo Maeyana é que a organização da Seicho-no-Iê se inspira de fato na rígida hierarquia familiar japonesa. "Masaharu é presidente da Associação dos Homens, sua esposa, da Associação da Mulher, seu genro, da Associação dos Moços", diz. E conclui: "Durante a guerra, era comum ouvir-se no Japão que o imperador era o pai e a

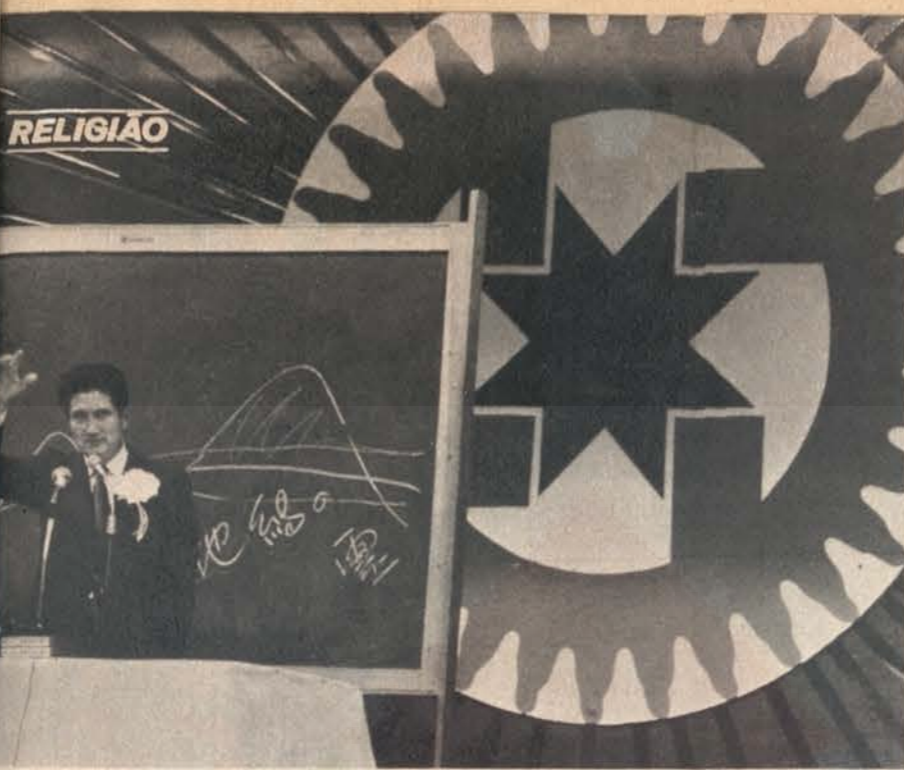
A sustentação de toda essa máquina depende não apenas da venda de publicações mas de uma contribuição mensal a que cada adepto está obrigado, variável de núcleo para núcleo. A seita também controla um supermercado em São Paulo e, até pouco tempo, possuía um outro no vizinho município de Osasco. Mas, evidentemente, o orçamento é completado pelos óbulos compulsórios durante os rituais, pois todos eles têm um preço. O mais significativo, porém, só pode ser realizado no Centro de Formação de Ibiúna, a 55 quilômetros de São Paulo, espécie de seminário nacional da Seicho-no-Iê e atende pelo sugestivo nome de Ritual de Purificação da

Censo da Igreja

Entre 1970 e 1971, existiam 13 29 sacerdotes no Brasil. No período 1970-1976, esse número decresceu para 12 065. Informações como essa aparecerão no "Anuário Católico do Brasil", organizado pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), uma espécie de IBGE da Igreja. A edição 1975-1976, em fase final de impressão, começará a ser distribuída ao preço de 450 cruzeiros, já no início de outubro. Para sua elaboração foram levantados, em quatro meses, informações constantes em 21 735 fichas, preenchidas pelos integrantes das 221 circunscrições eclesiais (que englobam arqui-dioceses, dioceses, prelazias e abadias) e de outras 481 organizações da Igreja, espalhadas por todos os 3 951 municípios brasileiros.

O resultado é um denso volume com 2 500 páginas, contendo um completo detalhadíssimo levantamento das forças com as quais a Igreja pode contar em sua luta contra os males do espírito e as injustiças do mundo. E que, no dizer de um religioso, mostra claramente que a Igreja, como instituição, nada tem a esconder de seu povo. Significativamente trata-se do quarto "Anuário Católico" editado no Brasil, embora nenhum dos anteriores reunisse tantas e tão cuidadosas informações. Os dois primeiros foram editados sob a responsabilidade direta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1957 e 1960. O terceiro apareceu em 1973, já organizado pelo CERIS, mas a lentidão de seus trabalhos, que se prolongaram por mais de um ano, fizeram com que muitas informações ficassem desatualizadas.

Constam do novo "Anuário Católico" ainda, referências nominais, com endereço, nacionalidade, data de nascimento e ordenação, filiação religiosa e ocupação, de 12 065 sacerdotes, 314 bispos, 500 padres provinciais. São relacionados também as 5 973 paróquias do país (eram 5 433 em 1970-1971), com endereço, vigário e santo titular, além de 472 institutos educacionais, assistenciais, hospitalares e religiosos propriamente ditos mantidos pela Igreja no país. Constam ainda da edição informações referentes à organização da Santa Sé e às entidades criadas pela Igreja para ocuparem com a problemática latino-americana, tais como a Comissão para a América Latina, o Conselho Episcopal Latino-Americano e a Confederação Latino-Americana de Religiosos. O "Anuário" não é, no entanto, um trabalho concluído. Trata-se, como explica o diretor do CERIS, padre Afonso Gregório de "um esforço de informação" para facilitar a comunicação entre os membros da Igreja no Brasil.



Seicho Tani, o sacerdote-herdeiro: vamos todos rir

Salvação pelo otimismo

"Obrigado, obrigado." Para os 800 000 adeptos brasileiros da Seicho-no-Iê, uma religião fundada neste século no Japão, por Masaharu Taniguchi, a partir de elementos budistas e cristãos, essas palavras, acompanhadas invariavelmente por uma oriental inclinação do corpo, significam mais que uma respeitosa saudação — traduzem o imbatível otimismo de uma doutrina que sustenta a imaterialidade do corpo físico, rejeita a existência do pecado e afirma que a doença decorre de erros do pensamento. Nos últimos dias de julho, por exemplo, elas foram redundantemente pronunciadas pelos 4 000 participantes da XXIII Convenção Nacional da Associação dos Moços Seicho-no-Iê, realizada em São Paulo, onde funciona a sede central da religião para a América do Sul. E repetidas, em seguida, em manifestações que reuniram milhares de fiéis no Rio Grande do Sul.

A Convenção dos Moços, além de eloqüente demonstração da vitalidade e da aceitação da Seicho-no-Iê, hoje convertida em uma das seitas que mais crescem no Brasil, onde desembarcou na década de 40, revestiu-se de caráter internacional. A ela compareceram o genro e a filha do fundador, respectivamente, Seicho Tani e Emiko Taniguchi. Depois da morte de Masaharu, atualmente com 83 anos, Tani ocupará o cargo de Supremo Dirigente, para cuja função está sendo preparado pelo próprio sogro. Ao final do encontro, em meio a exortações do tipo de "Sorria para todos" e "Não faça previsões do fracasso", os dois visitantes ilustres classificaram a Convenção dos Moços de "perfeito sucesso".

so", os dois visitantes ilustres classificaram a Convenção dos Moços de "perfeito sucesso".

Disseminação — Outro sucesso foi a venda dos 110 diferentes títulos de livros religiosos, catorze dos quais de autoria do fundador Masaharu, exibidos em um estande de 80 metros quadrados. Destinados a captar recursos, a doutrina da Seicho-no-Iê se expressa nos títulos postos a venda: "A Mente É Força Criadora", "Convite à Prosperidade" e "Felicidade da Mulher". Seguidamente, em suas páginas, a doutrina estimula o imobilismo social: "Assim que sobe o salário, após a realização de greves, a economia sofre dificuldades, as fábricas reduzem a produção, pois já não podem exportar seus produtos e, como consequência, muitas pessoas perdem o emprego". Já o genro de Masaharu, em "A Mente É Força Criadora", prefere investir no terreno da obviade econômica: "Quando muita gente começa a dizer que tudo está caro, que tudo vai subir, o custo de vida sobe ainda mais ao invés de abaixar".

Os que não dispõem de dinheiro suficiente para adquirir os livros essenciais da Seicho-no-Iê, vendidos a preços que oscilam de 20 a 150 cruzeiros, sempre podem consegui-los por empréstimo. Afinal, graças a seu grande número de publicações, que circulam de mão em mão, capitaneadas pela revista mensal *Acendedor* (10 000 exemplares) e pelo calendário anual "Preceitos Diários para uma vida Cheia de Luz" (250 000 exem-



No Parque Anhembi, SP: uma convenção obediente e organizada

imperatriz, a mãe — o país era toda uma família".

Máquina — Indiferentes a tais assertivas, os adeptos brasileiros da Seicho-no-Iê atendem docilmente à voz de comando de um presidente doutrinário para a América do Sul, cuja palavra é definitiva em assuntos de fé. Abaixo dele existe um diretor-presidente (mais ligado à administração), assessorado por doze voluntários. Em seguida, vêm as coordenadorias regionais (por Estados ou grandes cidades) e, finalmente, os núcleos locais (espécies de paróquias). No trabalho missionário propriamente dito, cerca de 600 "preletores" se encarregam de transmitir os ensinamentos de Masaharu, auxiliado pelos *dedo-ins* (o primeiro degrau na escala hierárquica). Em São Paulo, ainda trabalham na sede central, no bairro do Jabaquara, nada menos de 110 funcionários.

Alma. Basicamente, trata-se de uma cerimônia que tem para seus adeptos um poderoso efeito catártico — inicia-se com o recolhimento de bilhetes em um cesto, onde cada presente confessa por escrito os seus ódios e fraquezas, que são logo votivamente incinerados; ao final, paira uma sensação geral de "libertação" e "limpeza".

De qualquer forma, os dirigentes da Seicho-no-Iê sempre preferem apresentá-la mais como um movimento filosófico que como religião. Mas, para a socióloga paulista Laila Marrach, que realiza um segundo trabalho universitário sobre a seita, "do ponto de vista sociológico não há dúvida que estamos diante de uma nova religião". Uma religião, como ela esclareceu à repórter Tânia Mendes, de VEJA, "surgida em época de crise, de transformação social e que tem muito de psicanálise e de filosofia alemã".

plares), a seita deixou de se restringir à colônia japonesa. Em alguns de seus templos espalhados pelo Brasil, os descendentes de europeus já são maioria. Os principais núcleos de difusão da Seicho-no-Iê ficam em São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná.

Contra desavenças — Firmemente empenhado em explicar as razões de tão vertiginoso sucesso, o antropólogo Takashi Maeyana dedicou à Seicho-no-Iê a tese de doutoramento que apresentou à Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1967. Nas 335 páginas de seu trabalho, intitulado "O Imigrante e a Religião", ele aprofunda as relações entre a religião e suas funções e as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas em uma sociedade de imigrantes japoneses. E, depois de observar que a seita tenta sepultar toda a causa de caráter social que provoque desavenças, conflitos e ódios, acrescenta: "As contradições sociais são imputadas aos problemas psicológicos de cada indivíduo".

Essa característica, aliás, nos entender de Maeyana, revelaria certa conotação fascista na origem da Seicho-no-Iê. Segundo o antropólogo, durante a II Guerra Mundial, quando a extrema direita levou o Japão a uma febril associação à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini, ela foi uma das seitas que mais ativamente colaboraram com o fascis-



Crescem os fiéis: já são 800 000

mo japonês. Diz Maeyana: "Entre 1935 e 1940, Masaharu (o fundador) procurou prestigiar o governo, identificando-se, tanto na idéia como na prática, com a ideologia da guerra, como partidário da adoração do imperador, do caráter divino da nação japonesa e sua conseqüente invencibilidade". Outra observação do antropólogo Maeyana é que a organização da Seicho-no-Iê se inspira de fato na rígida hierarquia familiar japonesa. "Masaharu é presidente da Associação dos Homens, sua esposa, da Associação da Mulher, seu genro, da Associação dos Moços", diz. E conclui: "Durante a guerra, era comum ouvir-se no Japão que o imperador era o pai e a

A sustentação de toda essa máquina depende não apenas da venda de publicações mas de uma contribuição mensal a que cada adepto está obrigado, variável de núcleo para núcleo. A seita também controla um supermercado em São Paulo e, até pouco tempo, possuía um outro no vizinho município de Osasco. Mas, evidentemente, o orçamento é completado pelos óbulos compulsórios durante os rituais, pois todos eles têm um preço. O mais significativo, porém, só pode ser realizado no Centro de Formação de Ibiúna, a 55 quilômetros de São Paulo, espécie de seminário nacional da Seicho-no-Iê e atende pelo sugestivo nome de Ritual de Purificação da



No Parque Anhembi, SP: uma convenção obediente e organizada

imperatriz, a mãe — o país era toda uma família".

Máquina — Indiferentes a tais assertivas, os adeptos brasileiros da Seicho-no-Iê atendem docilmente à voz de comando de um presidente doutrinário para a América do Sul, cuja palavra é definitiva em assuntos de fé. Abaixo dele existe um diretor-presidente (mais ligado à administração), assessorado por doze voluntários. Em seguida, vêm as coordenadorias regionais (por Estados ou grandes cidades) e, finalmente, os núcleos locais (espécies de paróquias). No trabalho missionário propriamente dito, cerca de 600 "preletores" se encarregam de transmitir os ensinamentos de Masaharu, auxiliado pelos *dedo-ins* (o primeiro degrau na escala hierárquica). Em São Paulo, ainda trabalham na sede central, no bairro do Jabaquara, nada menos de 110 funcionários.

Alma. Basicamente, trata-se de uma cerimônia que tem para seus adeptos um poderoso efeito catártico — inicia-se com o recolhimento de bilhetes em um cesto, onde cada presente confessa por escrito os seus ódios e fraquezas, que são logo votivamente incinerados; ao final, paira uma sensação geral de "libertação" e "limpeza".

De qualquer forma, os dirigentes da Seicho-no-Iê sempre preferem apresentá-la mais como um movimento filosófico que como religião. Mas, para a socióloga paulista Laila Marrach, que realiza um segundo trabalho universitário sobre a seita, "do ponto de vista sociológico não há dúvida que estamos diante de uma nova religião". Uma religião, como ela esclareceu à repórter Tânia Mendes, de VEJA, "surgida em época de crise, de transformação social e que tem muito de psicanálise e de filosofia alemã".

Censo da Igreja

Entre 1970 e 1971, existiam 13 299 sacerdotes no Brasil. No período 1970-1976, esse número decresceu para 12 065. Informações como essa aparecerão no "Anuário Católico do Brasil", organizado pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), uma espécie de IBGE da Igreja. A edição 1975-1976, em fase final de impressão, começará a ser distribuída ao preço de 450 cruzeiros, já no início de outubro. Para sua elaboração foram levantados, em quatro meses, informações constantes em 21 735 fichas, preenchidas pelos integrantes das 221 circunscrições eclesiais (que englobam arquidioceses, dioceses, prelazias e abadias) e de outras 481 organizações da Igreja, espalhadas por todos os 3 951 municípios brasileiros.

O resultado é um denso volume de 2 500 páginas, contendo um completo detalhadíssimo levantamento das forças com as quais a Igreja pode contar e sua luta contra os males do espírito e injustiças do mundo. E que, no dizer de um religioso, mostra claramente que a Igreja, como instituição, nada tem a perder de seu povo. Significativamente trata-se do quarto "Anuário Católico" editado no Brasil, embora nenhum dos anteriores reunisse tantas e tão cuidadas informações. Os dois primeiros foram editados sob a responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1957 e 1960. O terceiro apareceu em 1973, já organizado pelo CERIS, mas a lentidão de seus trabalhos, que se prolongaram por mais de um ano, fizeram com que muitas formações saíssem desatualizadas.

Constam do novo "Anuário Católico" ainda, referências nominais, com endereço, nacionalidade, data de nascimento e ordenação, filiação religiosa e ocupação, de 12 065 sacerdotes, 314 bispos, 500 padres provinciais, São relaciona também as 5 973 paróquias do país (eram 5 433 em 1970-1971), com endereço, vigário e santo titular, além de 472 institutos educacionais, assistenciais, hospitalares e religiosos propriamente ditos mantidos pela Igreja no país. Constam ainda da edição informações referentes à organização da Santa Sé e às entidades criadas pela Igreja para ocuparem com a problemática latino-americana, tais como a Comissão para a América Latina, o Conselho Episcopal Latino-Americano e a Confederação Latino-Americana de Religiosos. O "Anuário" não é, no entanto, um trabalho mentado. Trata-se, como explica o reitor do CERIS, padre Afonso Gregório de "um esforço de informação" para facilitar a comunicação entre os membros da Igreja no Brasil.

14. Nov. 1977



O Venerável Mestre ungiu com azeite, sal e mel os meninos, a quem deu pão, leite e vinho

Maçonaria batiza meninos

Quatro meninos — 10, 11, 14 e 15 anos — filhos de maçons, foram batizados ontem no Templo Maçônico Tiradentes, numa cerimônia denominada Adoção de Lowtons, pela qual eles passam a ser filhos adotivos da maçonaria, que assume a responsabilidade de sua educação e orientação até a maioridade.

Cerimônia idêntica foi realizada no mesmo templo em abril do ano passado, com o batismo de sete meninos. Os quatro adotados ontem eram batizados na Igreja católica e, segundo afirmou o Venerável Mestre Túlio Pizzotti no início da solenidade, a cerimônia maçônica não substitui o batismo cristão, não prejudica a religião que professam, nem ao regime político do país.

Ritual

Antes da cerimônia, foi realizada uma sessão exclusiva aos maçons. Depois, o templo foi aberto para os convidados, que ouviram do

Venerável Mestre Túlio Pizzotti a explicação de que o batismo é uma cerimônia simbólica, que sempre existiu e era adotada até mesmo por religiões opostas ao cristianismo; lembrou que São João Batista, padroeiro da maçonaria, não era cristão quando batizou Jesus.

Os meninos Luis Eduardo da Costa Santos, Wagner André Mota Lima, Alberto Ramiro Guimarães e Osvaldo José de Moura Neto disseram que a iniciativa do batismo partiu de seus pais, não tiveram preparação para a cerimônia e não sabiam explicar o sentido do ritual ou da maçonaria, a qual acham "uma coisa boa, para ajudar os outros".

Vestidos de branco, entraram no salão do templo passando sob espadas erguidas por oito irmãos da maçonaria, e ficaram de pé diante de um altar triangular, onde havia recipientes com água, vinho, azeite e leite. Os quatro estavam com o rosto coberto por véus de filó, le-

vantados pelo Venerável Mestre, que presidiu a cerimônia.

O Mestre passou, em cada um deles, um algodão com azeite na orelha esquerda (para que os ouvidos se abram), sal na testa (como símbolo de sabedoria), mel nos lábios (para propiciar palavras doces). Os quatro beberam leite, vinho e comeram um pedaço de pão e foram benzidos com uma vela, representando o fogo purificador. Cada um recebeu um avental, símbolo do trabalho, e um par de luvas brancas, emblema da decência, além de um diploma e uma medalha triangular, com o símbolo da maçonaria, representando o amor fraternal.

Três dos meninos são ligados à Loja União e Progresso nº 41 e o quarto é da Loja Fraternidade e Progresso nº 42. A cerimônia é um antigo ritual escocês também denominado batismo branco; representa a adoção de Lowtons, ou afilhados, e só é realizada para meninos filhos de maçons.



Procissão comemorativa ao nascimento de Buda: bela e restrita



Crianças budistas: raridades

BUDISMO

Banhos de chá

Centenas de fiéis budistas banharam o chá durante sete dias, a partir da semana retrasada, a estátua do Buda, colocada num palanque sobre o viaduto da Liberdade, no bairro da Liberdade, em São Paulo, reduto das colônias japonesa, coreana e chinesa. Era o ano 2 502 do nascimento de Xaquiamuni, príncipe de um pequeno reino da Índia que abandonou as pompas do mundo para entregar-se à meditação religiosa. No penúltimo sábado, finalmente, houve concentração de budistas de São Paulo na praça da Liberdade e uma procissão liderada por monges, que levou a estátua ao templo da rua São Joaquim para um banho na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa.

Essa cerimônia é realizada em São Paulo há quatro anos; até 1974, havia apenas um ritual no interior do templo que não se saía à rua. Mas o maior brilho dos festejos não significa que o budismo esteja se expandindo no Brasil: continua restrito a 300 000 fiéis, quase todos da colônia japonesa em São Paulo. São raras as crianças que seguem a religião. O budismo chegou ao Brasil em 1908, com os primeiros imigrantes japoneses, mas o primeiro templo só foi

erguido pouco antes da II Guerra Mundial, em Cafelândia, no interior de São Paulo. E os primeiros monges só vieram ao Brasil em 1945 — até então os fiéis contavam apenas com a assistência de leigos mais ou menos iniciados nas práticas do culto.

Sincretismo — O budismo, originário da Índia, propagou-se pela China, Japão e sudeste asiático. Em cada um dos países a que levou sua influência assimilou a cor local, associando os costumes nacionais ao culto. O essencial é praticar as virtudes e dedicar-se

Buda: adorado só por 300 000



à meditação, para chegar ao nirvana ou estado do absoluto. Mas os ritos externos variam. Em São Paulo, a maioria dos budistas segue as tradições japonesas, pelas quais o nascimento do Buda é comemorado em abril; já no Rio, onde se seguem os costumes do sudeste asiático, a data é festejada em maio.

Mas nem só de orientais são compostas as seitas budistas no Brasil. Por exemplo, existe o monge zen-budista Eduardo Basto de Albuquerque, 35 anos, carioca, que está preparando tese de mestrado sobre o budismo do século

continua na página 52

RIVESROLLE SUIÇA

Finos apartamentos à venda.
Apenas 10 min. de Genebra, a 100 m
do famoso lago.

De 2 a 6 cômodos comunicantes,
em pequenos edifícios às margens
do lago, localizados em meio a
belíssimo parque residencial.
Venda permitida a estrangeiros não
residentes no país, com facilidades
de financiamento.



Oportunidade única!
REGIE NAFILYAN SA

Terreaux 11 - Case Postale 28 - 1000 LAUSANNE 9
Suíça - Tel. (021) 22 18 52 - Telex: 24 226 Edeco CH

Desenvolvimento urbano é com a DEMISA.

Desde pesquisas, estudos e projetos urbanísticos e de viabilidade econômico-financeira, até a execução de toda infra-estrutura, nossa equipe de profissionais, engenheiros e arquitetos está apta a proporcionar a melhor solução para cada caso, em qualquer ponto do País.

Como exemplo, temos IBITURUNA: um bairro modelo, implantado pela Montes Claros Melhoramentos S.A., que, com uma área de 7 milhões de m², conta com todos os melhoramentos urbanos, moderníssimo traçado e abrigará uma população prevista para 30 mil habitantes. Enfim, uma nova cidade.

Se seu problema é desenvolvimento urbano ou loteamentos, consulte-nos.

MONTES CLAROS
Melhoramentos S.A.

Uma empresa das
Organizações Demisa



Avenida Brigadeiro Faria Lima, 830 - 9.º andar - Fone: 210-5109
Telex (011) 21.919 - São Paulo

continuação da página 51

XVIII na Faculdade de História da Universidade de São Paulo. Diz Albuquerque: "A tendência do budismo ao sincretismo é notória". Quanto ao zen-budismo é uma seita especialmente atraente para intelectuais: surgiu no Japão e é muito difundida nos Estados Unidos. No Brasil, há 5 000 zen-budistas, que contam com colunas especiais em dois jornais paulistanos.

CELAM

Temor no Vaticano

Boa parte do episcopado brasileiro já lavrou seu desagrado com o "caráter excessivamente idealista" do documento distribuído pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), como subsídio para a III Conferência Geral da entidade, a realizar-se em outubro na cidade mexicana de Puebla. E supõe-se que, de 18 a 25 deste mês, quando a Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) estiver reunida no Mosteiro de Itaici, em São Paulo, a decisão oficial será semelhante. "Achamos que o documento preliminar do Celam prega a evangelização no mundo das idéias, quando a visão atual é de que ela deve entrar no campo concreto", explica o bispo paulista dom Mauro Morelli.

Contudo, a divergência dos bispos em relação ao documento do Celam, que também grassa entre o episcopado de países como o Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru e El Salvador,



Trujillo: desfazendo rumores

CHICO NELSON

começa a preocupar o próprio Vaticano, onde há o temor de uma divisão no torno dos temas sociais e políticos fatalmente entrarão no debate. "Vir a ocorrer em Puebla um consenso tão grande de opiniões, que não fosse possível aprovar um documento ao final da conferência", denunciava na semana passada um representante do Vaticano ao correspondente VEJA em Roma, Marco Antonio Rezende. Dias atrás, a imprensa católica atribuiu ao monsenhor conde Ernesto Corripio, um dos prefeitos da conferência designados pelo papa Paulo VI, a declaração de que os bispos latino-americanos ditos progressistas estariam pretendendo abordar faticamente os aspectos sociopolíticos da chamada "teologia da libertação", a revolucionária doutrina pastoral nascida em 1968, na Conferência de Medellín, Colômbia.

Reformismo em debate — Dificilmente, porém, em entrevista concedida às últimas edições espanholas do periódico vaticano *Osservatore Romano*, o monsenhor Alfonso Lopez Trujillo, auxiliar de Bogotá e secretário geral do Celam, teve o cuidado de dizer que a reunião de Puebla "almeja o propósito de derrubar os governos corruptos do continente, como afirmamos equivocadamente, algumas publicações mexicanas". Mas, segundo um porta-voz romano que esteve com monsenhor Trujillo, essa explicação não garante que as conclusões de Medellín não sejam "entendidas" em Puebla de maneiras diferentes.

Para o episcopado de esquerda, o reformismo — ou, numa linguagem mais eclesial, progressista e moderado —, a aplicação dos princípios lógicos está intimamente ligada à transformação social da América Latina. E, mais radical, formado sobretudo por brasileiros, chilenos, bolivianos e peruanos, não acredita que apenas o moderado reformismo social possa dar essa situação. Já, para outra ala do episcopado, os debates devem ater-se exclusivamente aos aspectos teológicos da evangelização. E, para alimentar os temores vaticanos, partidários invocam que, justamente depois de Medellín, 850 padres e religiosos foram mortos, presos, sequestrados ou expulsos dos países do continente. No momento, dizem, doze bispos de vários países estão sendo processados por "atentado à segurança nacional". "Roma tem razões para ficar atenta e hesitar escolher entre um caminho ou outro", assegura um prelado.

VEJA, 19 DE ABRIL



Danielle: desenhos que refletem situações sempre perigosas

Comportamento

Jeito nacional

Uma antropóloga diz como é o brasileiro

Diante de uma angustiante situação de perigo em que a idéia de morte esteja presente, os brasileiros tenderiam, na maioria dos casos, a buscar uma solução intermediária entre a fuga e o revide violento. Com tendência a evitar soluções extremadas, procuram ganhar tempo na esperança de que, no fim, a situação se resolva a seu favor. Essa conclusão surgiu de uma demorada pesquisa da antropóloga francesa Danielle Perin Rocha Pitta, diretora do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário, da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife.

Presente na história do Brasil desde os tempos da colonização portuguesa, a conhecida tese de que o brasileiro tende para a conciliação encontra finalmente, no trabalho de Danielle, sua primeira medição estatística. Ela levou seis anos entrevistando 561 pessoas — trinta adeptos do candomblé, 98 índios e 433 estudantes — e os resultados de seu levantamento acabam de lhe render um título de doutora na Universidade de Grenoble, França. Danielle acha que o trabalho, primeiro do gênero no Brasil, deve ser encarado como uma conclusão aproximada sobre o temperamento brasileiro e não como uma verdade matematicamente exata. O sociólogo Gilberto Freyre, porém, se vê confirmado. "É a comprovação do caráter conciliatório do brasileiro de que falei no meu livro 'Casa Grande & Senzala'."

O teste aplicado por Danielle se baseia em símbolos universais tais como o fogo, a espada, o homem, um animal rastejante. A partir dos símbolos, a pessoa testada deve fazer um desenho que, segundo Danielle, "acaba espelhando sempre uma situação de angústia em virtude dos dados fornecidos". Essa situação difícil deverá, finalmente, ser resolvida pelo autor do desenho através de uma história de sua própria invenção. Em 38% dos casos, os franceses que já passaram pelo mesmo teste resolveram a dificuldade com uma saída heróica, na qual o homem pode, por exemplo, pegar a espada e matar o monstro do desenho. Na Bélgica, a saída heróica alcançou um índice de 64,4% entre os entrevistados.

No Brasil, muito pouca gente está disposta a sacar da espada para enfrentar o monstro. A saída heróica só surge mais intensamente entre os desenhos dos índios entrevistados, os Fulni-o, de Pernambuco, mas ainda assim com um índice de apenas 30,6%. O mesmo se dá com a solução oposta, a de fuga. Os europeus conseguem índices maiores aí também. "É na terceira possibilidade de resolução do problema, a via conciliatória", diz Danielle, "que os entrevistados brasileiros estão na frente." O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico interessou-se pelo teste — e Danielle vai padronizá-lo para maior aplicação no Brasil. Ela espera que a partir daí germinem novos estudos sobre o homem brasileiro, um personagem sobre o qual muito se tem dito e muito pouco se sabe até hoje. ●



A mesquita, na Barra da Tijuca: uma obra para 20 000 fiéis muçulmanos

nanciador do projeto. Sem imagens dependuradas nas paredes, totalmente pintadas de branco, o salão de orações ocupa 400 metros quadrados no segundo andar da mesquita e pode abrigar 1 500 pessoas nas orações coletivas, conduzidas por um *sheikr*, sacerdote que normalmente gasta dezenove anos para se formar em algumas das universidades islâmicas espalhadas pelo mundo árabe.

PARTES IMPURAS — No andar de baixo, estão instalados os banheiros, comuns a todos os templos muçulmanos, onde os fiéis fazem suas abluções, ou seja, lavam o rosto, pés, mãos e os órgãos genitais, partes do corpo consideradas impuras, antes de participar dos cultos. Isso acontece também nas outras onze mesquitas espalhadas pelo Brasil, três delas em São Paulo — duas ainda em construção —, onde se concentra a maior comunidade islâmica do Brasil, com 200 000 fiéis.

Religião

Templo de Alá

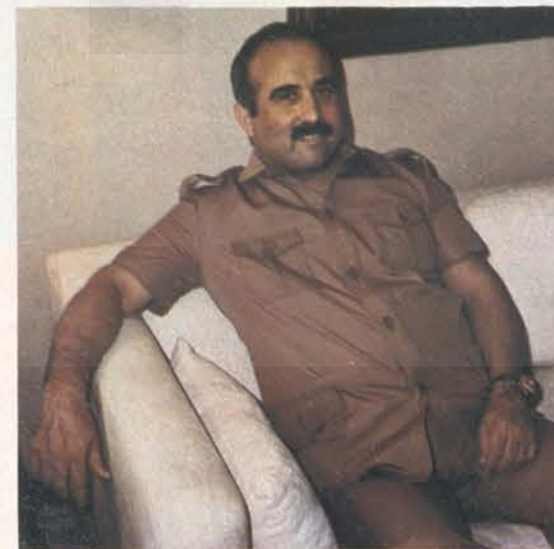
Muçulmanos inauguram mesquita no Rio

Os 20 000 muçulmanos que vivem no Rio de Janeiro têm agora um lugar adequado para fazer a *salat-el-jumaa*, oração coletiva das sextas-feiras em que os fiéis se prosternam em frente ao *kiblah*, altar que indica nas mesquitas a direção da cidade sagrada de Meca, na Arábia Saudita. A primeira mesquita do Rio, erguida na Barra da Tijuca, foi inaugurada na quinta-feira passada. E para a festa desembarcou no Brasil um convidado ilustre — o príncipe Mohamed Ben Talal El Hashimita, de 42 anos, irmão do rei Hussein, da Jordânia, e descendente em linha direta do profeta Maomé, que há treze séculos fundou o islamismo.

“Esta é mais uma prova do intenso relacionamento do Brasil com o mundo islâmico”, comentou o príncipe sobre a inauguração da mesquita, uma monumental obra de 700 metros quadrados, construída ao preço de 200 milhões de cruzeiros pelo cônsul honorário da Jordânia no Rio de Janeiro, Ahmad Mukhtar Zein, engenheiro, autor e fi-



O salão de orações: paredes brancas e lugar para 1 500 pessoas



Mohamed Ben Talal: uma prova de boas relações

Os preceitos da religião muçulmana exigem grande perseverança dos seus adeptos. Eles rezam cinco vezes por dia e estão obrigados a visitar Meca pelo menos uma vez por ano. Além disso, devem destinar 2,5% dos seus ganhos à mesquita que freqüentam. “Por ser a única religião escolhida por Deus, o islamismo requer toda dedicação de seus fiéis”, afirma o diretor do Centro Islâmico do Brasil, em São Paulo, Ali Al Rifai Nimatullah, 52 anos, há cinco no Brasil e que até hoje não fala português. O duro regime não atrai os brasileiros. Dos cerca de 1 bilhão de muçulmanos existentes no mundo, concentrados em sua maioria nos países asiáticos, apenas 500 000 moram no Brasil e, destes, pouco mais de uma centena são convertidos brasileiros sem ascendência árabe. ●

Christliche Religion
zu Baseln

Peracchi lamenta decisão

Da Sucursal de PORTO ALEGRE

"Não fôsse o regime de adversidade e a maldade de alguns em apresentar distorcida a imagem do Brasil, luteranos do mundo aqui estariam me ouvindo". Esse trecho do discurso que o governador Peracchi Barcelos pronunciou domingo em Porto Alegre, durante a inauguração da nova matriz dos luteranos, assinalou a sua contrariedade por ter sido a 5.ª Assembléia Mundial Luterana (programada para se realizar na capital gaúcha) — transferida para a cidade de Evian, na França.

Essa solenidade, a que estiveram presentes o cardeal Vicente Scherer e representantes de países da América Latina, Alemanha, Canadá, Noruega e Suécia, comemorada isoladamente, deveria ser um dos pontos altos da Assembléia dos luteranos.

A verdade

Disse o governador Peracchi Barcelos que os luteranos que viessem para a Assembléia "poderiam percorrer o Brasil para comprovar a verdade", referindo-se às publicações contrárias que estão fazendo do Brasil no exterior.

Afirmou, em seguida, que fazia seu discurso "cumprindo a agradável obrigação que lhe foi transmitida pelo presidente da República, certo de que se Sua Excelência não tivesse outros compromissos que o retivessem fora do Rio Grande do Sul, prazerosamente estaria presente a esta solenidade. Testemunho do seu apreço pelo movimento luterano e que por outra forma dever-se-ia na mesma época estar se realizando em Porto Alegre o encontro mundial dos luteranos". E acrescentou: "Mas por circunstâncias já reveladas e independentes de nossas vontades e da comunidade luterana, não temos as representações de outras comunidades luteranas do resto do mundo".

Obra luterana

O pastor Ivo Alfredo Franke, em nome da comunidade evangélica, agradeceu a presença dos convidados e leu numerosos telegramas vindos do exterior cumprimentando os luteranos brasileiros pela inauguração da nova igreja. Salientou que a missão comunitária da Igreja Evangélica de Confissão Luterana é intensa e "a sua colaboração à comunidade riograndense jamais poderá ser criticada, pois ali estão as casas de ensino e outras obras de assistência social no Rio Grande do Sul". Encerrou lembrando a presença de outras igrejas na solenidade e conforto que isso trazia aos luteranos, em virtude das divergências que "outora pudessem ter acontecido".

Fala o cardeal

O cardeal Vicente Scherer, que, com sua presença, deu uma prova expressiva do "espírito ecumênico" que vai se desenvolvendo entre os diversos credos, após elogiar o trabalho de assistência so-

cial dos luteranos, afirmou: "Estou feliz em participar da alegria da inauguração desta Igreja Evangélica Luterana. Será mais um arsenal em benefício das grandes idéias. São legionários que aprenderão a defender o bem-estar das populações, dos humildes e dos necessitados".

Referindo-se ao novo templo, afirmou: "Será mais um elo a estabelecer a fraternidade e harmonia entre os povos do mundo, os humildes do mundo, os necessitados do mundo. A harmonia entre aqueles que efetivamente desejam viver em paz e que no desenvolvimento encontram o bem-estar e a fraternidade entre os que muito precisam e os que têm alguma coisa a dar".

Assembléia em Evian começa

EVIAN-LES-BAINS, França, 13. — A 5.ª assembléia da Federação Mundial Luterana, que deveria reunir-se este mês em Porto Alegre, Brasil, será realizada aqui a partir de amanhã.

dos luteranos

Delegados de varias partes do mundo chegaram hoje a este tranquilo centro de recreio no lago Genebra, para a reunião que será aberta com serviços religiosos de comunhão na principal igreja catolica da localidade.

Cerca de 240 autoridades eclesiasticas e leigos luteranos procedentes de 47 países participaram da assembléia de 10 dias durante a qual haverá provavelmente inflamados discursos sobre o futuro papel da federação.

O cardeal Jan Willebrands e outros 3 representantes do Vaticano estarão presentes. O prelado dissertara sobre os esforços para conseguir a unidade cristã.

O tema central da assembléia é: "enviados a todas as partes do mundo". Contudo, os organizadores tiveram muita dificuldade em conseguir um lugar no mundo onde reunir a assembléia, que se realiza de 6 em 6 anos.

A princípio a reunião fora fixada para Weimar, na Alemanha Oriental, no ano passado, mas teve de ser cancelada em face das objeções do regime comunista. Em seguida, foi transferida para Porto Alegre, no Brasil, onde se deveria reunir este mês. Mas as criticas ao regime militar brasileiro, entre membros da igreja, determinaram uma mudança de ultima hora.

A Igreja Luterana Brasileira — a mais numerosa na America Latina — retirou sua delegação oficial, mas seu presidente, Karl Gottschard, estará presente em Evian-Les-Bains, a fim de fazer uma declaração.

As duas Alemanhas, Oriental e Ocidental, que possuem quase a metade dos 75 milhões de luteranos do mundo, estarão representadas na assembléia pelas mais numerosas delegações. Os Estados Unidos, com mais de 9 milhões de luteranos, enviarão 30 delegados.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv
para o exterior.

Zeitung	Datum	Nummer
JB	29-5-71	

19. 23. 05. 71.

Contato ecumênico proibido divide os presbiterianos e revela crise no movimento

A cúpula da Igreja Presbiteriana proibiu os seus ministros e leigos de qualquer contato ecumênico, evidenciando, assim, a crise por que passa o movimento ecumênico na América Latina. Conservadores e liberais travam uma luta de bastidores, os primeiros contrários a qualquer aproximação fora de sua própria Igreja, e os segundos a favor dela.

Apesar disso, 18 pastores de diversas confissões cristãs estão furando o bloqueio e participam da VI Semana de Oração pela Unidade Cristã. Alheios às recomendações de seus superiores, o Presbitério, eles pregam nas igrejas católicas enquanto sacerdotes católicos levam sua mensagem aos templos protestantes.

DIVISÕES

As divisões já existiam, mas se acentuaram por ocasião do Concílio Vaticano II. Alguns líderes evangélicos encontraram muita coincidência entre as idéias de Lutero e algumas do Concílio. Enquanto na Europa e nos Estados Unidos as aberturas se tornavam uma constante, na América Latina, principalmente nos grandes países como o Brasil, as dificuldades aumentavam.

Batistas, Congregacionais, Episcopais, Luteranos, Metodistas, Presbiterianos e Pentecostais, entre outras, são algumas das muitas confissões que formam a Igreja Evangélica ou Protestante. Em todas elas a luta travada entre tradicionalistas e liberais se acentuou nos últimos anos e se evidenciou quando o Vaticano estimulou a criação do movimento ecumênico, visando a aproximação, sem distinção de confissões, de todos os cristãos e não-cristãos.

Para a liderança protestante, a crise dentro do protestantismo é maior do

que dentro da Igreja Católica. Mesmo com a proibição, alguns pastores resolveram rebelar-se e participar da VI Semana de Oração pela Unidade Cristã, que começou na semana passada com a palestra do Vice-Governador da Guanabara, Sr. Erasmo Martins Pedro, que é pastor, numa igreja católica.

Essa crise dentro das Igrejas que recusam uma aproximação estaria evidenciando uma crise ainda maior, a do movimento ecumênico, que até hoje não conseguiu inteiramente os seus propósitos. Para alguns líderes protestantes, a crise não é apenas teológica, mas social também. Alguns pastores querem uma Igreja Protestante voltada mais para os problemas humanísticos, numa aceitação das teses do Concílio, rejeitadas pela ala mais conservadora.

Atualmente o movimento ecumênico está se restringindo a acontecimentos concentrados em determinada época do ano. Nos demais dias há um vazio, onde nada é feito e nada é dito.

Dom Evaristo prega a necessidade da união

São Paulo (Sucursal) — A necessidade de união dos cristãos dentro de uma perspectiva ecumênica será o tema da palestra que o Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, fará no seu próximo programa *Encontro com o Pastor*, o primeiro que gravou depois do acidente que sofreu em Florianópolis.

A palestra, que será transmitida hoje pela Rádio 9 de Julho, encerra a Semana de Orações pela Unidade Cristã, realizada em templos de várias crenças cristãs de São Paulo, de acordo com a diretriz dada pelo Secretariado do Vaticano e pelo Conselho Mundial das Igrejas, com o ob-

jetivo de aprofundar a reflexão sobre o ecumenismo.

Dom Evaristo lembrará que, "embora a comunhão dos cristãos ainda seja imperfeita, este apelo da Semana de Orações deve ter suscitado novos clarões de esperança. Se quisermos abarcar um dia os não cristãos, nesta comunhão com o Espírito Santo, teremos que aprofundar a obediência ao Evangelho."

— Por todos os quadrantes da Arquidiocese — dirá — notamos que são sempre mais numerosos os pastores e sacerdotes que mantêm encontros, trocam pontos-de-vista sobre a pastoral moderna e se consideram amigos.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	10.3.72	

10. März 1972
Católicos de Mombaça, no Ceará, se dirigem ao Papa contra domínio protestante

Fortaleza (Correspondente) — A expansão acelerada do culto protestante em Mombaça, começou a causar preocupação aos habitantes católicos da localidade que se preparam para dirigir apelo ao Papa pedindo que ordene a reabertura da igreja matriz, fechada há quatro anos por ordem do bispo de Cratêus, D. Antônio Fragoso.

Enquanto os católicos do lugar estão sem igreja, obrigados a deslocar-se a cidades vizinhas para realização de casamentos, batizados ou assistir missa, os protestantes já abriram dois templos, sem contar ainda que fazem suas prédicas em plena rua e nos logradouros.

CARÊNCIA

O fechamento da igreja matriz, segundo a explicação dada na época pelo Bispo de Cratêus foi motivada "por carência de sacerdotes." A medida deixou revoltada principalmente os moradores de Tauá — distrito de Mombaça — que "aos poucos vai sendo dominada pelos protestantes." Dom Antônio Fragoso mostra-se insensível ao apelo dos católicos de Tauá, que já se dispõem

a telegrafar a Paulo VI pormenorizando a situação.

Dirão ao Papa que "estão espiritual e religiosamente desassistidos, enquanto os protestantes, se aproveitando, ampliam suas atividades evangélicas. Os católicos estão contrariados porque os protestantes usam até mesmo a sombra de frondosas árvores pregando quase diariamente, atraindo sempre novos contingentes de população. Se a situação continuar como está, teme-se que os agrupamentos católicos de Tauá fiquem reduzidos a quase nada.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

JB

Datum

Nummer

Protestantismo cresce no Brasil

ROMA — O crescimento do protestantismo no Brasil está se transformando numa "verdadeira invasão" e "motivo de confusão para massas católicas desse país", segundo publicou ontem a revista católica italiana "Aimis", num artigo assinado pelo seu correspondente de Porto Alegre.

O artigo analisa o trabalho de 12 grupos missionários que atuam no Brasil. "A invasão protestante — salienta — está assumindo tais proporções que faz do ecumenismo um problema tão urgente e sério para a fé, como já o é em muitos países da Europa e Estados Unidos".

"Ano após ano — continua — não só em São Paulo, como no Rio de Janeiro e nos mais remotos centros do interior do país, surgem igrejas e capelas de todas as denominações, mas flagrantemente protestantes". Por último, a revista, que é um órgão bimestral da Agência Missionária de Informação, elogia a Conferência Episcopal Brasileira, que solicitou oficialmente o início de um diálogo entre os representantes dessas crenças, com o objetivo de se evitar futuros conflitos.

Avelar Brandão viaja para Bogotá

BOGOTÁ — Dom Avelar Brandão Vilela e dom Paulo Evaristo Arns, dois cardeais nomeados recentemente pelo papa Paulo VI, estarão em Bogotá na próxima semana para participar de uma reunião do Conselho Episcopal Latino-americano, Celam.

Dom Avelar, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, e dom Luís Aponte Martínez, arcebispo de San Juan (Porto Rico), se reunirão nesta capital com o novo cardeal colombiano, dom Aníbal Muñoz Duque, arcebispo de Bogotá.

Segundo um comunicado da secretaria do Celam, dom Avelar participará da reunião da presidência do Conselho Episcopal Latino-americano, como antigo presidente dessa organização, no período de 1965 a 1972.

A presidência do Celam, eleita na Conferência Episcopal de Sucre, realizada recentemente na Bolívia, está composta por eclesiásticos de quase todos os países latino-americanos, cujas conferências episcopais constituem o Conselho Episcopal Latino-americano.

A reunião em Bogotá, convocada para a segunda-feira próxima, se prolongará até sexta-feira, com o objetivo de debater um temário cujos pontos principais são: reflexão teológico-pastoral sobre o Celam; aspectos da reestruturação da filosofia dos departamentos do Conselho; apresentação das linhas teológico-pastorais de Celam, segundo a reflexão realizada na Assembléia de Sucre; aspectos da coordenação com as conferências nacionais dos bispos e com o secretário geral; relatórios e planos da comissão econômica do Celam — aspectos sobre comunicação social: informação, imprensa e imagem do Celam; diálogo Celam — CLAR — relatório da 5.ª Assembléia da Confederação Latino-americana dos Religiosos (CLAR), realizada recentemente em Medellín, na Colômbia; estudo sobre a criação de um único instituto latino-americano, segundo se decidiu na assembléia de Sucre (esse instituto substituirá dentro de um prazo determinado o Instituto de Liturgia de Catequese, de Manizales e de Santiago, e o Instituto Pastoral de Quito); os objetivos da reunião, que seria presidida por dom Eduardo Pironio, bispo de Mar del Plata, Argentina, ex-secretário geral do Celam.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JB	22 - 10 - 72	

78 22-10-72

Luteranos concentrarão os esforços nas novas regiões de colonização

Porto Alegre (Sucursal) — Os 80 participantes do VIII Concílio Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil decidiram intensificar a sua atuação em regiões de colonização, especialmente no Mato Grosso e ao longo da Transamazônica, para atender ao grande número de fiéis da Igreja que emigraram para essas áreas.

Constatada a forte corrente migratória de luteranos — até agora já se radicaram nas novas regiões cerca de 1 500 — principalmente oriundos dos Estados do Espírito Santo e Rio Grande do Sul, o Concílio, que está planejando o trabalho da Igreja para o próximo quinquênio, decidiu tomar "o rumo do Norte", segundo expressou um de seus porta-vozes.

Concílio

Representantes luteranos de todo o país, num total de 40 pastores e 40 leigos, estão reunidos desde quinta-feira em Panambi, no 8º Concílio Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana. O encontro será encerrado hoje à noite, com a votação de diversas proposições e de mensagens que serão enviadas às 1 600 comunidades luteranas existentes no país, que congregam 700 mil pessoas.

Participam dos trabalhos, presididos pelo pastor Karl Goetschald, o presidente do Ministério do Exterior da Igreja Evangélica da Alemanha, Sr. Adolf Wischmann; o secretário para a América Latina da Igreja Luterana dos Estados Unidos, Sr. John Wesby; o representante da Federação Luterana Mundial, sediada em Genebra, Sr. Juan Cobrada, além de presidentes de duas igrejas da Argentina.

Os conciliares luteranos já decidiram, igualmente, intensificar o trabalho da Igreja nas periferias das grandes cidades, votando um documento intitulado Missão Suburbana, que prevê a instalação de centros sociais nas zonas suburbanas, onde serão desenvolvidas tarefas de formação profissional, atendimento médico e de alfabetização.

Hoje serão postos em votação uma resolução sobre cooperação ecumênica e o documento intitulado Ordem da Vida Eclesiástica, que servirá como guia para a vida prática das congregações e comunidades luteranas. Também está prevista a votação da redação final de mensagens que serão enviadas aos Governos federal e estadual, como o aplauso a iniciativas governamentais debatidas durante o Concílio.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

23. Okt. 1972

Luteranos se reúnem no Sul e decidem realizar casamento de desquitados

Porto Alegre (Sucursal) — A realização do casamento de desquitados e a aceitação irrestrita ao casamento ecumênico foram as principais deliberações aprovadas ontem pelo 3.º Concílio Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, no documento intitulado *Ordem de Vida Eclesiástica*, que servirá como guia para a vida prática das congregações e comunidades luteranas.

O Concílio, encerrado à tarde na cidade de Panambi, reuniu 80 pastores e leigos luteranos de todo o país, além do presidente do Ministério do Exterior da Igreja Evangélica da Alemanha, Sr. Adolf Wischmann; do secretário para a América Latina da Igreja Luterana dos Estados Unidos, Sr. John Wesby, e do representante da Federação Luterana Mundial, sediada em Genebra, Sr. Juan Cobrda.

CASAMENTO DE DESQUITADOS

Segundo o documento aprovado, a Igreja Luterana realizará casamentos entre desquitados, pois "o amor de Deus não tem restrições e passa por cima dos erros humanos. A Igreja não pode fechar as suas portas para os que erraram no primeiro casamento." O documento afirma que "só não serão realizados casamentos de desquitados cujos nubentes queiram usá-lo com o fim exclusivo de legalizar a nova situação perante o Estado", pois isso conflita com a legislação brasileira.

O casamento ecumênico entre cristãos foi oficializado pelo documento do Concílio, uma vez que já era praxe das comunidades luteranas a realização desses casamentos. Diz também o documento que os casamentos serão realizados "sem a menor restrição, e sem coagir o membro não luterano a se converter para a religião evangélica." E' desaconselhada a presença, no ato religioso, de dois cele-

brantes — padres e pastor — "por criar uma certa desconfiança entre os noivos."

APOSENTADORIA

O 3º Concílio Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil também decidiu formar uma comissão, chefiada pelo professor Willi Suths, para manter contato com as autoridades federais no sentido de que os pastores se associem ao INPS como membros autônomos, para efeito de aposentadoria.

O Concílio conclamou as suas 250 escolas particulares do primeiro e segundo graus a se manterem — apesar da crise econômica por que passam atualmente — "por serem marcos da democracia, já que somente num Estado totalitário a educação é exclusiva do Governo." Também foram ratificados os acordos com a Igreja Católica, o reconhecimento do batismo e casamentos realizados por outras Igrejas, "desde que essas tenham Jesus Cristo como Senhor e salvador".

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Datum Nummer

09. Okt. 1974

VISITA

Chá e simpatia

Nos cinco dias da visita do reverendo Arthur Michael Ramsey ao Brasil, o quase octagenário arcebispo de Cantuária assistiu a uma exibição sem dúvida convincente do repertório local de tradições britânicas. Em Porto Alegre, onde foi recebido na segunda-feira com honras diplomáticas, desafiaram-lhe a pontualidade com um programa tão sobrecarregado que, no encontro protocolar com o prefeito Thompson Flores, este mal teve tempo para apresentar o intérprete e desculpas pelo inglês ruim, apesar "do nome de origem escocesa", e o pastor se despedia.

No Rio de Janeiro, por pouco não o afogavam em chá, "quente, quase fervendo", na casa da Igreja Episcopal da rua Real Grandeza, que o hospedou. E, em Brasília, para passeios e ocasiões formais, como a conversa de 20 minutos com o presidente Ernesto Geisel, teve à disposição nada menos de dois Rolls-Royce — o preto e venerável automóvel de placa número 100, do Itamaraty, e o carro prateado e novo do embaixador inglês Derek Dodson. No entanto, Ramsey deu sinais de estar bem mais inclinado a estudar os costumes nacionais latino-americanos. Nessa primeira e última viagem ao continente — pois em novembro, ao completar 80 anos, deixará a chefia espiritual dos 66 milhões de membros da Igreja Anglicana —, ele se declarou "profundamente interessado nas condições sociais de todos os países que tenho visitado".

Promoção demais — Já na noite de quarta-feira, num episódio à margem dos momentos mais comemorativos de seu programa, o gosto de Ramsey pela simplicidade recaiu sobre o pregador americano Billy Graham, em simultânea ex-

cursão pelo Brasil (veja entrevista na página 3 e reportagem na página 61), com o peso de uma severa crítica. Após participar de uma apresentação de Graham no estádio do Maracanã, ele declarou não ter gostado de ser anunciado como "um grande pastor protestante" já que se considera "fundamentalmente um cristão que não divide a fé dos homens em igrejas". E, como Graham reagisse, a conversa dos dois tomou rumo inesperado: "Não acho correto", encerrou Ramsey, "que o senhor gaste uma soma incalculável em promoção pessoal, aqui no Brasil, quando o que eu tenho visto na América Latina é uma grande miséria. Acho que nesse continente as pessoas precisam de menos pregação e mais comida".

Antes de ir ao Maracanã, Ramsey estivera de tarde no Palácio São Joaquim onde conversou por 40 minutos com o cardeal-arcebispo metropolitano do Rio de Janeiro, dom Eugênio Salles, num contato certamente realizado em clima mais ecumênico. Em dom Eugênio, o arcebispo de Cantuária deixou a impressão de "um homem dotado de enorme solidariedade humana" e, na conversa, de ser "sempre uma pessoa cordial e extremamente culta". E, enquanto, segundo o arcebispo do Rio de Janeiro, recolhia informações "sobre as condições de vida e trabalho dos padres brasileiros", Ramsey tomava o seu chá, como numa típica cerimônia inglesa, para a qual foi especialmente convocado o padre Adionel Amaral, credenciado para "dirigir a complicada cerimônia" por um ano de estada na Inglaterra.



LUIS HUMBERTO

Ramsey: interessado no Brasil

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Jg	14 - 9 - 74	

I-B - 14/09/74
R

JORNAL DO BRASIL 56

Ex-pastor diz que protestantismo não soube renovar-se

Depois de admitir que a renovação da Igreja Católica fez com que os protestantes se fechassem mais ainda sobre si mesmos, por terem perdido a "velha adversária" a que se opunham, o professor Rubem Alves disse ontem que "o protestantismo continua repetindo obsessivamente padrões de pensamento e comportamento que não têm mais razão de ser".

O professor Alves — que foi o conferencista de ontem no Seminário Ecumênico em curso no convento do Cenáculo, em Laranjeiras — acrescentou que a grande maioria dos grupos protestantes da América Latina vê com suspeita o ecumenismo, com receio de que este signifique "uma abdição de sua identidade e uma volta à Igreja Católica".

ESFORÇO INUTIL

O Conselho Mundial de Igrejas, no qual o professor Alves integra a Comissão de Fé e Ordem, "tem-se esforçado muito para levar as Igrejas protestantes a repensarem e redefinirem-se, especialmente em relação à sua herança bíblica e histórica e às novas realidades do presente, mas com pouco sucesso no continente", disse o conferencista.

Classificou de "muito rico em intuições novas" o movimento iniciado com a Reforma protestante, principalmente em relação ao homem, "que viu proclamada a sua liberdade e o amor e perfeição de Deus".

— Mas através dos tempos — acrescentou — as intuições originais foram-se perdendo progressivamente em meio a formulações dogmáticas cada vez mais rígidas, complexas e estéreis. Até que o pensamento sobre a liberdade veio a se constituir numa camisa de força. O protestantismo se tornou legalista, e os seus seguidores passaram a definir-se não em termos de liberdade mas em relação a regras fixas sobre a conduta humana.

O conferencista observou que foi "esse mesmo tipo de protestantismo que se instalou no Brasil, com uma agravante: desde as suas origens brasileiras, o protestantismo definiu a sua identidade em termos de oposição à Igreja Católica. Protestante é aquele que não faz o que fazem os católicos".

O professor Rubem Alves, que leciona Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (SP) e se demitiu há quatro anos da Igreja Presbiteriana de que era pastor, disse que "hoje me sinto muito mais em casa quando vou a uma igreja católica do que a um templo protestante, que me lembra uma sala de aula".

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Jg	24-9-74	

JB 24/9 74
R

Bispo da Igreja Brasileira é preso na hora de viajar com Cr\$ 383 mil escondidos

São Paulo (Sucursal) — Com 37 mil dólares e 11 milhões de liras (cerca de Cr\$ 383 mil) ocultos em duas estatuetas de louça, o bispo primaz da chamada Igreja Católica Brasileira, D. Luigi Mascolo, foi preso, ontem, pela Polícia Federal, em Viracopos, quando tentava embarcar para a Itália, onde guardaria o dinheiro "para a velhice."

Autuado em flagrante e transferido para São Paulo, D. Mascolo afirmou que escondera o dinheiro para não pagar o imposto ao Governo brasileiro, pois, sendo naturalizado, "o fisco levaria 50% da importância que seria depositada na Itália." A polícia desconfia que o dinheiro é de procedência ilícita o que, se confirmado, enquadrará o bispo no Código Penal.

Revista

D. Mascolo — que abandonou a Igreja Romana em 1960 — já se preparava para embarcar, juntamente com seu tio, Carmine Antonio Rizzi, e seu motorista particular, Landulfo Gonçalves Martins, quando a Polícia exigiu uma nova revista em suas malas, no balcão da Alitalia.

Duas estatuetas de louças, entre as roupas, foram quebradas e nelas estavam escondidos os 37 mil dólares em notas de 100 dólares e 11 milhões de liras, em 290

notas de 10 mil; 55 de 100 mil; 51 de 50 mil e 10 de 5 mil.

O tio, que retornaria à Itália após uma breve estada no Brasil, e o motorista Landulfo Gonçalves Martins, que viajaria a passeio, disseram que não sabiam da existência do dinheiro.

O bispo primaz da Igreja Católica Brasileira, D. Luigi Mascolo, anunciou, no ano passado, a "canonização" de Tiradentes, dos Padres Anchieta e Donizetti e da Sôror Angélica de Jesus.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Jg	1-10-74	

JORNAL DO BRASIL Terça-feira, 1.º/10/74 1.º Caderno

Primaz da Inglaterra diz que Igrejas devem lutar de modo criativo

Porto Alegre (Sucursal) — O Arcebispo de Cantuária e Primaz da Igreja Anglicana na Inglaterra, Rev. Arthur Michael Ramsey, disse que, embora seja "difícil difundir a fé cristã em toda a parte, devido aos problemas da vida moderna", acredita que "essas dificuldades são superáveis desde que as Igrejas as enfrentem de modo criativo e construtivo."

O Arcebispo Ramsey desembarcou ontem à tarde nesta Capital, em sua primeira visita ao Brasil, e foi recebido pelo Primaz Anglicano no Brasil, Rev. Arthur Kratz, bispos e pastores episcopais, pelo Bispo-Auxiliar católico de Porto Alegre, D. Urbano Algayer, autoridades e membros da comunidade anglicana gaúcha. Ele veio acompanhado de sua mulher, Joan Anderson Ramsey, seu capelão John Kirkhan e o assessor de imprensa John Miles.

NEGRINHO DO PASTOREIO

O Arcebispo Ramsey explicou estar visitando as Igrejas Anglicanas na América do Sul e manifestou sua esperança de encontrar no Brasil os mesmos sinais de progresso na difusão da fé e nas relações ecumênicas que viu na Colômbia, Chile e Argentina.

A tarde, visitou a Cúria Metropolitana católica, onde foi saudado pelo Bispo-Auxiliar D. Antônio do Carmo Cheuiche e o Prefeito de Porto Alegre, engenheiro Telmo Thompson Flores. Esteve depois no Palácio Piratini, onde o Governador Euclides Triches o agraciou com a medalha Negrinho do Pastoreio por seu "desempenho em favor da unidade espiritual, da promoção dos valores cristãos, da paz e da fraternidade universal."

Concílio no Sul reunirá luteranos

Porto Alegre (Sucursal) — Dinamizar sua evangelização para que "o bem prevaleça em face do avanço do mal" é um dos objetivos do IX Concílio Geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que será realizado a partir do dia 17, em Cachoeira do Sul, sob a direção do seu presidente, Pastor Karl Gottschald.

O Concílio reunirá aproximadamente 50 pastores e leigos luteranos das quatro regiões eclesiais — sediadas no Rio, Joinville, Parnaíba e São Leopoldo — e se desenvolverá durante três dias. As conclusões orientarão as atividades da Igreja nos próximos dois anos.

ENGAJAMENTO

Segundo o Pastor Paulo Newton Bayer, o tema central do Concílio será Igreja Missionária no Brasil e, a partir da reunião das tendências dos participantes, da Igreja, procurará proporcionar ao leigo uma melhor assistência pastoral para que ele participe, inclusive em atividades diaconais, a dinamizar a atuação da Igreja num "catecumenato permanente, isto é, num engajamento evangelizante, porque a nossa preocupação é fugir da rotina, é atuar dinamicamente."

— Há um desafio para a Igreja, no sentido da evangelização, que se torna cada vez maior devido aos perigos que rondam a nossa civilização e diante das constantes ameaças de confrontos e litígios. Esses antagonismos demonstram a necessidade de se evangelizar em Cristo, de dinamizar o bem em face do avanço do mal. Não temos pretensões a atuar no confronto existente com a crise do petróleo, por exemplo, mas queremos trabalhar dentro da realidade nacional. Esta é a nossa tarefa, ao lado das Igrejas co-irmãs, porque esta nos empenhados no ecumenismo — disse o Pastor.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
JR	2-10-74	

Primaz inglês prega maior aproximação de igrejas e respeito a direitos humanos

Porto Alegre (Sucursal) — Não obstante definir como objetivo de sua atual viagem pela América do Sul a promoção de uma maior aproximação entre as igrejas cristãs, o Arcebispo de Cantuária e Primaz da Igreja Anglicana, Arthur Michael Ramsey, afirmou em resposta a uma pergunta que, aonde vai, sempre fala da preocupação dos cristãos pelos direitos humanos e pela sorte dos presos políticos.

O prelado anglicano, que iniciou sua visita ao Brasil pelo Sul, viajou para a Guanabara ontem à tarde e quinta-feira, em Brasília, será recebido em audiência pelo Presidente Ernesto Geisel. Na entrevista concedida entre uma visita a um colégio e o primeiro churrasco de sua vida, disse estar interessado pelas condições sociais dos países que percorre e que essa deve ser uma preocupação de todas as igrejas cristãs.

Solidariedade

A par da difusão da mensagem de Deus e da promoção do relacionamento humano em termos de uma real comunhão, a Igreja cristã deve solidarizar-se com as pessoas que sofrem, segundo o Arcebispo Arthur Ramsey. Por isso, considera que a Igreja deva estimular os países mais prósperos a auxiliarem os menos desenvolvidos e, no âmbito nacional, apoiar programas que se proponham a melhorar as condições sociais das camadas mais pobres.

A uma pergunta sobre qual a posição da Igreja anglicana diante da questão da distribuição da riqueza,

o Arcebispo de Cantuária respondeu que o produto do trabalho de uma nação deveria ser partilhado entre seu povo de modo mais equitativo possível, "porque não acredito numa igualdade absoluta." Mais adiante, afirmou que alguns dogmas da Igreja Católica, dos quais destacou a infalibilidade do Papa e o da Assunção da Virgem, se constituem obstáculos ao processo de integração ecumênica das Igrejas. Mas acrescentou que confia em que possam ser removidos, em face da linha de evolução aberta pelo Concílio Vaticano II.

No Rio

O Arcebispo de Cantuária e Primaz da Igreja Anglicana, Rev. Arthur Michael Ramsey visitará hoje à tarde o Cardeal Eugênio Salles. A noite estará no Maracanã para ouvir as prédicas de Billy Graham. Pela manhã irá a Petrópolis, onde visitará a Cidade dos Meninos e o Príncipe Alexandre da Iugoslávia.

Ontem, logo após o seu desembarque no Galeão, o Arcebispo esteve na Igreja Anglicana de São Jorge, onde foi recebido por cerca de

200 membros da Colônia britânica no Rio. Na ocasião celebrou um ofício religioso e fez um sermão de 20 minutos no qual afirmou que "embora o processo de aproximação entre católicos e evangélicos seja lento, podemos desde já sentir-nos irmãos."

Amanhã, o Arcebispo viajará para Brasília onde irá avistar-se com o Presidente Ernesto Geisel. Seu embarque de regresso à Inglaterra, será sexta-feira, às 18h, no Galeão.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen
Pressearchive

Titel	Datum	Seite
	2-10-74	25

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Zeitung	Datum	Nummer
EdSP	2-10-74	

Pressearchive

Ramsey^{SP} defende^{2/87} direitos^R

Das Sucursais

"Onde quer que eu vá, fa-
lo sempre dos interesses dos
cristãos e de seus direitos
humanos" — afirmou on-
tem o arcebispo Arthur Mi-
chael Ramsey, da Cantuá-
ria, em entrevista que con-
cedeu em Porto Alegre ao
fim de uma visita de dois
dias ao Rio Grande do Sul.
Na entrevista, o arcebispo
declarou que os países ricos
devem ajudar os mais po-
bres, "mas sem explorar", e
preconizou que a riqueza se-
ja "distribuída entre os po-
vos da maneira mais justa
possível". Após a entrevis-
ta, o arcebispo seguiu para
o Rio, onde chegou às 19
horas, para cumprir um
programa que inclui encon-
tro com o cardeal Eugenio
Salles e participação na
Cruzada que o pastor norte-
americano Billy Graham
realizará esta noite no Ma-
racaná. Amanhã, o arcebis-
po da Cantuária seguirá pa-
ra Brasília, onde será rece-
bido pelo presidente Geisel,
visitará o Senado e a Ca-
mara, almoçará com o nun-
cio apostólico e será recep-
cionado na embaixada da
Inglaterra. O Brasil é a ul-
tima etapa da viagem do ar-
cebispo à América Latina.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen
Pressearchiv

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung
E&SP

Datum
2 - 10 - 74

Nummer

12 - O ESTADO DE S. PAULO

Ramsey debaterá

Igreja convence fiéis no Sul a pagar o dizimo

Da Sucursal de
PORTO ALEGRE

A cobrança do dizimo tem o objetivo de cobrir todas as despesas da Igreja, entre elas a manutenção de 80 grupos missionários formados por padres, freiras e irmãos católicos, afirmou ontem o bispo de Caxias do Sul, dom Benedito Zorzi, ao relatar os trabalhos do primeiro dia de funcionamento da Assembléia do Conselho Regional de Pastoral, chamada de "A Igreja no Rio Grande do Sul, Hoje".

Para ensinar aos padres como convencer os católicos a pagarem o dizimo e como contabilizar o dinheiro arrecadado, será lançado amanhã o livro "Dizimo na Igreja, Hoje", com tiragem inicial de cinco mil exemplares. Essa será a primeira tentativa de organizar a cobrança do dizimo, que substituirá o tradicional sistema de coleta durante as missas e o pagamento de cerimônias como missas em ação de graças, casamentos e batizados.

O lançamento do livro foi anunciado pelo bispo auxiliar de Porto Alegre, dom Urbano Algaier, após a entrevista coletiva que concedeu no seminário de Viçosa, junto com dom Benedito Zorzi e um leigo de Pelotas, professor Jandir Zanetelle.

Os bispos também estão preocupados em adaptar as formas de culto às características particulares da cultura brasileira. Assim, dom Urbano Algaier acentuou: "Nós somos um povo de cultura européia mesclada com elementos indígenas e africanos. Até há algum tempo atrás havia tentativa de purificar a religião, por meio da eliminação das manifestações religiosas populares. Chegávamos até a desprezar estas manifestações, o que é muito pior".

Dom Urbano acha que "não só a Igreja mas também os governos devem procurar ser mais abertos". A Igreja, no seu entender, era uma entidade "muito jurídica", que agora está procurando novas fórmulas de aproximação com os seus fiéis.



Da Sucursal de Porto Alegre

O arcebispo da Cantuária é um defensor da aproximação com os católicos

O arcebispo da Cantuária completou ontem uma visita de 26 horas ao Rio Grande do Sul, onde participou de intenso programa no qual procurou dar ênfase aos problemas do ecumenismo, um dos principais motivos de sua viagem a América Latina. "Esta pequena passagem pela América do Sul — observou o arcebispo, em entrevista — serviu para que eu pudesse encorajar, desenvolver e promover a aproximação da Igreja Anglicana com outras igrejas e acredito mesmo que, aqui, este movimento é muito forte, superior ao que se verifica em outras partes do mundo".

Indagado sobre a aproximação entre a Igreja Anglicana e a Igreja Católica, o arcebispo afirmou: "Entendo que entre as duas Igrejas existem certos dogmas, como, por exemplo, a infalibilidade papal, que prejudicam nosso relacionamento. O que deve ser feito, cada vez mais intensamente, é a separação das doutrinas principais das secundárias, dos dogmas mais importantes dos de menor interesse. Isso representará grande progresso no futuro do ecumenismo".

O arcebispo informou, em seguida, que um de seus principais objetivos na América Latina é organizar a Igreja Anglicana de maneira mais aberta e livre. "Assim, já abri mão de alguns territórios sobre minha jurisdição aqui na América, dando-lhes mais autonomia". Para Ramsey, essa maior abertura dará condições ao anglicanismo para trabalhar melhor no interesse dos pobres e dos desprotegidos".

RIQUEZA

Sempre bem humorado e ouvindo com atenção as perguntas que lhe foram feitas, o arcebispo afirmou que "a riqueza deve ser distribuída da maneira mais justa possível, mas não acredito numa igualdade generalizada". Segundo Ramsey, para mudar a situação atual de muitos países onde prevalece a injustiça social "é necessário que os países ricos ajudem os mais pobres, mas ajudem sem explorar e, dentro desses países, a Igreja deve apoiar todos os esforços que visam a dar melhores condições ao povo".

O bom humor do arcebispo desapareceu, por um momento, quando lhe perguntaram que influência política tem na Inglaterra, "já que é a segun-

da pessoa mais importante do país, logo depois da rainha". Ramsey respondeu que "essa confusão de segunda pessoa não deve ser repetida" para acrescentar, em seguida, que "na Inglaterra, os líderes religiosos não têm qualquer autoridade política. Nossa influência se restringe apenas ao impacto que podemos causar no povo".

IRLANDA

O arcebispo comentou também a guerra da Irlanda que, em sua opinião, não é uma guerra entre duas religiões. No Sul da Irlanda, protestantes e católicos convivem enquanto, ao Norte, há problemas políticos e sociais que dificultam o relacionamento. Segundo o arcebispo, os católicos e os protestantes anseiam pela paz, enquanto os extremistas fazem tudo para manter o conflito.

Ramsey afirmou que além do problema específico da Irlanda, a Igreja Anglicana, bem como a Católica, enfrenta diversos problemas suscitados pelas ansiedades do mundo moderno. "No entanto, todos os problemas nos fazem voltar às raízes de nossa fé e lutar porque ela fica mais forte quando enfrenta a escuridão". E acrescentou: "O problema irlandês e outros que existem no mundo representam o surgimento do espírito de crueldade e de ódio ou, às vezes, o vazio absoluto de idéias".

Ramsey encerrou a entrevista expressando a posição de sua Igreja diante do controle da natalidade: "Um dos propósitos do casamento é a procriação. Mas são as famílias que têm o direito de exercer esse controle. Nisso não deve haver intervenção estatal".

NO RIO

O chefe da Igreja Anglicana, acompanhado por sua esposa e dois auxiliares, chegou às 19 e 15 ao aeroporto do Galeão, depois de passar dois dias em Porto Alegre. Cansado, após atrasado de hora e meia de seu avião, que ficou retido em São Paulo devido ao mau tempo, Ramsey desceu no terminal provisório e seguiu imediatamente para a Igreja Cristo Rei, onde presidiu uma cerimônia religiosa para mil pessoas.

Amanhã, o arcebispo seguirá para Brasília onde será recebido pelo presidente Geisel, almoçará com o nuncio apostólico e com o arcebispo de Brasília e será apresentado a todo o corpo diplomático. O Brasil é a última etapa da viagem do arcebispo da Cantuária.

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer
Jg	5-10-74	

Arcebispo de Cantuária ^R retorna a Londres

Durante os poucos minutos que lhe restavam ontem à noite entre a chegada de Brasília e o embarque de volta a Londres, o Arcebispo de Cantuária e Primaz anglicano de Inglaterra, Reverendo Michael Ramsey, afirmou ter um objetivo comum com os jornalistas: transmitir a verdade.

De *clergyman* e protegido por um sobretudo, o Primaz anglicano disse que o ecumenismo, a maior preocupação das Igrejas pelos pobres e a defesa dos direitos humanos foram seus temas constantes nos quatro países que visitou durante três semanas: Colômbia, Chile, Argentina e Brasil.

COM GEISEL

Ele se mostrou grato pela "exatidão e ajuda" que recebeu da imprensa durante a sua estada no país, desde o dia 1.º, em sua primeira visita ao continente.

— O Brasil é um país fascinante — declarou, mas pediu para que não lhe fizessem perguntas sobre a visita que fez ontem ao Presidente Geisel, "em caráter particular".

Ele referiu-se abertamente aos encontros que teve com os líderes católicos, em Porto Alegre e Rio de Janeiro, em especial o Cardeal Eugênio Sales, com quem disse ter tido "uma conversa muito interessante".

De sua participação na Cruzada que o Pastor norte-americano Billy Graham está pregando no Estádio do Maracanã, o Reverendo Ramsey lembrou que teve em mente duas recomendações: que protestantes e católicos "trabalhem juntos" ("o que alguns consideraram uma idéia algo descabida", disse) e que todos os cristãos se preocupem com os pobres ("um problema complexo", acrescentou).

— Todas as Igrejas precisam se preocupar muito com a pobreza, a exemplo do que fez Cristo — repetiu o Primaz dos anglicanos.

JORNAL DO BRASIL □ Sábado, 5/10/74 □ 1.º

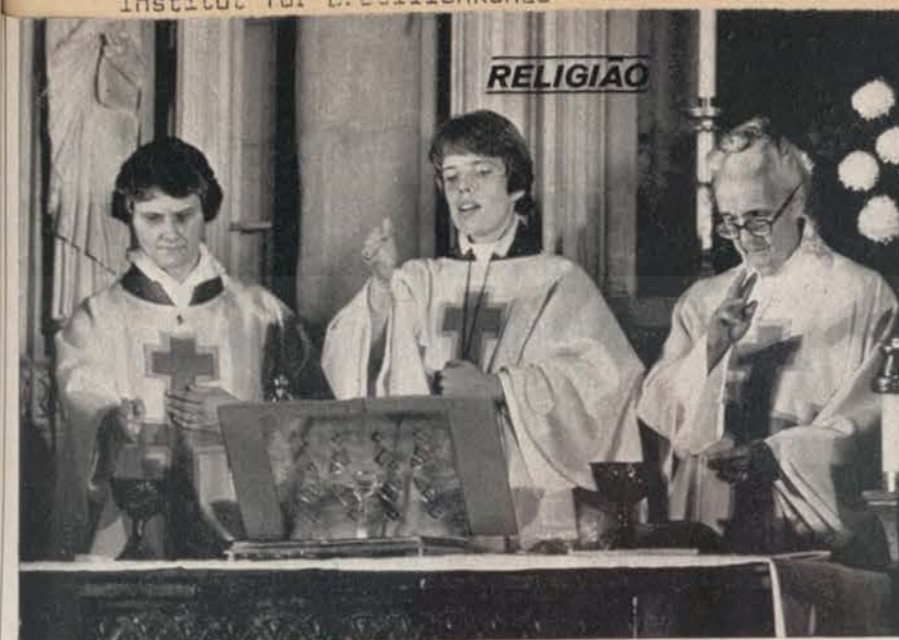
Ramsey fala com Geisel ^R e aponta o país como exemplo de ecumenismo

Brasília (Sucursal) — O Arcebispo de Cantuária Michael Ramsey, conversou ontem durante 15 minutos com o Presidente Ernesto Geisel, principalmente sobre assuntos referentes ao ecumenismo religioso e, nesse particular, citou o exemplo do Brasil "onde pela primeira vez um Chefe do Governo não é católico, como a grande maioria do país".

Ressaltou o Arcebispo Michael Ramsey que a própria Igreja tem tomado a iniciativa de não poupar esforços para a efetivação do ecumenismo religioso, e que a discriminação entre as religiões não deve prosseguir. A visita ao Presidente da República foi de cortesia, e o chefe da Igreja Anglicana estava acompanhado do Chanceler Azeredo da Silveira e do Embaixador da Inglaterra, Sr. Derek Dodson.

CONFIDENCIAL

O Arcebispo Michael Ramsey saiu do gabinete presidencial com sua comitiva que incluía mais três assessores, e caminhou apressadamente em direção à rampa de saída para o segundo andar. No rápido percurso, evitou conversar com os repórteres que o procuraram, repetindo seguidamente as palavras "confidential and private" (confidencial e privado), para se referir ao seu encontro com o Presidente da República. "No comments" (sem comentários) — frisou, diante da insistência dos pedidos.



As diaconisas Alison, Carter e Jeannette, em seu rebelde ato de fé

Mulheres no altar

Travestido sob roupagens, linguagem e preocupações inabituais, o "Women's Lib" americano elegeu, na noite de domingo, dia 27, um novo e inesperado palco para reativar seu duelo contra o chauvinismo masculino. Desafiando avoengos cânones e a ira de preceitos do anglicanismo, além de uma proibição expressa baixada pelo Conselho Superior da Igreja Episcopal, três mulheres subiram ao altar de uma capela da avenida Riverside, em Nova York, para oferecerem a comunhão a uma perplexa mas eufórica assembléia de 2 000 fiéis.

As destemidas legionárias que investiram contra mais este privilégio masculino possivelmente não compartilham senão de algumas poucas idéias de Betty Friedman ou de Glória Steinem, as duas pontífices do feminismo na América. Alison Cheek, 47 anos, Carter Hayward, 28, e Jeannette Piccard, 79, são apenas três das onze diaconisas que a Igreja Episcopal ordenou, em julho deste ano*, mas, pelo que deram a entender a seu entusiasmado auditório, pretendem levar em frente sua cruzada com o mesmo ardor das verdadeiras militantes feministas.

"Um caminho nunca visto" — A ordenação das onze diaconisas, pelo bispo de Filadélfia, já havia desencadeado furiosas tempestades dentro da Igreja Epis-

* Na mesma época, a Igreja Episcopal brasileira inaugurou uma ampla discussão sobre o problema da ordenação de mulheres, ouvindo os grupos paroquiais de suas quatro dioceses: Porto Alegre, Santa Maria (RS), Rio e São Paulo. Caberá ao Sínodo Episcopal dar a palavra final, embora influentes sacerdotes, como o reverendo Agostinho Soria, deão da Catedral da Santíssima Trindade, de Porto Alegre, já tenham se pronunciado pela ordenação "apenas em caráter experimental".

copal americana, a ponto de se temer uma irremediável ruptura interna. O risco obrigou, porém, o Conselho Superior dos Bispos a rever sua posição de intolerância e a afirmar, há duas semanas, seu apoio, "em princípio", à ordenação de mulheres. Por outro lado, manteve a proibição canônica de que as diaconisas presidissem a cerimônia da consagração, oferecessem a comunhão e ministrassem bênçãos — ainda considerados atributos exclusivos dos homens.

Indignadas com a limitação oficial, três diaconisas programaram um audacioso protesto para o significativo Domingo da Reforma, celebrado anualmente pelos protestantes em memória do histórico rompimento entre Lutero e a Igreja Católica Romana, no século XVI. Ainda que conscientes do risco de enfrentarem um tribunal eclesiástico e de pagarem sua ousadia com a suspensão de ordens, Jeannette, Carter e Alison, envergando belos paramentos brancos, amarelos e vermelhos, declamaram, sob os severos arcos góticos da igreja de Riverside, sua prédica contra "a marginalização da mulher dentro da Igreja", cantaram com a comunidade de fiéis o salmo "Estamos seguindo um caminho que nunca vimos antes..." e desafiaram, uma após outra, as três proibições.

Talvez o mais confortador, para as três intrépidas diaconisas, tenham sido os consagradores aplausos que explodiram dentro da igreja, ao final da cerimônia. Demonstrações de simpatia afloraram em todos os Estados Unidos. E um austero catedrático da Universidade de Harvard, o professor Charles Willie, disse esperar que a iniciativa "derrube a arrogante e medieval idéia de que só os homens têm capacidade real de servir como intermediários entre Deus e seu povo". Celebradas ruidosamente em todo o país, as diaconisas preferem, porém, designar sua cruzada apenas como "um imenso ato de fé".

Datum	Nummer

RELIGIÃO



Jacqueline Means, recebendo a ordenação: agora, de padre a bispo

Servas de Cristo

Aos 16 anos, ela abandonou os estudos, saiu de casa e foi viver com um motorista de caminhão. Cinco anos atrás, já com quatro filhos, resolveu voltar a estudar e a frequentar a Igreja de seus pais, com o objetivo confesso de tornar-se "padre". No último dia 1.º, em Indianápolis, finalmente, Jacqueline Allene Means, de 40 anos, tornava-se a primeira mulher a receber as ordens na Igreja Episcopal, com o apoio integral da alta hierarquia eclesiástica de um dos maiores ramos do protestantismo nos Estados Unidos, com mais de 30 milhões de membros.

A decisão, apesar da oposição de alguns bispos episcopais e de fiéis mais apegados à tradição, entre os quais inúmeras mulheres, abriu caminho para a concretização de uma tendência que as autoridades eclesiásticas americanas consideram irreversível — e não apenas entre os protestantes. Ainda na semana passada, em Washington e Nova York, por exemplo, se procediam a mais duas ordenações, e outras 29 estão programadas para este mês, em treze dioceses episcopais dos Estados Unidos.

O episódio da ordenação de mulheres na Igreja Episcopal (como é conhecida, nos EUA, a Igreja Anglicana) já vinha se arrastando há mais de dois anos — quando onze "padres" do sexo feminino

havam recebido as ordens, na Filadélfia. A cerimônia não foi reconhecida pela Casa dos Bispos, organismo máximo da Igreja Episcopal americana. Mas, de toda forma, serviu para cristalizar sentimentos que evoluíram na direção de uma revisão teológica. Aos poucos, algumas mulheres passariam a receber dos bispos locais licença para celebrar missas em suas paróquias. E, finalmente, depois de mais de uma década de debates, a Convenção Geral da Igreja Episcopal decidiu, em setembro do ano passado, abrir formalmente o acesso ao magistério eclesiástico — até ali exclusivamente masculino — para as mulheres, a partir deste 1.º de janeiro.

"Grossa heresia" — Os opositores da medida, porém, ainda não parecem definitivamente convencidos — tanto que acabaram realizando um ato de protesto durante a própria cerimônia de ordenação de Jacqueline. Na ocasião, o reverendo Robert Strippy leu uma declaração condenando o ato como "oposto ao sentimento da Igreja e contrário à vontade de Deus, uma grossa heresia, que atrairá a ira dos céus e o ridículo dos homens". Além disso, duas mulheres do Conselho Paroquial de Indianápolis pediram demissão de seus cargos, argumentando que a consciência não lhes permitia aceitar uma mulher como padre.

Na prática, no entanto, apenas uma igreja episcopal — a de Denver — se-

parou-se até agora da Igreja principal, em protesto pela abertura feminista. No mais, cerca de 250 bispos, padres e leigos comprometeram-se, numa reunião em Chicago, a tentar reverter a decisão da convenção. Seja como for, as possibilidades de êxito dos descontentes parecem ser escassas. A própria cerimônia de ordenação de Jacqueline, apesar dos incidentes, pode ter servido de mostra da disposição com que a maior parte do clero encara a mudança. Com efeito, cerca de 100 padres em roupas eclesiásticas — onde se incluíam alguns de outras Igrejas — marcharam na procissão que iniciou a cerimônia. Até mesmo um sacerdote da Igreja Católica — onde a ordenação de mulheres é impensável — participou da sagração, colocando as mãos sobre a cabeça da nova "padre" e invocando a Deus para que "envie o Espírito Santo para encher de graça e poder Jacqueline, a nova padre da Igreja". Logo após a ordenação, Jacqueline recebia os cumprimentos de seus colegas, expressos em beijos e abraços, e anunciava a disposição de tornar-se bispo "daqui a algum tempo". Ao mesmo tempo, advertia: "É melhor ninguém rir, como aconteceu quando anunciei pela primeira vez meu desejo de entrar para o clero".

Mateus em cordel

*Desde muito eu pensei
Evangelho escrever
De maneira diferente
No modo de proceder
Divulgação da palavra
Pra todo mundo entender*

Nem todos entenderam o projeto do padre pernambucano Antônio Barbosa Júnior, de "levar à população rural a mensagem de Cristo numa forma mais legível" — em outras palavras, reescrevendo o Evangelho Segundo São Mateus em rimas, e publicando-o em forma de cordel. Os paroquianos de Glória do

Igreja Luterana dá bênção matrimonial a desquitados

Porto Alegre — "Querem viver cristamente, como esposa e esposo, nessa nova união?" Vinte e sete casais já responderam *sim* a esta pergunta feita por diferentes pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, que está concedendo bênção matrimonial a desquitados, na convicção de que "o perdão de Deus vale também para aqueles que fracassaram no seu matrimônio" e a Igreja não pode negar o seu auxílio quando alguém procura um novo começo.

Maior igreja construída no Brasil, depois da Católica — com 750 mil membros distribuídos em 1 mil 600 comunidades — a Evangélica de Confissão Luterana, através de seu conselho-diretor, em 1974, enviava a pastores, conselhos parquiais, ordens distritais e regionais o documento de estudo sobre Bênção Matrimonial aos Desquitados, afirmava que "o matrimônio cristão não prevê a separação dos cônjuges", mas lembra que Jesus, "ao manifestar-se inconforme com o divórcio e o desquite, exige que a integridade dos matrimônios seja real e não fictícia".

Mandamento do amor

Para os luteranos, "um matrimônio cristão não pode ser contrai-do contando desde o início com a possibilidade de um divórcio ou de uma simples separação. As palavras da liturgia da bênção matrimonial "... Até que a morte vos separe" permanecem válidas". Mas, destaca o documento: "Esta indissolubilidade do matrimônio deve ser entendida pela Igreja não como lei, mas como fruto do Evangelho. Isto quer dizer: a Igreja não deve invocar a força da lei para garantir a indissolubilidade do matrimônio. Esta deve ser compreendida como consequência natural do Espírito renovador e orientador de Cristo, que determina o convívio dos cônjuges".

"O matrimônio em si, porém, pode ser destruído pelo homem que, contrariando a vontade de Deus, está em perfeitas condições de separar o que Deus juntou. Todos os meios legais são ineficientes para impedir a deterioração interna do matrimônio, e para sustar a separação gradativa. A verdadeira indissolubilidade não pode ser impos-

ta, mas deve brotar de dentro. A indissolubilidade do matrimônio tem por premissa pessoas capacitadas ao amor e, conseqüentemente, à fidelidade e à responsabilidade".

Os teólogos luteranos admitem que o divórcio "é sinal de desobediência, fraqueza e culpa. Mas a negação categórica do mesmo desconsidera o perdão de Deus, ignora os propósitos de Jesus e, em muitos casos, conduz a matrimônios mantidos unicamente por uma coação exterior. Por isto a Igreja não deve excluir o divórcio como solução última para matrimônios destruídos" e, usando desta liberdade, "a Igreja não se torna desobediente a seu Senhor. Ela sabe da vontade de Deus que condena a separação dos cônjuges. Mas ela sabe igualmente que esta vontade tem em vista o bem dos homens e que leis devem estar a serviço do homem e não vice-versa".

Adoção gradual

Com sua presidência nacional sediada no Rio Grande do Sul, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana tem toda a sua vitalidade repousada nas comunidades, que são dirigidas por distritos e orientadas por conselhos. De cima para baixo, a abertura dada pelo Conselho Diretor foi sendo aos poucos absorvida e, no ano passado, o Colégio Pastoral da Comunidade Evangélica de Porto Alegre resolveu iniciar a inovação: abençoar o casal desquitado que "quer orientar a sua vida cristã".

A iniciativa tem sido metódica e discreta e com várias exigências, a começar pelo fato de pelo menos um membro do novo casal ser membro comungante da Igreja. Com todas as reservas, a paróquia central em Porto Alegre começou a ser procurada por desquitados que queriam casar e todos se depararam com a segunda necessidade: frequentar o Curso para Noivos Desquitados, submeter-se a entrevistas com o pastor orientador e ser capaz de analisar, até à exaustão, as causas e as culpas pelo seu próprio desquite.

— Muitos desistem diante de tudo isso — afirma o Pastor Godofredo Boll, coordenador do curso, cujo currículo abrange os aspectos jurídicos e legais do casa-

mento e do desquite, o matrimônio cristão, além de aulas sobre a Igreja, porque a maior parte dos alunos não é luterana, mas passara a professar a religião. "No curso normal de noivos, a ênfase dada inclui o entendimento sexual e psicológico do casal. Para os desquitados, nos queremos a valorização dos fatores da vida", explica. Todos os casais participam ainda de um retiro de dois dias, em que se faz debate sobre os compromissos do casamento, com os pastores e suas mulheres.

Seriequade de intenções

No trabalho desenvolvido, o Pastor Boll assegura que todo o desquitado atravessa "uma fase emocional violenta porque seu casamento se desfez. Depois, segue um período de depressão e desânimo. Se supera isso e encontra uma nova companheira, a sociedade tende a marca-lo, a rejeitá-lo às vezes. Ora, isto é antievangélico e cabe a igreja ajudar, desde que comprovem a seriequade de intenções dessa segunda tentativa. Essa seriequade cabe a nós, pastores, ajudá-los se exaustão por isso, há várias exigências".

Embora sem dados estatísticos formais, o pastor de 54 anos, casado, pai de quatro filhos, afirma que dos 27 casais que receberam a bênção matrimonial por terem sido aprovados nos dois cursos realizados no ano passado, apenas três coabitavam antes da cerimônia, que foi pública e festiva em mais da metade dos casos. A maioria dos desquitados estava separada há vários anos e o desquite, quando ocorreu, foi "apenas a regeneração de um facto".

O número de homens desquitados a casar com mulheres solteiras é 2/3 superior ao caso inverso. Metade das mulheres, casou com vestido de noiva. Em 60% dos casos, o desquitado que procurou a bênção já coabitava com outra pessoa. A média de idade entre os nubentes foi de 30 anos, mas o homem mais velho tinha 60 e a mais moça, 18. A escolaridade é média, embora houvesse engenheiros e advogados.

Goitá, pequena cidade encravada na Zona da Mata pernambucana, a 60 quilômetros do Recife, por exemplo, chegaram a pedir a seu vigário que "acabasse com aquilo", pois "ninguém estava compreendendo nada". Na zona rural, no entanto, a publicação obteve relativo sucesso. Embora ainda restem algumas dezenas de exemplares na livraria da arquidiocese do Recife, quase toda a tiragem de 1 000 exemplares foi vendida, em sua maioria nas feiras de cidades do sertão.

A escolha do texto de São Mateus deu-se, segundo padre Barbosa, ao fato de ser o mais completo dos quatro Evangelhos, "contendo toda a vida de Cristo". Escudado em sua experiência de 37 anos de ministério na Zona da Mata, onde não raro encontrava inúmeras dificuldades para se fazer entender, padre Barbosa resolveu, em 1973, usar a linguagem do cordel em suas pregações. Daí à elaboração do "Santo Evangelho em Rimas" foi um passo: em seis meses ele concluiu seu trabalho — um livreto de 43 páginas, divididas em 28 capítulos com 600 versos em sextilhas, e, sempre que possível, escrito em termos próximos ao linguajar do sertão.

Na passagem onde se narra a prisão de Jesus Cristo e as zombarias que lhe foram infligidas pelos soldados de Pôncio Pilatos, por exemplo, o galho de árvore que lhe entregam à guisa de cetro não é mencionado: "A Jesus soldados prendem / E o seu manto trocaram / Por outro manto vermelho, / Na cabeça colocaram / Uma coroa de espinhos, / E uma cana lhe entregaram", narra a versão sertaneja. A intenção de padre Barbosa era escrever outros textos bíblicos em cordel, mas a saúde precária impediu-o, por ora, de levar adiante o projeto. Ele lamenta, também, a pouca divulgação que seu trabalho mereceu em Pernambuco. "Há mais de quinze meses deixei um exemplar na redação dos dois principais jornais do Recife", queixa-se. "Até agora não saiu uma linha sobre o trabalho."



Pe. Antônio: linguagem do sertão

Muito afeto levou à Igreja

Porto Alegre/RS



Marcos, 13 anos, filho de Luís Carlos, gosta de Vanilza e do novo lar do seu pai

"Nós sofremos um boicote", afirma Vanilza, escondendo o sorriso habitual, enquanto Luis Carlos segura a sua mão com ternura e afirma que "se não fosse a Igreja Luterana, eu não teria moralmente condições de pegar a moça e trazer para casa".

Luis Carlos e Vanilza receberam a bênção do Pastor Godofredo Boll em novembro do

ano passado. Ele, bancário, desquitado, dois filhos tutelados pela avó paterna, é 24 anos mais velho do que ela, ainda uma estudante a terminar o 3.º ano do segundo ciclo: foi a mais moça de todos os que frequentaram o Curso para Noivos Desquitados.

Além de Luis Carlos ser desquitado, a diferença de idade foi o outro fator a atrair a contrariedade da família da moça, su-

perada depois de um ano de namoro e com a promessa de casamento na Igreja Luterana. Concluído o Curso, houve a bênção matrimonial com convites a parentes e amigos e pequena festa que teve a alegre participação de Marcos e Ricardo, de 13 e 10 anos, que gostam tanto do novo lar de seu pai a ponto de ficarem na casa sempre que é possível.

— A Igreja Luterana tem razão de ser exigente para casar desquitados — afirma Luis Carlos — que pensa que a lei do divórcio deveria ser igualmente exigente, determinando um prazo mínimo de separação para a anulação do vínculo matrimonial.

— Penso que o homem não sofre tanto, quando desquitado, perante a sociedade. Homem desquitado é charme, mulher desquitada... alguma coisa houve, dizem as pessoas — declara Vanilza, que concorda com o marido: "Se já existe desquite, por que não o divórcio? Por que esse meio, por que não tudo ou nada?"

E, "se não fosse tanto afeto, a gente nem estava aqui conversando, porque as barreiras foram muitas", os dois planejam construir o piso superior da casa, onde haverá quarto para os dois filhos de Luis Carlos "e para a meninazinha que nós queremos ter".



O pastor Godofredo Boll deu a bênção matrimonial a Luis Carlos e Vanilza em novembro passado

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung

Diário de Pernambuco

Datum

8-1-78

Nummer

DIÁRIO DE PERNAMBUCO **PANORAMA** | Literatura
Recife, domingo, 8 de janeiro de 1978 | Reportagem

A Igreja Brasileira é um antro de ladrões e homossexuais (Denúncia de um padre contra bispos)



O padre Geraldo, da Igreja Católica Apostólica Brasileira, mesmo expulso continua a atuar e faz graves denúncias sobre roubo e homossexualismo em sua Igreja. Ele denuncia e diz os nomes. Pág. D-1

“Os atos mais degradantes, repugnantes e constrangedores que se possa conceber e imaginar, como roubo de dinheiro, fabricação de “santinhos” para explorar a boa fé dos incautos e prática de homossexualismo, estão ocorrendo, de maneira vergonhosa na Igreja Católica Apostólica Brasileira -ICAB-, com a conivência total dos bispos Luiz Mascvalho, José Barbosa e Benedito Paulo Leônico”. (Padre Geraldo Magela).

Sem medo, o padre Geraldo Magela, há 19 anos pároco da Igreja de Jardim Jordão, expulso da ICAB em outubro passado, por divergir frontalmente das medidas administrativas colocadas em prática por aqueles três “bispos”, mostra-se disposto a lutar “até o fim para provar e denunciar as terríveis descobertas, a sujeira de uma política de ambi-

ções e interesses puramente pessoais.” Lembrou, inclusive, conhecida frase do presidente Lincoln: “nenhum homem é suficientemente bom para governar outros homens, sem o consentimento deles.”

LADRÃO

Demonstrando um indizível nervosismo e ressentimento, o “padre” Geraldo sustenta pesadas e graves acusações contra o “primaz” da ICAB: “Dom Luís de Mascvalho não tem condições morais de permanecer no cargo. Não faz muito tempo, foi preso em um aeroporto de São Paulo, quando tentava fugir para o Exterior, conduzindo centenas de estatuetas. Só que os miolos dessas estatuetas estavam abarrotados de dólares e de outras moedas internacionais.”

“Nessa mesma ocasião, seu secretário-geral, Dom Luiz Fernando, através de cartacircular, pediu a todas as “ar-

quidioceses” que não aceitassem a permanência do então primaz. Mesmo assim, não deu outra coisa. Dom Mascvalho foi solto, foi reeleito e continua comprando Deus e o diabo. Ele repetiu várias vezes que com o seu dinheiro ninguém pode: compra juiz, polícia, e quem quiser. Mais recentemente, adquiriu uma estação de rádio e instituiu salários mensais para os “padres” paulistas, onde fica localizado o seu palácio. Assim, pode ficar com todos eles no “bolso”.

FÁBRICA DE SANTOS

Revela que Dom Mascvalho tem fomentado a fabricação de “santinhos” para fazer “milagres”, explorar os menos avisados e arrecadar dinheiro, que vai direto para o seu cofre particular. O mais recente santo fabricado foi Santo Antônio de Catageró, em São Paulo. Em tom de gozação e de ironia, “padre” Geraldo explica que “esses santos só não fizeram ainda chorar. Mas,

CARLOS CAVALCANTE



O Padre Magela, expulso da Igreja Brasileira, continua atuando no Jordão, por conta própria

não creio que isso vá demorar muito. Eles, os "bispos", estão com ganância de dinheiro. Agora o "primaz" não se deu bem quando quis forjar milagres falsos e imaginados com o Menino Jesus de Praga, que trouxe de Portugal. Quebrou a cara direitinho porque o Menino de Praga é muito conhecido. Ninguém foi na onda de tantos milagres. Disso, pelo menos já desistiu".

Assegura que "Dom Mascalho criou um autêntica máfia para isolar os que têm boa vontade de trabalhar, mas em contrapartida criou anarquia, discórdias, divisões e desarmonias. Parte do atual clero está com ele. Faz parte integrante e atuante da máfia. A outra parte é medrosa, covarde. Nenhuma das duas, portanto, tem amor à Igreja: Digo mesmo que se a ICAB é mesmo igreja, como igreja não pode continuar assim."

SEM CORAGEM

"Padre" Geraldo Magela observa que "a desorganização é tamanha na ICAB, que mesmo eu tendo sido expulso, o "bispo" Benedito Paulo Leôncio, responsável por todas as igrejas no Estado de Pernambuco, não teve a coragem suficiente para vir receber os bens da igreja de Jardim Jordão. Mas eu posso garantir que se ele fizer isso, vai levar é uma "pisa", uma verdadeira surra dos moradores deste bairro que já me conhecem há mais de 19 anos".

Segundo suas deduções, "dom Benedito Leôncio, que já deixou a batina por uma duas ou três vezes, sempre voltando à cata de interesses, faz parte da máfia que se organizou dentro da ICAB para tomar conta do seu dinheiro. É graças a esse dinheiro que todos eles conseguem manter-se no poder, cometendo as maiores irregularidades sem nenhuma punição, sem nenhuma prestação de contas."

Garante que o "bispo da ICAB no Estado de Pernambuco vive pressionado por padres desprovidos do menor sentido de religiosidade. E por aceitar essa imposição ele não pode ter nenhuma condição de responder por um cargo tão importante como este em que se encontra investido. A sua própria investidura não pode ser apontada como um fato legal. Só conseguiu, mesmo, aproveitando-se do estado de saúde de dom Diamantino Costa, fundador do ICAB no Nordeste, que inclusive foi seu sagrador. Mesmo assim, teve a coragem e a ousadia de depor dom Diamantino e tomar o cargo. Foi uma atitude indecente e que deu muito o que falar naquela oportunidade."

COMUNISMO

Outro que, no seu ponto de vista, merece ser chamado à

atenção é o "bispo" de Alagoas, dom Wanillo Galvão. "Esse tem se mantido no poder através da acusação de comunista que tem atribuído a muita gente, usando um programa em uma emissora local para cometer as maiores aberrações. É um dedo-duro, da mais baixa qualidade, dos órgãos policiais. Tem inclusive um filho amasiado com um "padre" da ICAB em Salvador, fato esse que chegou a ser noticiado pela imprensa há pouco menos de cinco meses."

Dom Wanillo Galvão foi ordenado diácono em 1969, juntamente com o "padre" João Cipriano, que é meu auxiliar há mais de 10 anos. Por questões morais, que prefiro não revelar, dom Diamantino não quis ordená-lo. Foi então para São Paulo, onde conseguiu realizar seu intento, com a cobertura do "bispo" alagoano Vilas Boas, que foi seu aluno em Maceió. Dom Wanillo chegou a ser "bispo" sem que ninguém saiba como, porque a ICAB exige um mínimo de cinco anos de atividades seguidas para que alguém possa chegar a ocupar o posto."

Considero dom Wanillo Galvão como um corrupto. Uma farsa. Um homem-caricatura. Insinua-se, inclusive, que ele teria amizades íntimas com o padre Li-

sacl, lá mesmo de Maceió, e por isso estaria tentando impedir, de todas as maneiras seu casamento. Nunca um casamento demorou tanto a realizar-se como esse do "padre" Lisael. O "padre" José Leça, um dos mais capazes que já conheci, por vir se mantendo divorciado dessas atitudes do seu bispo, está praticamente suspenso de muitas de suas atividades clericais.

MAUS BOFES

Logo que começaram a surgir as primeiras divergências com alguns membros da Igreja no Estado de Pernambuco, o "padre" João Cipriano encaminhou um ofício ao "bispo" regional, dom José Barbosa, sediado em Natal, pedindo providências imediatas e, inclusive, condenando a sua omissão no caso. "Este - conta o próprio "sacerdote" - respondeu com maus bofes. Devolvi a carta e escrevi outra, usando o seu mesmo estilo."

"Padre" João confessa-se bastante decepcionado com os problemas internos da ICAB, sem que seja tomada qualquer medida esclarecedora. Defende o direito dos "sacerdotes" serem ouvidos pela alta cúpula, o que deixou de acontecer há vários meses. "A bagunça é generalizada. "O único interesse dos nossos "bispos" é

dinheiro. Dinheiro e mais dinheiro. Para aumentar suas fortunas pessoais eles são capazes de acobertar qualquer baixaza, qualquer ato ilícito, ilegal e desonesto. Como o "padre" Geraldo tem demonstrado dono de dessassombrada coragem para denunciar a drástica situação atual, constituindo-se em um verdadeiro espinho de garganta, ficou marginalizado, encostado. Mas, tem uma posição incomparável com a deles: está com a consciência tranquila."

- Outro que caiu na desgraça foi o "padre" José Monteiro, residente na estrada de Brasilit. Esse também nunca acobertou os desmandos dos nossos superiores. Por isso mesmo, vive hoje em dia quase que na miséria. Para sustentar sua família já teve que dirigir táxi durante muito tempo. Atualmente, para não passar ainda maiores privações, toma conta de um pequeno boteco. Um caso assim jamais poderia despertar a sensibilidade de quem vive em verdadeiros palácios, como é o caso de nossos "bispos".

Como conseqüências de todas essas irregularidades, desde 1964 que a ICAB deixou de ordenar "sacerdote" no Estado de Pernambuco. Diz "padre" João que "temos um Centro Vocacional, mas só mesmo no nome, no papel. Ele não serve para nada. A não ser para que os nossos superiores possam continuar mantendo-se nos postos, no poder."

DINHEIRO SACRIFICADO

"A minha vida sacerdotal - assegura o "padre" Geraldo - tem sido no sentido de servir aos fiéis. Procuro sentir o Cristo em cada um deles. Os nossos três principais bispos, entretanto, agem justamente no sentido contrário, procurando fazer com que o povo veja Cristo neles e assim sintasse na obrigação de servi-los. Servi-los com seu dinheiro, na maioria das vezes, sacrificado. Mas, desumanos e desonestos como são, esses "bispos" jamais poderiam deixar suas sensibilidades tocar-se por esses pequenos detalhes. O importante para eles é que tenham dinheiro, pouco importando através de que meios".

"Mesmo com todos esses desacertos, com toda essa bagunça generalizada, pelo menos na minha paróquia de Jardim Jordão, o povo permanece oferecendo o seu apoio. Na procissão recente de Nossa Senhora da Conceição, tivemos a presença de mais de 10 mil pessoas e inúmeras autoridades importantes. Além disso, realizados até novembro último, 120 casamentos e 600 batizados. Como se pode verificar, a confiança é grande. Falta limpar algumas "sujeiras" atuais para firmarmos nosso nome, aumentarmos o nosso conceito.

Todos os países têm direito a seu santo e a sua religião. O Brasil não pode ser a única exceção. Tudo, porém, tem que ser feito com o máximo de honestidade, de esforço, de persistência, e de boa vontade e sem o mínimo de interesses pessoais."

Sempre interrompendo a entrevista para atender as pessoas que chegam, diariamente, em bom número, à sua residência, pedindo os mais diversos tipos de favores, desde internamento em casas de saúde até "uma ajuda para completar a passagem do ônibus para a cidade, porque o dinheiro está curto", "padre" Geraldo insiste em novas e contundentes denúncias, com sérias implicações para os seus próprios companheiros de "religião".

- Querem que eu me cale, mas eu não posso ficar indiferente a muitas desonestidade e deslizes praticados pelos representantes da ICAB. Vejam vocês que o "padre" Lau, de Goiana, ordenado apenas com o 2º ano ginásial, quando é exigido o 2º ciclo completo, tem uma casa particular com placa de Capela. Lá, celebra casamentos, batizados e tudo que possa proporcionar-lhe dinheiro."

Acrescentou mais: "esse "padre" Lau não é flor que se cheire muito. Na última Copa do Mundo, foi marcada uma reunião nossa para às 14 horas. O Brasil tinha jogo às 13 horas. Todo mundo chegou na hora certa do encontro, exceto o "padre" Lau. Esse só deu o ar de sua graça às 15 horas, exatamente depois que terminou o jogo de nosso país. Perguntado a razão do grande atraso, deu uma resposta um tanto seca: o transporte atrasou. Mas, quando sentou-se disse para quem estava por perto: "eu estava era assistindo o jogo da Seleção Brasileira".

"As coisas não param aí, conta o "padre" Geraldo. Temos o caso do "padre" Antônio, pároco geral de Socorro e vinculado ao "bispado" local, que construiu casas para alugar em um terreno doado à construção de um orfanato. E tem mais: não satisfeito com tudo isso, vive pedindo dinheiro a um e a outro, dizendo que é para ajudar os meninos do orfanato. De orfanato, não há nem cheiro. Isso é um verdadeiro roubo. É uma desonestidade de marca maior."

O caso agora será decidido na Justiça de Pernambuco. Os "padres" Geraldo e João não aceitam sua expulsão da ICAB. Querem continuar onde estão. Têm certeza que a decisão final lhes será favorável. Querem inclusive que sejam ouvidos os "bispos" Luiz Mascvalho, José Barbosa e Benedito Paulo Leôncio, que deverão ser convocados pela Justiça para prestar os esclarecimentos sobre todas essas acusações.

Handwritten signature or initials

25/11/74 DAS



HAT UNSERE KIRCHE das Elend des brasilianischen Bruders erkannt?

Foto: Urs F. Kluyver

Ein Besuch bei der Evangelisch-Lutherischen Kirche von Brasilien (1)

Verwirrung, auf der Rückfahrt ins Gleichgewicht geschaukelt

lögen. Das eingesparte Geld haben sie Pfarrer Wellmann für die Familien der Streikenden gegeben. Nein, einfach war das keineswegs. Die wirtschaftliche und die theologische Hausleitung waren nicht spontan begeistert von dieser Solidarisierung. Und die Mehrheit der Studenten hatte ja auch nicht mitgemacht, sagt Ignacio. Trotzdem ist der Minderheit diese praktische Solidarität gelungen. Wir sollten aber, sagt Ignacio, nicht

meinen, er habe uns etwas Typisches aus der Arbeit der Lutheraner in Brasilien berichtet und gelehrt. Pfarrer wie Knut Wellmann seien Einzelkämpfer und keineswegs repräsentativ für das Denken und Handeln in seiner Kirche. Das mag sein. Doch bei Gesprächen mit der Kirchenleitung und weiteren Besuchen in Gemeinden entdecken wir, daß die Einzelkämpfer so allein gar nicht sind.

Fortsetzung folgt

Von Hildegard Lünina

Die Vorderfront des Schuppens, in dem die Gemeinschaft von Piratini sich zu Gottesdiensten zusammenschließt, haben Arbeiter mit einem Sonnenaufgang bemalt. Das Tageslicht hat Mühe, die grauschwarze Finsternis zu durchdringen. Wir sehen die Schattenrisse eines Menschen und entziffern die portugiesischen Zeilen unter dem Bild: „Wann ist die Nacht zu Ende, und wann beginnt der Tag? Wenn du einen Menschen vor dir siehst und ihn als deinen Bruder erkennst.“

Ignacio Lemke hat uns hierhergebracht. Ohne, daß er es wollte und wahrnimmt, illustriert mir die Schuppenfront seine Lage, die Situation des Nachwuchses in der Evangelisch-Lutherischen Kirche in Brasilien. Ignacio ist 27 Jahre alt. Er studiert an der Theologischen Fakultät dieser Kirche in Sao Leopoldo und weiß noch nicht, ob er wirklich Pfarrer werden soll. Seine Zweifel hat er uns auf der eineinhalbstündigen Fahrt von den Höhen des Spiegelbergs in Sao Leopoldo in die Niederungen der Arbeitersiedlung Piratini gründlich erklärt. Sie lassen sich zusammenfassen in der Frage: Hat unsere Kirche, diese deutschstämmige Einwandererkirche, das Elend des brasilianischen Bruders erkannt? Ist sie bereit, sich mit ihm zu identifizieren?

Professoren auf dem Spiegelberg in Sao Leopoldo geben Ignacio Lemke keine befriedigende Antwort. Die sucht und findet er bei Knut Wellmann, dem deutschen Pfarrer aus dem Oldenburgischen, der vor einem knappen Jahrzehnt nach Brasilien kam und dort eine Arbeit fand, die seinem Charakter und seinem Kirchenverständnis entspricht. Piratini ist eine Wildwuchssiedlung von Arbeiterfamilien, die zu arm sind, um die Miete einer Stadtwohnung zahlen zu können. Sie haben sich hier auf öffentlichem Gelände, dem jede Infrastruktur fehlte, Holz-, Lehm- auch schon Steinhäuser gebaut. Ihr Gemeinschaftshaus entstand in Selbsthilfe und mit Geldern der evangelischen Kirche. Dort haust Pfarrer Wellmann: Tisch, Stühle, darüber baumelt eine nackte Glühbirne, an der Wand eine Pritsche, in der Ecke ein Propangaskocher, ein Spülstein.

Behördenkrieg um eine Zapfstelle

Wir treffen Knut Wellmann nicht an. Er hat kein Telefon, durch das man sich mit ihm verabreden könne. Er ist, wie so oft, mit Vertretern der Siedlung unterwegs auf einem der vielen Gänge durch Ämter und Behörden, die noch notwendig sind, um Piratini etwas wohnlicher zu machen. Ignacio Lemke führt uns durch die Siedlung. Wir machen Halt vor einer der vier Wasserzapfstellen, die am vorigen Sonntag mit Gebet und Segen des evangelischen Pfarrers eingeweiht wurden. Acht Monate Behördenkrieg hat die Siedlungsgemeinschaft durchgestanden, bis die Wasserleitung gelegt wurde. Zwei befreundete Abgeordnete der Opposition und ein Demonstrationszug mit 300 Männern, Frauen und Kindern, die Kirchenlieder singend in den Gouverneurspalast zogen, haben schließlich den Druck erzeugt, der die Zapfstellen zum Sprudeln brachte.

120 Familien, erfahren wir, sind aktiv in der Selbsthilfeorganisation der Siedlung Piratini. Sie sind die „Gemeinde“ von Knut Wellmann. Eine evangelisch-lutherische Kirchengemeinde ist das nicht. Diese Arbeiterfamilien sind fast alle katholisch, wie rund 95 Prozent des 110-Millionen-Volkes der Brasilianer. Doch da gibt es eine lebensnahe Ökumene von bewußten Christen, denen Konfessionsgrenzen zweitrangig erscheinen angesichts der gemeinsamen Herausforderung für alle Kirchen durch die elenden Lebensbedingungen der Massen, die trotz Wirtschaftswachstum ständig ärmer werden. Knut Wellmann gehört zu dieser Ökumene, die mithelfen will, Gerechtigkeit zu schaffen: von der Wurzel her, durch Bewußtseinsbildung und Organisation des Volkes. Das geschieht hier vorzüglich in Bibelgruppen, dem Kern entstehender Basisgemeinden, die im Evangelium Antworten auf ihre Lebensfragen suchen und finden.

Nach unserem Rundgang durch die Siedlung wieder im Gemeinschaftshaus, drängen wir uns durch eine Schlange wartender Mütter mit Kindern in die Ambulanz durch. Woher wir kommen, fragt dort Teresinha Silva Santos. Aus Deutschland? Sie lacht. Ob wir in Piratini unsere Versuchskaninchen besuchen wollten? Sie holt Pillenpackungen aus der Schublade. Wir lesen: „Unverkäufliche Ärztemuster“. Ob diese Antibabypillen in Deutschland verkauft werden, fragt uns Teresinha. Soviel wir wissen, nein. Doch wir werden das nachprüfen. Braucht ihr nicht, meint Teresinha, unsere Frauen brauchen ja die Dinger, schickt uns lieber einen Frauenarzt.

Seit sieben Jahren, hören wir, verteilt hier Teresinha kostenlos deutsche Antikonzeptiva. 331 Mütter sind derzeit in ihrem Buch verzeichnet, in dem sie die Abholerinnen der Dreimonatspackungen registriert. Das ist die einzige Kontrolle, die es gibt. Teresinha, 32jährige Mutter von vier Kindern, mit Verteilung und Buchführung betraut und sonst in der Ambulanz des Gemeinschaftshauses von Piratini Erste Hilfe leistend, bekommt für ihre Arbeit von der evangelischen Kirche den monatlichen Mindestlohn, 2400 Cruzeiros, rund 120 Mark, Kindergeld eingeschlossen. Sie ist ungelernete Arbeiterin und wurde mit einem Erste-Hilfe-Kurs für diese Stelle „befähigt“. Sie sagt, ihre Kundinnen würden oft über Kopfschmerzen, Übelkeit, Fettwerden und andere Beschwerden klagen. Sie ist da ratlos. Natürlich hat sie gehört, daß es in Deutschland empfängnisverhütende Pillen nur auf Rezept gibt, nach ärztlicher Untersuchung, mit ärztlicher Begleitung, und daß nicht alle Frauen das gleiche Präparat vertragen und bekommen.

Solches Wissen hilft in Piratini nichts. Das brasilianische Familienplanungsinstitut schickt nur die unverkäuflichen Ärztemuster einer bestimmten Marke. Und viele schöne bunte Hefte, Bildergeschichten, in denen das Comicstripe-Ehepaar Jao und Maria in Sprechblasen von seiner glücklichen Familienplanung erzählt. Jao und Maria haben zwei ganz glückliche Kinder, einen Sohn und eine kleinere Tochter. Der Junge spielt mit Autos, das Mädchen mit Puppen. Sie wohnen in einem schmucken Häuschen, lernen in einer staatlichen Schule, put-

zen sich abends die Zähne und ihre Mutter schluckt die Pille vor einem sauren Ehebett, über dem zwei rote Herzscheiben, die Maria ohne Worte klammern, was wirkliche Liebe ist. Und was nicht: Zwei Seiten zurückblättern da siehst du eine Hochschwangere sieben Kindern an der Hand, der Mann vor einem häßlichen Wohnblock verzweifelt darüber nachgrübelt, wie seine jährlich wachsende Familie nähren soll. Nimm's nicht so schwermütig, suggeriert das Bild. In der Comic-Blatt geht dem Mann ein Licht auf, dann scheint ihm seine schwangere Frau

zwei Kinder an der Hand, die restlos fünf durchgestrichen. Es folgen in Erscheinungen: ein Einzelhaus, gute Sachen zum Essen, ein Geldsäckchen, nur durch zwei geteilt. Glück durch deutsche Markenmuster.

Vielleicht, denke ich, vielleicht hat die katholische Kirche in Brasilien bessere Gründe, als wir bisher annahmen, wenn sie die Familienplanung mit Geld nicht fördert? Und dann schaukeln die deutschen Journalisten unsere Verantwortung auf der Rückfahrt von Piratini nach Sao Leopoldo wieder ins Gleichgewicht. Mit Einfühlung in deutsche Familienproduzenten und -exporteure. Daß mit den Versuchskaninchen, versichern wir uns, kann gar nicht stimmen. Was es so, würden die Pharmazieproduzenten doch im eigenen Interesse für ärztliche Kontrolle bei den Terezinha-Kundinnen sorgen. Und außerdem, nach allem, was wir von Pfarrer Knut Wellmann hörten und von seiner Arbeit wissen, ist nicht zu glauben, daß er es dulden würde, wenn Menschen seiner „Gemeinde“ so schamlos mißbraucht würden.

Einzelkämpfer, doch gar nicht so allein

Der Theologiestudent Ignacio Lemke beteiligt sich nicht an unseren Spekulationen. Ihm ist wichtiger, uns jetzt mit Florentin Cortes bekannt zu machen, der staubaufwirbelnd einen klapprigen Lastwagen neben uns stoppt. Florentin ist einer der Streikführer der 90 000 Bauarbeiter, die jüngst in und rund um Porto Alegre um Lohnerhöhungen streikten. Vergnügt und so deutlich wie der zahnlose Mund eines Vierzigjährigen es formulieren kann, erzählt uns Florentin vom nur zum Teil erfolgreichen Arbeitskampf, der ihn selbst wieder einmal die Stelle gekostet hat – weshalb der Maurer mit 26 Jahren Berufserfahrung nun wieder einmal auf den Mindestlohn eines Lastwagenfahrers gesunken ist. Florentin ist trotzdem guter Mutes. Daran hat die Solidarität von Pfarrer Wellmann erheblichen Anteil. Um ihn, im Gemeinschaftshaus von Piratini, konnten sich die Streikführer versammeln. Dort beraten sie auch weiter, was zu tun ist, damit die Löhne wenigstens Schritt halten mit der rasanten Inflation.

Ignacio Lemke, der Theologiestudent aus Sao Leopoldo, der noch nicht weiß, ob er Pfarrer in der Evangelisch-Lutherischen Kirche in Brasilien werden will, erzählt uns, daß eine Gruppe von Kommilitonen diesen Streik unterstützt hat. Sie verzichteten auf eine der drei täglichen Mahlzeiten im Internat der Theo-

Ein Besuch bei der Evangelisch-Lutherischen Kirche von Brasilien (2)

Wir sind noch Gäste im Land

Ernte" ist das Bändchen über-
schrieben, das ich am Büchertisch
der evangelisch-lutherischen Ge-
meinde von Sao Paulo erworben
habe. In rührend-holprigen Versen
rühmt darin der deutschbrasilianische
Heimatliter Rudolf Hirschfeld die
kolonialen Leistungen der Vorfahren.
„Mit jedem Maiskorn, das erblüht, land-
einwärts Schritt für Schritt, zieht deut-
sches Wesen, deutsches Lied und deut-
sche Arbeit mit ... Was ihr gewerkt zu
eurer Zeit, dem Enkel ward's zum Lohn.
Er ist in deutscher Tätigkeit Brasiliens
bester Sohn.“

Just so habe ich es mir immer vorge-
stellt, das Selbstverständnis der Men-
schen, die den Stamm der Evangelisch-
Lutherischen Kirche in Brasilien bilden.
Es gibt schließlich auch gute Gründe
dafür. Die Igreja Evangélica de Confis-
são Luterana no Brasil, diese IECLB mit
ihren heute rund 700 000 Mitgliedern,
gründet sich auf die Nachkommen jener
mittellosen deutschen Bauern, die 1824
nach Rio Grande do Sul einwanderten.
Sie waren der jungen unabhängigen Re-
publik Brasilien ein willkommener Er-
satz für afrikanische Sklaven. Die
Landwirtschaft brauchte „neue Arme“,
„fleißig und arbeitsam“ sollten sie sein.
Und das waren die Hunsrücker, die mit
ihren Pastoren und Lehrern als intakte
Gemeinden den Süden besiedelten. Sie
machten Wildnis fruchtbar und be-
wahrten gegen die unwirtliche Umwelt
Einigkeit in der Pflege ihrer deutschen
Kultur: deutsche Sprache, deutsche Sit-
ten, deutsch-protestantischen Glauben.

Bis zum zweiten Weltkrieg. Da erlitt die
bäuerliche Einwandererkirche ihren er-
sten Kulturschock. Der tüchtige Deut-
sche wurde über Nacht zum häßlichen
Deutschen, seine Sprache wurde verbo-
ten, seine Schulen wurden geschlossen.
900 Gemeindeschulen verzeichnet die
Kirchenstatistik im Jahr 1933, sagt uns
der Kirchenpräsident der IECLB. Augusto
Kunert: „Heute haben wir noch 86.“
Folge: „Wir haben nun auch in unserer
Kirche viele Analphabeten. Im Landes-
innern ist es schon schwer, einen Ge-
meindesekretär zu finden.“

Die brasilianische Entwicklungspolitik
der jüngsten Jahrzehnte versetzte den
Lutheranern einen zweiten Kulturs-
chock. Hochgeputzte Industrialisie-
rung, vernachlässigte Landwirtschaft —
auch die deutschen Bauern und ihre im
Süden wohlbewahrte Kirche verarmten
zusehends. Überdies gibt es im Kirchen-
stammland Rio Grande do Sul kein
brachliegendes Land mehr, auf dem sich
die zahlreichen Ururenkel der Ein-
wanderer eine eigene Existenz aufbauen
könnten. So begann, was uns der
IECLB-Generalsekretär Rudolfo
Schneider an Hand der brasilianischen
Landkarte als einen willkommenen
Zwang zum Auszug seiner Kirche aus
dem Getto der Selbsterhaltung hin zur
Integration in die brasilianische Gesell-
schaft beschreibt: die kirchliche Bin-
nenwanderung. Tausende von jungen
Protestantenfamilien nutzen das Ange-
bot der Regierung zur Neusiedlung in
fernen Urwaldgebieten. Ihre Kirche be-
gleitet den Auszug aus dem südlichen
Stammland in den Nordwesten. Mit Pas-
toren, Lehrern, Agro-Technikern und
Krankenschwestern. Rudolfo Schneider

an der Landkarte: „Überall, wo unsere
deutschen Kolonisten nun in Neusied-
lungsgebiete vorstoßen, treffen sie na-
türlich mit der Urbevölkerung zusam-
men, mit Indianern. Gerade hier in Ron-
donia und Sao Luiz.“

Wie verhält sich die Kirche in solchem
Interessenkonflikt? Da steht der Über-
lebenswille der eigenen Leute gegen die
Überlebenschancen der Indianer, die —
immer weiter zurückgedrängt — vom
Völkermord bedroht sind. Natürlich will
die IECLB daran nicht mitschuldig wer-
den.

Langfristig sieht die Kirche — in Über-
einstimmung mit der staatlichen India-
nerpolitik — für die Ureinwohner nur
eine Überlebenschance: Integration.
Aus frei umherziehenden Jägern und
Fischern sollen selbständige Ackerbauern
und Handwerker werden. Das scheint
eine realistische Alternative zum mör-
derischen Status quo zu sein. Aber das
Projekt, mit dem sich die IECLB an sol-
cher Indianerpolitik beteiligt, stimmt
die Kirchenleitung heute nicht sehr
hoffnungsvoll. Seit sieben Jahren bildet
die Kirche in Nord-Rio-Grande de Sul
junge Männer aus dem Kaingang-
Stamm zu Lehrern, Landwirten und
Krankenpflegern aus. Entwicklungshel-
fer im eigenen Volk sollen sie werden.
„Und nun erleben wir, daß sich diese
jungen Indianer so sehr der Lebenswei-
se unserer vermeintlich zivilisierten
Welt angepaßt haben, daß sie von ihrem
Stamm nicht mehr als einer der Ihren
angenommen werden.“

Die IECLB will das Konzept ihrer In-
dianerförderung überprüfen. Mich
überrascht, wie vorbehaltlos uns diese
Kirchenleitung ihre Probleme schildert.
Noch bevor wir besserwisserischen
deutschen Journalisten gefragt haben,
warum die IECLB so zurückhaltend ist
im Kampf um die Menschenrechte, war-
um die Kirchenleitung mit keinen regime-
kritischen Erklärungen der elendser-
zeugenden Wirtschafts- und Sozialpoli-
tik der Militärregierung entgegentrat,
wie wir sie von der brasilianischen Ka-
tholischen Bischofskonferenz kennen,
kommt Kirchenpräsident Kunert uns
mit dem Eingeständnis zuvor: „Wir
müssen zugeben, daß unsere Kirche das
Ausmaß des Elends im Land lange gar
nicht wahrgenommen hat.“ Warum? „In
der evangelischen Kirche gab es kein
Proletariat. Und weil wir keine armen
Leute in unserer Kirche hatten, gab es
bei uns die Meinung: die, die nichts ha-
ben, das sind die, die nicht arbeiten wol-
len. Wer arbeitet, der hat was.“

Nun aber gibt es in Brasilien auch ein
protestantisches Proletariat. Verarmte



Zeichnung: DS/Jals

Bauern aus dem Kernland der IECLB
ziehen nicht nur als Kolonisatoren in
den Urwald. Mehr noch schließen sich
dem Heer der Landflüchtigen an um-
stranden am Rande der großen Indus-
triestädte in den Elendsgürteln, den
Favelas. Auf der Suche nach diesen ver-
lorenen Gemeindegliedern im sozia-
len Untergrund ist die Kirchenleitung
und sind viele ihrer Pfarrer zu einem
neuen sozialen Bewußtsein erwacht. Sie
haben sich die Erkenntnis zu eigen ge-
macht, daß das Massenelend in Bra-
silien strukturell bedingt ist. Richtig ein-
gesetzt, von ausländischer Herrschaft be-
freit, würde die Wirtschaftskraft des
Landes ausreichen, um allen Bürgern
ein menschenwürdiges Leben zu sichern.
Dafür ist ein grundlegender Struktur-
wandel in Politik, Wirtschaft und Ge-
sellschaft notwendig.

Und, fragen wir, welche Folgerungen
haben solche Einsichten für die kirchli-
che Sozialarbeit? Kirchenpräsident Ku-
nert antwortet mit Sätzen, die ihn von
den Stützen der gutsituierten Gemein-
den, von Gemeindegliedern aus Indus-
trie und Wirtschaft und von der syno-
dalen Führungsschicht der bäuerlichen
Einwandererkirche entgegengehalten
werden: „Wir sind noch Gäste im Land.
Das sollen die Katholiken machen.“ —
„Seit wann sind Sie ins kommunistische
Lager übergelaufen?“ — „Wer arbeitet,
hat was, wer nicht arbeitet, hat nichts.“
Ich kombiniere. Ernesto Kunert ist
Nachfolger von Karl Gottschald. Der
hat die Evangelisch-Lutherische Kirche
in Brasilien geleitet, als zum erstenmal
in der Geschichte des katholischen Lan-
des ein Christ aus der Evangelisch-Lu-
therischen Kirche Staatschef wurde.
General Ernesto Geisel. Die Achse Got-
tschald/Geisel wurde meines Wissens
kirchenpolitisch nicht ausgenutzt. Doch
sie bestärkte Wohlverhalten. Es gab
persönlich diskrete Gespräche zwischen
dem weltlichen und geistlichen Präsi-
denten über Foltern und Verschollene.
Ob sie etwas bewirkten, ist nicht nach-
prüfbar. Es gab eine IECLB-Studie über
Menschenrechtsverletzungen. Sie wur-
de nicht veröffentlicht. Es gab den Plan
die 5. Vollversammlung des Lutheri-
schen Weltbundes 1970 in Brasilien, am
Sitz der IECLB in Porto Alegre, abzu-
halten. Er wurde aufgegeben, da die
gastgebende Kirchenführung sich nicht
imstande sah, einen Auftritt von Ge-
neral Geisel zu unterbinden und die Lu-
theraner weltweit in den Verdacht de-
Einverständnisses mit einer Militärdik-
tatur zu manövrieren. Und es gibt nicht
ein großräumiges Sozialzentrum, das
Ernesto Geisel in seiner Heimatgemein-
de bauen ließ.

Wir hören heute, das sei ein weißer Ele-
fant. Wir lachen, als uns Ernesto Kunert
von hintergründiger Übersetzerkomik er-
zählt. 1970, im Jahr der von Porto Alegre
in den schweizerischen Kurort Evian
verlegten Vollversammlung des Lutheri-
schen Weltbundes, hat die Synode der
Evangelisch-Lutherischen Kirche von
Brasilien ihr erstes und bis heute wich-
tigstes pastoral-soziales Dokument ver-
abschiedet: Compromiso da fé. — Wozu
uns der Glaube verpflichtet. Die Über-
setzung des Lutherischen Weltbundes
machte daraus einen „Glaubenskompromiß“.
Wir reisen ab in den Nordosten
Brasiliens, wo wir erleben, wie ein Pfar-
rer seine Gemeinde vom Kompromiß
zur Verpflichtung bringt. Schluß folgt

Besuch in der Evangelisch-Lutherischen Kirche Brasiliens (3)

Ein Leben in Kaninchenställen

Von Hildegard Lünig

Zweifel, die nicht laut werden

Ich sitze zwischen den Webers und
den Lundgrens und beobachte ge-
spannt den Zug der klitzekleinen
Ameisen an den grauweißen Wän-
den. Die Hausgenossen der Evangelisch-
Lutherischen Gemeinde von Recife ha-
ben sich da ein regelrechtes Straßennetz
geschaffen. Darauf flitzen Ameisen in
solchen Massen, daß sie aus einem Me-
ter Entfernung nur noch als schwarze
Streifen wahrnehmbar sind. Man
brauchte eine Lupe, wollte man die ein-
zelnen im Gemeinwesen des Volkes er-
kennen. Mir scheint das sinnbildlich für
meine Suche nach Wesen und Wirkung
der Igreja Evangélica de Confissão Lu-
terana no Brasil. Die IECLB ist eine
verschwindende Minderheit im Volks-
katholizismus der 115 Millionen Bra-
silianer. Nur 0,8 Prozent gehören ihr an.
Und doch ist sie die größte lutherische
Kirche in ganz Lateinamerika.

Hier, im nordostbrasilianischen Recife,
lebt eine ihrer kleinsten Gemeinden. Sie
hat 13 eingeschriebene Mitgliederfami-
lien namens Weber, Lundgren, Lück...
Mit acht Angehörigen haben wir uns an
diesem Septembersonntagmorgen in der
Rua Gervásio Fiorante Nr. 93 versam-
melt. Das fast abbruchreife Einfamilien-
haus in dem gutbürgerlichen Wohn-
viertel Bairro Graças ist alles in allem:
Pfarrhaus, Gemeindehaus, Kirche. Got-
tesdienststraum ist das EB-Wohnzimmer
der Pfarrerrfamilie Tolsdorf, das um die
frühere Garage erweitert wurde.

Wir erleben eine Hauskirchenidylle. Sie
wird heute auch nicht verschreckt
durch Ratten, die sonst gelegentlich das
Erdgeschoß durchqueren. Gisela Tols-
dorf intoniert am Klavier altlutherische
Kirchenlieder. Reinhard Tolsdorf am
EBtischaltar liest das Sonntagsevangelium
von der Heilung der Aussätzigen,
das auch in seiner heimatlichen hanna-
verschen Landeskirche die Lesung des
Tages ist. Seine anschließende Predigt
hat er Wort für Wort aufgeschrieben.
Sie ist eine so zeit- und ortslose Ausle-
gung der Schrift, daß Pfarrer Tolsdorf
sie abstrichlos wiederholen kann vor
niedersächsischen Bauern, wenn er in
ein oder zwei Jahren, wie geplant, nach
Deutschland zurückkehrt.

einen Arbeitsaufenthalt in Deutschland.
Frau Lundgren möchte ihren Unmut
über den „kommunistischen“ Helder
Cámara loswerden, den weltberühmten
Erzbischof von Olinda und Recife, zu
dem uns Pfarrer Tolsdorf gleich nach
unserer Ankunft in Recife geführt hat-
te. Webers älteste Tochter, Soziologin
an der Universität von Recife, verab-
schiedet sich früher, um noch einen gu-
ten Platz zu erwischen bei der Massen-
empfangskundgebung für Miguel Ar-
raes, dem aus dem Exil heimgekehrten
früheren kommunistischen Gouverneur
von Pernambuco.

Dreizehn Gemeindeglieder, dreizehn
Spannungspole, zusammengehalten
durch die Tatsache, daß es ihnen allen
wirtschaftlich recht gut geht und sie
sich ihre eigene Mini-Volksgemeinde
deutsch-lutherischer Art erhalten
möchten. Ihnen soll Reinhard Tolsdorf
Pfarrer sein. Für sie ist er bestellt.
Zweifel an Nutz und Frommen seiner
Berufung nach Recife läßt er nicht laut

werden. Doch er hat sie. Und er macht
sie fruchtbar.

Neun Tage lang begleiten wir den jun-
gen Pastor durch seine eigentliche Ge-
meinde. Die lebt an den Stadträndern
von Recife oder mittendrin in den Pfahl-
hüttenlums und ist nicht lutherisch.
Pfarrer braucht sie auch nicht. Im Erz-
bistum des Dom Helder Cámara haben
sich katholische Priester, Nonnen und
Theologiestudenten, Pfingstgemeinden,
afro-brasilianische Kulte und Frei-
kirchler jeder Färbung längst unter
dem Volk angesiedelt. Doch ein Pfarrer
aus der neuen Ökumene, die in Brasilien
quer durch die Konfessionen wächst
und in den rund 40 000 Basisgemeinden
besonders gut gedeiht, der ist in der
Kirche der Armen allemal willkommen.
Reinhard Tolsdorf ist ein solcher Pfar-
rer. Überzeugt, daß die Kirche zum
Dienst am Volk da ist — und nicht zur
Pflege konfessioneller Traditionen am
Rande des Volkes, hat sich Tolsdorf mit
Selbsthilfegruppen in den Favelas von
Recife befreundet. Er nimmt an ihren
Versammlungen teil, hört, was die Fa-
velados leiden, was sie hoffen, brauchen
und gemeinsam erstreben im Kampf um
menschenswürdige Lebensbedingungen.

Gelernt hat Reinhard Tolsdorf in der
Schule der Armen, „daß man den Leu-
ten nicht helfen kann, indem man ihnen
etwas gibt. Das macht sie nur von uns
abhängig und lähmt ihre eigenen Kräf-
te“. Erlebt hat der evangelisch-lutheri-
sche Pastor in diesen drei Jahren Recife,
wie er den Armen wirksam helfen kann:
indem er sie begleitet und ermutigt in
ihrer Bewußtseinsbildung und Organi-
sation. Auch Geld, sagt er, ist hilfreich,
aber „wenn wir Hilfsgelder aus
Deutschland bekommen, dann entschei-
den nicht mehr wir, wofür das verwen-
det werden soll“. Wir, das sind die Pfar-
rer und die Evangelische Frauenhilfe,
die einzige sozial aktive Gruppe in der
IECLB-Gemeinde von Recife. „Wir
überreichen es einer Selbsthilfeorgani-
sation der Favela und sagen: Macht ihr
mit dem Geld, was ihr für richtig haltet,
was euch im Augenblick am nötigsten
erscheint.“

Drei Jahre hat es gedauert, bis sich die Gruppe der Frauenhilfe zu dieser Haltung durchgerungen hat. Wohltätig waren die wohlhabenden Bürgerfrauen schon zuvor. Was an Geld zusammenkam auf ihren Weihnachtsbasaren, Gemeindefesten und durch Spendensammlungen, wurde den Armen geschenkt. Eine Abordnung der Frauenhilfe ging damit in ein Waisenhaus. Es gab ein Kinderfest mit der Vorführung eines Films aus dem Archiv des deutschen Konsulats. Jedes Kind bekam ein Hemdchen, ein Höschen, ein Spielzeug und Süßigkeiten. So wurde jahrelang „geholfen“, Kindern, Bettlern, Blinden.

Und so half Pfarrer Tolsdorf seinen Helferinnen über den Sinn ihrer Hilfe nachzudenken: „Jedesmal, wenn die Frauen eine solche Aktion abgeschlossen hatten, haben wir uns zusammengesetzt und gefragt: Was wollten wir, was haben wir erreicht, was an der Situation dieser Menschen verbessert? Und jedesmal kamen die Frauen selbst zu dem Ergebnis: Wir haben vielleicht dem einen oder anderen eine Freude gemacht, aber an der elenden Lage der Armen hat sich dadurch nichts geändert.“

Schließlich wollten die Frauen wissen, was eigentlich ihr Pfarrer in den Favelas tut. Einige sahen sich mit Gisela Tolsdorf persönlich dort um. Andere waren immerhin bereit, die Vertreterin der Frauenselbsthilfegruppe einer Favela einmal einzuladen und anzuhören. Mit 1000 Cruzeiros wurde dann der erste Schritt von Einsichten zur Wandlung angestoßen. Das Geld war aus Deutschland gekommen. Nach damaligem Umrechnungskurs die uns lächerliche Summe von 75 Mark, doch in Recife der Wert eines halben monatlichen Mindestlohnes. Der Tausender wurde der Selbsthilfeorganisation der Favela dos Coelhos übergeben, der Vertretung von 17 000 Bretterhüttsiedlern am Fluß im Stadtkern von Recife. Dos Coelhos heißt: die Kaninchen. Die Menschen in diesen Ställen waren nach der mörderischen Überschwemmung von 1965 aus ihrer Bewußtlosigkeit erwacht.

Maulesel auf zwei Beinen

Wir haben dos Coelhos besucht. Wir sahen die unterernährten Kinder in Schlamm und Müll spielen. Wir sprachen mit ihren Müttern, die vergeblich Schlange stehen um den Schwangerenausweis, der Zugang verschaffen würde zur kostenlosen Ausgabe von Reis, Bohnen, Maismehl, Zucker und Milch. Wir beobachteten ihre Väter, die auf zweirädrigen Holzkarren Altpapiersammlungen und alle Art Lasten transportieren — Maulesel auf zwei Beinen. Wir waren im Waschhaus, wo die Frauen der Arbeitslosen und Gelegenheitsarbeiter eine tägliche Familienmahlzeit zusammenrubbeln und -bügeln und sich glücklich schätzen können, daß sie ihren arbeitgebenden Bürgerfrauen billiger kommen als eine Waschmaschine. Wir hörten von den Selbsthilfeorganisationen in dos Coelhos, wie viele Jahre sie vergeblich beim Bürgermeisteramt vorstellig geworden sind in Sachen Müllabfuhr. Wir sprachen auch mit den idealistischen jungen Ärzten, die unter den

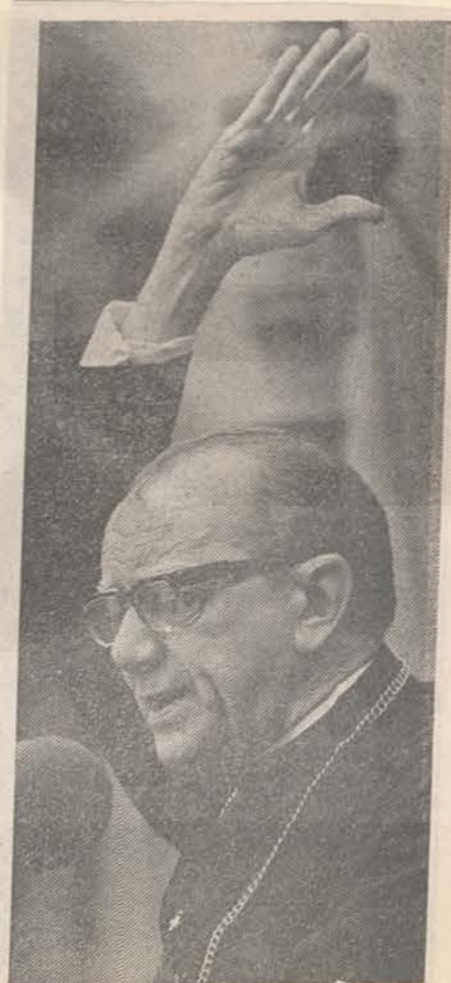
Mikroskopen des Laboratoriums, das Dom Helder's „Operation Höfning“ dem Arztposten der Favela schenkte, den ständigen Kreislauf der Parasiten erkennen, aber ihm keinen Einhalt gebieten können. In dos Coelhos stirbt jedes vierte Baby vor seinem ersten Geburtstag. Arbeit, Essen, Erziehung, Wohnung, Gesundheit. Das, und in dieser Reihenfolge, sagten uns die Sprecher des Selbsthilfeverbandes, sind unsere Probleme. Und was tat die Comissão Central do Bairro dos Coelhos mit den ersten 1000 Cruzeiros, die ihr von der Frauenhilfe

der Gemeinde Tolsdorf zur freien Verfügung gegeben wurden? Sie kaufte einen Plattenspieler. Ersatz für den Apparat im Saal des Sozialzentrums, dem kurz zuvor bei einem der wochenendlichen Tanzvergnügen das Drehvermögen ausgegangen war. Das, sagt Reinhard Tolsdorf, hätte er bestimmt nicht vorgeschlagen. Erst recht entgeistert war die Gruppe seiner evangelischen Frauenhilfe. Es gab heftige Diskussionen und viele Rückzugsgedächte um den Entschluß, Hilfe zur Selbsthilfe zu geben statt einseitige Wohltätigkeit zu üben. Doch letztend-

lich konnten sich die Frauen auf ihres Pfarrers Einsicht verständigen: „Der Plattenspieler war für die Favelados wohl wirklich das Nötigste in diesem Augenblick. Sie brauchen diese Wochenenden mit Gemeinschaft und Tanz, damit sie wieder Kraft und Mut schöpfen für die Woche, in der sie gegen ihre Armut, ihren Hunger, ihre Arbeitslosigkeit kämpfen müssen.“

Bei dem letzten Frauenhilfetreffen kurz vor unserem Besuch in der Evangelisch-Lutherischen Gemeinde von Recife wurde dann beschlossen, künftig jeden Monat eine bestimmte Summe aus der

Frauenhilfskasse für die Favelado-Selbsthilfe freizugeben. Ohne vorher festzulegen wofür, ohne nachher Rechenschaft zu fordern. Des Pfarrers Lernen in der Schule der Armen macht Schule in der IECLB-Gemeinde von Recife. Reinhard Tolsdorf: „Wenn wir kontrollieren oder wenn wir sagen: Das Geld ist für euch, aber bitte benutzt es nur für diesen Zweck — dann bleiben wir die Verantwortlichen für sie. Wir bleiben die Höhergestellten, sie sind die unter unseren Füßen Liegenden. Und gerade dieses Mißverständnis wollen wir doch zerstören.“ *Ende der Serie*



HELDER CAMARA

Foto: KNA



O missionário Mello: gestos carismáticos e um disco gravado depois de sete dias de jejum em Jerusalém...

Religião

REPORTAGEM DE CAPA

O avanço dos crentes

Sob a luz do Espírito Santo e com um código que proíbe o fumo e a bebida, o pentecostalismo já converteu 8,5 milhões de brasileiros

O alagoano Manoel Raulino do Nascimento, de 46 anos, estivador no porto de Santos, fumava e bebia regularmente até a semana passada, quando ouviu a voz do missionário Manoel de Mello, fundador da Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, num disco em que relata sua peregrinação por Jerusalém. Um brilho nos olhos, Nascimento avançou sobre um maço de cigarros, jogou-o sobre as brasas do fogo a lenha, agarrou a garrafa de cachaca sempre ao alcance da mão e entornou na pia seu conteúdo. Ele ficara impressionado sobretudo com a descrição do túmu-

lo de Jesus Cristo, visitado pelo missionário durante os sete dias de jejum e oração a que se submeteu em Jerusalém. E resolveu incorporar-se ao rebanho de 8,5 milhões de pentecostais, ou "crentes", espalhados pelo país, segundo cálculos da Sociedade Bíblica do Brasil e da Confederação Evangélica do Brasil.

A conversão de Nascimento tornará algo mais árida sua vida terrena: ele terá de vestir o apertado figurino usado por seus companheiros de fé. Os pentecostais — que devem seu nome ao dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo teria aparecido aos apóstolos na forma de

línguas de fogo — não podem dançar, não vão ao teatro nem freqüentam sessões de cinema. Também não usam roupa de banho, lêem quase que exclusivamente livros religiosos, rezam pelo menos duas vezes ao dia e entregam à seita a que pertencem o dízimo — 10% de seus rendimentos mensais. São muito severos na educação dos filhos e de um rigor absoluto no que se refere à fidelidade conjugal. Enfim, só admitem o sexo como instrumento de procriação.

Apesar dessa escassez de atrativos mundanos, o número de pentecostais tem acusado saltos espantosos nas últi-



PEDRO MARTINELLI

...capaz de converter quem o ouve

mas décadas — e é provável que os cálculos disponíveis no momento sejam amplamente superados pelos resultados do Censo de 1980. Afinal, só a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, a maior das 37 diferentes seitas pentecostais catalogadas no país, pastorea 2,5 milhões de fiéis*. E a Igreja O Brasil para Cristo, a segunda em importância, guarda na sede nacional, em São Paulo, um fichário com 1 milhão de fiéis.

AO PÉ DA LETRA — Essa imensa família descende do mingado grupo de evangelizadores americanos que, em 1910, desembarcaram no município paranaense de Santo Antônio da Platina. "O povo achava que a gente não tinha a cabeça no lugar", lembra Maria Silveira Mascaro, 77 anos, filha de Felício Mascaro, o primeiro cidadão brasileiro convertido ao pentecostalismo. "Eles eram exóticos demais para preocupar as igrejas protestantes tradicionais", explica Waldo César, autor de "Urbanização e religiosidade popular" (*Revista Vozes*, n.º 7). Com-

* As mais importantes seitas pentecostais no Brasil são: Assembléia de Deus (2,5 milhões de fiéis), O Brasil para Cristo (1 milhão), Congregação Cristã do Brasil (900 000) e Evangelho Quadrangular (500 000).

põem o protestantismo tradicional — detectado no Brasil há 150 anos, a partir sobretudo da imigração alemã — batistas, presbiterianos, metodistas, episcopais, congregacionais e luteranos. Entre estes figura, por exemplo, o ex-presidente da República Ernesto Geisel.

Os crentes se consideram protestantes, mas diferem de seus irmãos de credo principalmente por interpretar a Bíblia ao pé da letra e entender que tudo o que ocorre de bom no mundo é obra do Espírito Santo. Os pentecostais acreditam na iminência da vinda de Jesus Cristo ao planeta, "para o estabelecimento de um reinado de 1.000 anos na Terra", e criticam o que chamam de "mundanismo" dos demais protestantes. Sua pregação parece ter dado certo desde o começo: dez anos depois do desembarque dos pioneiros evangelizadores em Santo Antônio da Platina, os pentecostais já haviam erguido cinquenta templos em solo brasileiro.

A semente caiu em solo fértil. Os templos eram 267, em 1930; 912, em 1940; 1 929, em 1950; 4 583, em 1960; e 11 118, em 1970. Hoje, há 26 000 templos no país, mais de 1 000 deles em São Paulo. Nesse mesmo perímetro urbano da maior cidade do maior país católico do mundo, o Vaticano comanda só 353 paróquias e 400 igrejas e capelas. Os templos pentecostais são freqüentemente acanhados, quase sempre pintados de azul e branco, e ficam engastados na periferia das cidades. Multiplicam-se num processo semelhante ao da divisão celular: um pastor com espírito de liderança e algum carisma abandona uma igreja já

consolidada, cuja liderança dividia com outros pastores, e funda seu próprio templo. Muitas prosperam também economicamente. A Igreja de Nova Vida, uma pequena seita, ergueu no bairro carioca de Botafogo um templo de sete andares, com refrigeração interna, mármore italiano e vagas na garagem para cinquenta carros.

EMPREGADAS EXEMPLARES — Em 1930, os pentecostais representavam apenas 9,5% dos protestantes brasileiros. Um recente levantamento do sociólogo Francisco Cartaxo Rolim, da Universidade Federal Fluminense, constatou que eles somam agora 70% desse total. Rolim descobriu, também, que a maioria dos convertidos não foi capturada ao protestantismo tradicional. Ele encontrou 57% de ex-católicos, 4% de antigos umbandistas, 3% de batistas, 2% não tinham religião anterior, 1% haviam sido espíritas e o resto saíra do próprio protestantismo. "Os pentecostais são, geralmente, pessoas que migraram do campo para a cidade", diz Haroldo Murá, 41 anos, editor do jornal católico *A Voz do Paraná*, de Curitiba, e um estudioso da religiosidade popular. "Na cidade, o camponês perde os amigos, os pontos de apoio, larga os tênues vínculos que o uniam ao catolicismo", pondera Murá. "Precisa de calor humano, de solidariedade. Assim, torna-se presa fácil dos valores pentecostais."

Convertidos à nova fé, os crentes ampliam, no



MAI OGIS



ABRIL PRESS

Mascaro, o primeiro crente, diante do primeiro templo e a filha Maria

plano espiritual, a esperança de salvação e, no material, a chance de conseguir certos empregos. "As empregadas crentes são mais recatadas, não têm vícios, não saem à noite, não faltam ao serviço", depõe Lucy Dias de Lima, proprietária da Lovelucy, uma das mais procuradas agências de empregadas domésticas de São Paulo. Mas os templos das seitas vão progressivamente deixando de ser freqüentados apenas por vidas apagadas que subitamente se acendem com a luz divina. A Terceira Igreja do Evangelho Quadrangular, em Curitiba, hasteada no bairro de Água Verde, tipicamente de classe média, tem convertido profissionais liberais, médicos, advogados, engenheiros, funcionários públicos graduados e, de uns tempos para cá, juizes de Direito.

Um desses magistrados é Altair Costa Souza, 51 anos, cinco filhos, que acaba de se aposentar como titular da 4.ª Vara da Família de Curitiba. Filho de católicos, ele se converteu ao pentecostalismo ao visitar ocasionalmente o templo da Igreja do Evangelho Quadrangular. Em 1980 foi sagrado pastor e, no início deste



Juiz Souza, um exemplo do novo fiel de classe média: "Agora tenho paz"

ano, abriu seu próprio templo. "Depois que aceitei Jesus como único e suficiente salvador", diz Souza, "nunca me faltou a paz." Ex-freqüentador de colunas sociais, o juiz hoje anda com uma Bíblia permanentemente a tiracolo e ganhou fama no Tribunal de Justiça por conseguir

a maior média de reconciliações entre casais prestes a separar-se.

ANIMADORES DE AUDITÓRIO — Magistrados, de qualquer forma, são ainda poucos entre os crentes, um universo em que tanto fiéis como pastores têm geral-

mente modestíssima posição social. Aos pastores não se cobra diploma algum — basta que saibam ler e escrever. O resto fica por conta do Espírito Santo, que faz seus devotos compreenderem tudo quanto está dito na Bíblia e compensa eventuais deficiências culturais. Tecnicamente, o pastor figura no topo da hierarquia pentecostal, alguns degraus acima de presbíteros, diáconos e auxiliares leigos. O pastor goza de autonomia quase completa em seu templo e só está impedido de trocar-lhe a denominação, vendê-lo ou consagrar ministros. Essas são atribuições exclusivas da congregação estadual de cada seita, uma espécie de colégio de pastores. A liturgia tem pouca rigidez, circunstância de que se valem os pastores para comportar-se à maneira de animadores de auditório. São diálogos sempre previsíveis:

— Se Jesus é por nós... — sugere o pastor.

— Quem será contra nós? — devolve o rebanho.

Estabelecida a empatia, pastores e fiéis protagonizam surpreendentes *happenings* pentecostais. Falam línguas estranhas (o dom da "glossolália", conferido aos apóstolos em Pentecostes), às vezes inexistentes e ininteligíveis. Jogam-se no chão, incorporam e desincorporam demônios, e, sobretudo, contracenam em curas milagrosas.

PRIORIDADE PARA OS CIGANOS — Bíblia nas mãos, pregadores pentecostais se incorporam diariamente à paisagem das praças mais movimentadas das grandes capitais — os homens vestindo inva-

riavelmente paletó e gravata, as mulheres sem qualquer pintura e metidas em vestidos fora de moda. Depois das praças, estão nos presídios os palcos favoritos dos pregadores. Até há dois anos, o ex-presidiário Sebastião Oscar, convertido à Igreja do Evangelho Quadrangular quando ainda estava na cadeia, era o único pregador pentecostal a visitar os 900 presos da Penitenciária de Piraquara, a 25 quilômetros de Curitiba. Agora, divide seu rebanho com cinco pastores de seitas concorrentes.

Os ciganos também têm prioridade nesse esforço de catequese. A Obra Missionária Cigana, fundada em Salvador pelo pastor Eraldo Alves dos Santos, já batizou — sempre por imersão, como manda a liturgia — quatro ciganos, os primeiros remanescentes dessa raça convertidos ao pentecostalismo na América do Sul. "Ao todo já contatamos uns 1 000 ciganos", calcula o pastor. Mais: até o fim do ano, será lançada uma ofensiva destinada a "levar os ensinamentos de Jesus" a ciganos de Alagoas, Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.



Em todo o Brasil, uma malha de 26 000 templos que se reproduzem sem parar

O pastor abriga sua seita no imenso galpão

O pastor pentecostal Manoel de Mello, 52 anos, não é exatamente um homem modesto. "Se eu fosse político, seria primeiro-ministro no regime parlamentar, que é o que me interessa", diz. "E, se tivesse continuado minha vida como empreiteiro", gaba-se, "hoje teria uma empresa com o tamanho da Camargo Corrêa, a maior do país." Manoel de Mello convenceu-se de que era um predestinado ao sucesso com 7 anos de idade. Então, esse filho de um casal de lavradores de Água Preta, interior de Pernambuco, ouviu de uma mulher desconhecida a profecia de que algum dia ele edificaria o maior templo evangélico do mundo.

O templo realmente existe, desde julho de 1979. Trata-se de um imenso galpão no bairro da Pompéia, em São Paulo, com lugar para 15 000 pessoas, o dobro do que comporta a Catedral da Sé. Ali, todas as quartas-feiras, sábados e domingos, Manoel de Mello prega com fervor e talento, promove curas supostamente milagrosas, reclama salvas de palmas para Je-



Mello acredita ser um predestinado ao sucesso

sus Cristo — ou muda subitamente a voz como se deixasse falar por sua boca algum espírito divino. A seita O Brasil para Cristo, que ele fundou em 1954, já batizou 1 milhão de convertidos e mantém um programa de duas horas na Rádio Tupi de São Paulo. E Mello coleciona amigos ilustres, co-

mo o cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns.

Para atingir a chefia desse formidável rebanho, Mello percorreu um caminho algo acidentado. Com escassa instrução — a exemplo de numerosos pastores de sua seita, que mal sabem ler e escrever —, desembarcou em São Paulo aos 17 anos, só conseguiu um emprego na construção civil e tornou-se adepto e pregador da seita Assembléia de Deus. Pouco depois, já sabia reunir multidões nas praças públicas em torno de sua voz e de bandeiras com a inscrição "Jesus Liberta".

Mas se desentendeu com a hierarquia da organização quando resolveu ampliar sua autonomia de vôo. Durante dois anos pregou por conta própria — e só depois de 27 prisões registrou legalmente sua seita. O sucesso obrigou-o a adotar o mesmo sistema hierárquico contra o qual ele se rebelara. Hoje, O Brasil para Cristo é a maior igreja pentecostal autenticamente brasileira — entre diáconos, presbíteros e pastores, tem mais de 20 000 servidores.



Garcia: "Os católicos esquecem o espiritual"



Igreja de Nova Vida: ar condicionado

to, a parte musical compõe-se de salmos, solos de harpa ou piano, hinos religiosos de cantores obscuros. Enfim, os patrocinadores do gênero não costumam figurar na programação normal. Assim, fabricantes de cigarros e bebidas cedem espaço a patrocinadores com nomes tão evangélicos quanto os artigos que vendem: "A Trombeta de Sião", "Galeria Brilho Celeste" ou "Aurora do Céu".

VISÕES E PROFECIAS — O investimento que mais dividendos rende aos pente-



LUCIANO ANDRADE

Quatro ciganos já foram batizados e pelo menos 1 000 já foram contatados

costais, entretanto, é a doutrina da cura pela fé. Algumas seitas, como a Igreja Deus É Amor, liderada pelo missionário David Miranda — "missionário" é o nome dado ao pastor que cria uma seita —, anunciam com espalhafato a possibilidade de curas divinas. Logo à entrada do templo da sede nacional da Igreja Deus É Amor, em São Paulo, há uma parede ornamentada por centenas de muletas e aparelhos ortopédicos.

Em todo culto pentecostal, há sempre

um horário reservado aos chamados "testemunhos": qualquer fiel pode agarrar o microfone e relatar curas maravilhosas, visões e até profecias. "As pessoas que vêm aqui saram, engordam, progridem na vida, pagam mais comida para os outros", diz o garçom Manoel Nino Sobrinho, adepto da Igreja Deus É Amor, no Rio de Janeiro. Para o crente, a cura pela fé é algo tão singelo quanto reduzir uma dor de cabeça com a ingestão de uma aspirina.

Em 1974, a Igreja Deus É Amor preparou a inauguração de seu primeiro templo em Curitiba anunciando pela Rádio Marumby, a cada 15 minutos, "a falência dos hospitais de Curitiba após a nossa chegada". Naturalmente, nenhum hospital fechou por falta de pacientes; o que houve foi um áspero atrito com o Conselho Regional de Medicina e o arcebispo católico de Curitiba. Os crentes, na verdade, votam uma pesada desconfiança à ciência médica. Em junho passado, o pastor Luís Carlos Saladar, da Igreja Independente, foi expulso da Santa Casa de Misericórdia de Livramento, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, depois de pilhado na tentativa de convencer uma paciente a abandonar o hospital e recorrer ao "pronto-socorro do Espírito Santo".

DESENCANTO COM O CONCÍLIO — A Igreja Católica acompanha com atenção e certa inquietude a escalada do pentecostalismo — uma cópia da pesquisa de Rolim, por exemplo, estacionou recentemente na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Brasília — também porque, ao contrário dos protestantes tradicionais, a maioria das seitas pentecos-

Em Trindade, um paraíso com leis severas

A fé pentecostal dos pescadores de Trindade — lugarejo plantado num deslumbrante pedaço do litoral fluminense, perto de Parati — sobreviveu até à traição de seus pastores. Em 1978, quando uma grande empresa imobiliária resolveu tomar pela força as terras que disputava com as famílias nativas, os pregadores venderam aos forasteiros os terrenos em que seus fiéis haviam erguido as três igrejas locais. "A gente se agravou com eles", diz Secundina de Oliveira Carmo, de 60 anos. "Mas ficamos na religião, porque foi formada por nossos pais e não pelos pastores." Há dois meses, os trindadeiros terminaram a construção de um templo da Assembléia de Deus e ali cultivam sua fé.

"Quando eu tinha 12 anos, minha mãe recebeu uma cura milagrosa pelo Evangelho. Então, todos ficaram crentes", garante silvestre Carmo de Oliveira, 63 anos, marido de dona Se-



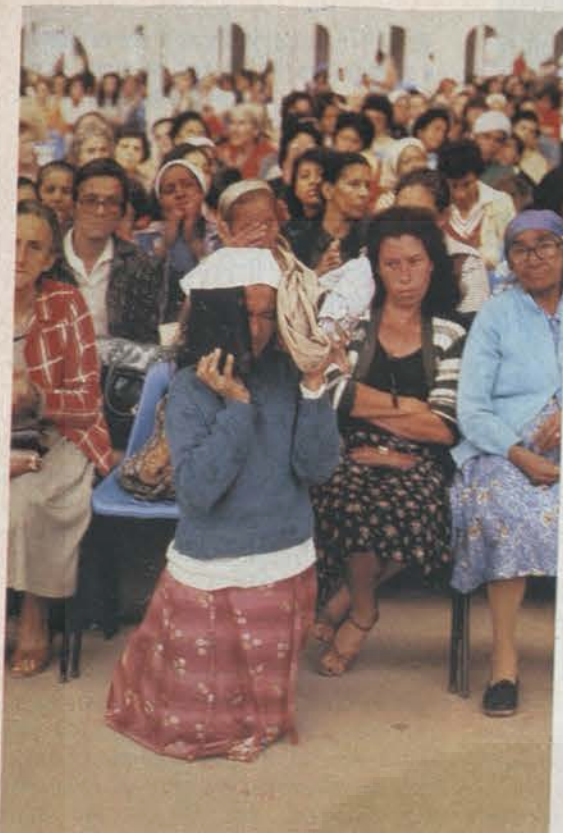
IRMO CELSO

Recatadas, as jovens usam saias compridas mesmo no banho de mar

condina. Das sessenta famílias que vivem em Trindade, 55 rezam na igreja da Assembléia de Deus cinco vezes por semana. As cinco famílias que não se converteram à pregação pentecostal freqüentam um templo adventista perto de Parati.

Alguns costumes ancestrais resistem aos tempos. Nas tardes ensolara-

das, moças de cabelos longos e saias compridas formam grupos nas águas do mar. O traje de banho é o mesmo usado por todas as mulheres do vilarejo no trabalho diário. Os homens de Trindade, enfim, carregam nomes tirados do Velho Testamento. Como Arim, dono de um bar que, naturalmente, não vende bebidas alcoólicas.



Entre a classe pobre, os fiéis mais fervorosos

zes até de inferioridade, notadamente nos grandes centros urbanos". Os crentes, todavia, encaram com naturalidade o milagre da multiplicação dos fiéis. "A expansão pentecostal é um dos muitos sinais de que estamos nos aproximando do fim do mundo", interpreta o pastor Adão Garcia, da Igreja Evangélica Pentecostal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. "A Igreja Católica esqueceu a assistência espiritual."

OBDIÊNCIA À AUTORIDADE — É certamente um exagero deduzir que a Igreja Católica perde fiéis apenas porque se dessacraliza. Mas é incontestável que, num momento de crescente politização política de bispos e padres, os pentecostais se multiplicam oferecendo exclusivamente as vantagens da vida eterna. A opção da Igreja Católica pelos pobres terá certamente reforçado a

tais quer distância do ecumenismo vaticano. "O movimento pentecostal tem sido objeto de discussões em nossas assembleias", informa dom Avelar Brandão Vilela, cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil. O que mais intriga a CNBB é o fato de um número crescente de brasileiros, oriundos principalmente das classes menos favorecidas, entregar-se a seitas que considera à margem da realidade política, social e econômica do país.

"Os pentecostais afirmam que não é o homem que transforma a sociedade", diz Rolim. "Para eles, Deus é quem age no mundo. A sociedade se transformará se cada um se entregar a Jesus Cristo." Rolim detectou entre os católicos convertidos ao pentecostalismo um certo desencanto com a tendência que levou a Igreja Católica a colocar em segundo plano, depois do Concílio Vaticano II, a devoção aos santos, às velas, às procissões, enfim, alguns dos mais antigos símbolos da religiosidade popular. "O pentecostalismo supre essa ausência porque mexe com o lado emocional dos fiéis", constata Rolim.

Em 1976, o falecido professor Douglas Teixeira Monteiro, da Universidade de São Paulo, observou que a Igreja Católica enfrentava "uma situação de mercado onde tem que disputar fiéis em condições de igualdade, às ve-

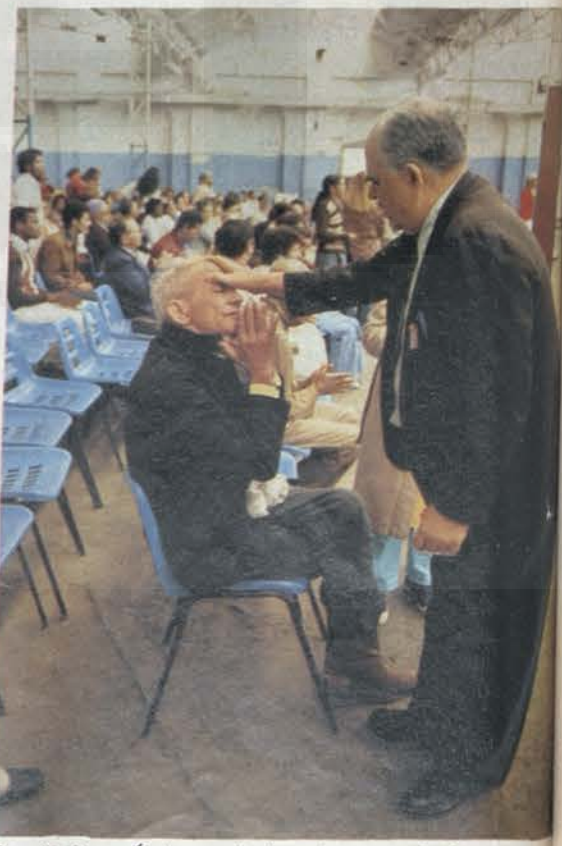
fé em grandes contingentes de praticantes da classe média. Mas, para muitos pobres, essa opção só adquire contornos práticos se lhes dá vantagens materiais ou espirituais. É aí que a dessacralização católica, independente de seu conteúdo, torna fértil o campo dos pentecostais, pois o fato de um bispo defender os pobres não é suficiente para torná-los menos pobres. O pastor, ao contrário, oferece exclusivamente o reino dos céus, permitindo aos pobres pensarem que o dia de sua riqueza, mesmo em outra vida, está mais próximo.

O professor Aúreo Bispo dos Santos, da Universidade Federal da Bahia, lembra que os pentecostais são historicamente obedientes à autoridade, seja qual for a ideologia dos detentores do poder. "Aceitam os poderes constituídos como divinos e não há contestação, apenas obediência de sua parte", diz Santos. De fato, até hoje nenhuma dessas seitas teve qualquer problema de natureza política com o gover-

no brasileiro. Ao contrário: no País após os últimos choques entre comunidades eclesiais de base e sacerdotes católicos com o governo, pastores da Igreja Assembléia de Deus têm aceito de bom grado substituir padres em cerimônias-oficiais e em bênçãos a novas obras públicas.

O sucesso alcançado pelo modelo de evangelização pentecostal é tão evidente que já começa a influenciar algumas igrejas batistas e presbiterianas — e mesmo a Igreja Católica. Neste último caso, o modelo crente influencia sobretudo o Movimento de Renovação Carismática, surgido no começo da década de 60 na Universidade Católica de Notre Dame, nos Estados Unidos. Os "carismáticos", ou "pentecostais católicos", pregam "a renovação do uso dos carismas do Espírito Santo". Ao menos por enquanto, a hierarquia católica não os condenou. Os carismáticos começam a atuar em Campinas, São Paulo, sob a liderança do jesuíta Harold Rahm. Essa influência do pentecostalismo sobre outras religiões ainda incipiente. Mas configura um indicador da força de uma igreja que, somadas todas as seitas nela incluídas, só é menor que a católica — e promete continuar crescendo.

J. A. DIAS LOPES



Igreja Deus É Amor: ênfase à cura pela fé



O Doulos: figurino espartano

Religião

Apóstolo do mar

Na Bahia, o navio que vende livros em nome de Deus

Sobre as ondas do mar viajou o mais recente esforço de proselitismo evangélico endereçado a terras brasileiras. No fim de agosto, depois de tangenciar Santos, Rio de Janeiro e Vitória, atracou em Salvador o navio *Doulos* ("servo", em grego), que navega sob a bandeira de Malta mas, na verdade, pertence à Gute Bücher für Alle (GBA, "Bons Livros para Todos"), uma organização sustentada por protestantes alemães. A bordo, navega a maior biblioteca flutuante do mundo, com uma exposição permanente de 4 000 volumes, escritos em alemão, inglês, francês, espanhol e português, sem contar os 300 000 quilos de livros e folhetos estocados nos porões. Versam em sua maioria sobre temas bíblicos, embora ali também se encontrem romances de autores como Fiódor Dostoiévski e Ernest Hemingway.

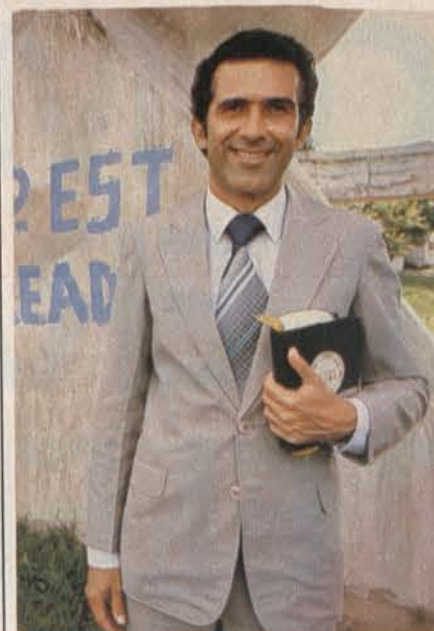
"Nossa missão é proporcionar bons livros, vendidos a preços módicos, pois assim ajudamos a evangelizar o mundo", explica o canadense Dick Dueck, 30 anos, diretor de programação do *Doulos*. Até o próximo dia 22, quando levantará âncoras rumo a Belém, o navio deverá receber a visita de pelo menos 23 000 baianos. Além dos livros, o *Doulos* oferece concertos e conferências. Desde que ganhou a bandeira da GBA, em 1977, ele já esteve nos principais portos do mundo e recebeu a bordo 3 milhões de visitantes.

A vida dos tripulantes e dos 300 jo-



Dueck: "Sexo às vezes é destrutivo"

vens chamados de "voluntários", oriundos de 35 países, segue um figurino espartano que inclui duras privações — por exemplo, a abstinência sexual dos solteiros nos dois anos de permanência a bordo. "Sexo é útil e natural, mas às vezes destrutivo", diz Dueck. Fiéis a tal conceito, os rapazes dormem na popa e as mulheres na proa. Apenas alguns dos tripulantes são casados. Os voluntários, só aceitos no *Doulos* quando indicados por uma igreja protestante, revezam-se em grupos de seis a dez pessoas no "programa de treinamento intensivo". Durante quatro meses, acordam às 5h30, uma hora antes dos demais, para submeter-se inclusive a uma caminhada diária de 50 quilômetros no convés, com uma pesada mochila nas costas. "Trata-se de uma prova destinada a preparar os futuros pregadores do Evangelho no mundo", resume o voluntário brasileiro Rafael Lopes, 32 anos. Mesmo assim chovem candidatas: somente brasileiros, há dezenove na fila para se incorporarem à tripulação do *Doulos*. ●



Menezes: candidato a deputado

Religião

Fé nas eleições

Os evangélicos ingressam nos partidos políticos

Inspirados no exemplo da Igreja Católica, os protestantes também estão ingressando na política — e em nenhum outro Estado essa nova atitude tem sido tão visível como em Pernambuco, pelo menos até o atual momento da campanha eleitoral. Entre pastores, seminaristas e simples fiéis luteranos, presbiterianos, batistas e pentecostais, já são dez seus candidatos à Assembleia Legislativa e à Câmara Municipal do Recife. O número é significativo: atualmente, não há no Estado um único deputado ou vereador eleito exclusivamente com o voto dos protestantes. "Cresce a cada dia a consciência de que nós, evangélicos, precisamos ter uma representação política", diz o pastor batista Eclésio Menezes, 40 anos, candidato à Assembleia Legislativa pelo PDS. Antes de lançar-se, ele promoveu uma pesquisa entre oitenta pastores batistas do Recife e 90% deles manifestaram-se favoráveis a sua candidatura.

A questão é que, por convicções doutrinárias ou por uma questão de mercado, os protestantes pernambucanos preferem o PDS — e não partidos à esquerda, como recomendam as cartilhas dos bispos católicos da região. De seus dez candidatos, apenas dois concorrem pelo PMDB. Conservadores, de origem humilde, os protestantes pernambucanos ca-

VEJA, 14 DE ABRIL, 1982



Silva: com respaldo na Bíblia

nalizarão a maioria de seus votos para o partido do governo e poderão inclusive decidir a eleição. Segundo o IBGE, existem 320 000 evangélicos no Estado. Em 1978, a extinta Arena ficou apenas 30 000 votos à frente do MDB.

SUBMISSÃO — Os evangélicos pernambucanos invocam o respaldo da Bíblia para seu apoio ao governo. "O respeito às autoridades constituídas é um dever de todo crente", explica o pastor José Silva, 58 anos, presidente da Assembleia de Deus e líder de um rebanho de 100 000 fiéis. Silva proclama a submissão à autoridade com base no capítulo 13 da Epístola de São Paulo aos Romanos: "Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus".

O governador Marco Maciel, católico fervoroso, tem sabido capitalizar essa lealdade. Em outubro passado, ele presidiu a cerimônia de filiação de setenta pastores ao PDS, realizada no Palácio das Princesas. Em outros Estados, a vocação política dos evangélicos também se manifesta, embora não necessariamente em direção ao PDS. Em Minas, o pastor Antônio Araújo, da Igreja Batista, é candidato a deputado estadual pelo PTB. No Rio Grande do Sul, o pastor Marino Moreira, pentecostal, está certo de que ganhará uma vaga na Assembleia Legislativa pelo PDT. "Se eu não fizer boa votação, quem fará?", indaga ele. ●

VEJA, 14 DE ABRIL, 1982

RELIGIÃO



Roberto Mauro: em 1965, a disputa da bola pelo Atlético; em 1972, no púlpito da Igreja Batista, a luta por uma vaga na vida eterna

Artilheiro do céu

Os gols que marcou como artilheiro de cinco clubes de futebol não satisfizeram as ambições de Roberto Mauro de Oliveira. Agora ele quer fazer gols para a eternidade. No púlpito da Igreja Batista Central de Belo Horizonte, o ex-jogador costuma anunciar, meio patético: "Sou artilheiro do céu". Roberto Mauro, 31 anos, casado, filho de pais batistas, começou no América Mineiro em 1960. De lá foi para o Atlético e em 1965 já era ídolo da torcida. Participou diversas vezes da seleção mineira e usou camisa da CBD quando o Atlético representou o Brasil num jogo contra a Checoslováquia, no Mineirão. Depois passou pelo Vila Nova e pelo Bangu, do Rio, sempre como goleador. Sua fama levou-o até os Estados Unidos, onde defendeu o Washington Whips, mas voltou logo para não ter de lutar no Vietnã. Em 1968 foi eleito vereador com 20 000 votos, a maior votação de Belo Horizonte.

Sua decisão de jogar também nos gramados da eternidade foi tomada no ano passado, diante das palavras ameaçadoras de um pastor protestante ditas durante um culto: "Quem não tem certeza da vida eterna, tem certeza da morte eterna. Só Jesus Cristo pode nos dar a certeza da vida". Ao final do sermão, o pastor fez um convite: "Quem quiser aceitar Jesus como seu salvador, levante a mão". Roberto Mauro levantou a sua. Foi o fim da minha solidão", diz ele. Hoje, ao mesmo tempo que dá suas aulas no Colégio Municipal Salgado Filho cursa o último ano da Escola de Educação Física, prepara-se para frequentar o Seminário Teológico Evangélico Brasileiro de Belo Horizonte. Mas enquanto não se torna um pastor de fato — o que acontecerá dentro de quatro anos —

ele trabalha em sua igreja como pregador.

E a julgar pelo testemunho de dona Maria do Carmo Aviz, uma fiel de cinquenta anos, Roberto Mauro usa o verbo tão bem quanto controla a bola: "Quando o 'pastor' Roberto prega até parece que é Jesus falando".

Os numerarii

Um descendente de samurais dedicado à pacífica ocupação de ensinar línguas, um matemático fugitivo da Alemanha comunista, um pintor mexicano com diversos prêmios e mostras individuais em seu país, são três dos novos sacerdotes que a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz — mais conhecida por Opus Dei — acaba de ordenar na Espanha. E com esse ato, espiritualmente mais dogmático do que os jesuítas, politicamente mais poderosa do que qualquer outra organização civil existente no país, a Opus Dei deu mais uma significativa demonstração de sua força.

Na semana passada, vestindo imaculadas batinas brancas, adornadas apenas por uma cruz peitoral, 25 membros da sociedade atravessaram lentamente a entrada da igreja barroca de São Miguel Arcanjo, em Madri, ao som de um hino gregoriano. E dentro da grande nave foram ordenados padres pelo arcebispo de Valência, monsenhor José Maria Lahiguera.

Apesar de sua extrema simplicidade, a cerimônia foi marcada por algumas peculiaridades: os novos sacerdotes não eram jovens ex-seminaristas, mas homens maduros entre trinta e 46 anos; e também não estavam passando diretamente dos bancos escolares para a carreira escolhida, mas todos já tinham uma profissão: médicos, professores, enge-

nheiros, economistas, jornalistas e administradores de empresas, por exemplo. No sussurro que quebrava de vez em quando o silêncio solene da nave, podia-se observar que a Opus Dei despertara as vocações em pontos muito distantes entre si: as preces dos candidatos, vindos de nove países, elevavam-se em japonês, inglês, alemão, italiano e espanhol.

Santidade — "A Opus Dei é uma organização essencialmente leiga e com fins estritamente espirituais." Essa definição vaga é possivelmente o máximo que uma pessoa apenas curiosa conseguiria obter de um membro da sociedade. Ou, quando muito, que ela também se propõe a promover "a busca da santidade no mundo" e a difundir "o verdadeiro cristianismo".

Acusada de controlar a política espanhola e a própria economia do país, a Opus Dei responde dizendo ser contra suas regras interferir na vida particular de seus membros (30 000 só na Espanha e outros 30 000 no resto do mundo). "Alguns se tornam ministros de Estado, outros engenheiros, outros professores. Alguns são de direita, enquanto outros são de esquerda. Mas nós apenas queremos fortalecer sua vida espiritual e permitir o livre desenvolvimento de sua personalidade."

As normas de disciplina entretanto são bastante severas. Os novos filiados não escolhem a Opus Dei, mas a Opus Dei é que os seleciona e os atrai para si. O preparo espiritual é rigoroso e seu princípio de pobreza obriga cada membro a entregar à sociedade todo seu ganho, ficando apenas com o mínimo indispensável a uma subsistência sem luxos. Embora seu fundador e atual presidente-geral, Josemaria Escrivá de Balaguer, classifique jocosamente a Opus Dei como uma "organização desorganizada", existe dentro dela uma rígida escala hierárquica que vai dos cooperadores (membros de categoria social mais humilde) até os numerarii, elite intelectual dedicada inteiramente à sociedade, com votos temporários de castidade, pobreza e obediência. Os numerarii passam por cursos de Filosofia e Teologia.

Desse último grupo saíram os sacerdotes ordenados em Madri. Nenhum pretende abandonar a profissão, mas apenas realizar "algo mais em favor da organização". Um deles, Marco Franzoni, italiano, disse a VEJA que "quem se associa à Opus Dei recebe uma nova visão das coisas e alguns acabam querendo, como é muito natural, mudar o mundo e santificar sua própria posição na sociedade através de um encontro com Cristo".

E para atingir tal objetivo eles seguirão os ensinamentos de Balaguer contidos no manual "El Camino". Na Opus Dei, muitos o manuseiam mais do que a própria Bíblia.

RELIGIÃO



Breda: inimigos da Igreja

Lessa: cúpula autoritária

PRESBITERIANOS

Embate calvinista

O ramo protestante mais dividido do país

Ao nascer como religião, no bojo da reforma protestante patrocinada na França, no século XVI, pelo teólogo João Calvino, o presbiterianismo fixou como doutrina a absoluta soberania de Deus e a completa corrupção da natureza humana. No Brasil, onde foi implantado em 1859, os presbiterianos usam sua crença na corrupção humana não para divulgar princípios religiosos, e sim como peça de combate em suas ácidas divergências internas. Seguindo antiga rotina, as acusações variadas de corrupção, material e religiosa, tingiram, na semana passada, em Goiânia, o 30º Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) - o maior dos sete grupos em que se dividiram os calvinistas brasileiros. Com cerca de 240 mil adeptos, a IPB tem um respeitável patrimônio, que inclui a universidade Instituto Mackenzie, em São Paulo, com perto de 20 mil alunos.

Um pouco antes do concílio de Goiânia, a IPB sofreu sua sexta cisão. No Rio, um grupo de nove igrejas e dez pastores desligou-se da matriz religiosa com acusações no estilo com que Calvino combatia o catolicismo. "É uma Igreja mais política que espiritual", alegaram os pastores cariocas, agora reunidos num Presbitério Autônomo. E acusaram os dirigentes da IPB: "Eles escolhem, através

de negociatas com o prestígio, os homens para ocupar o poder, e depois pedem ao povo que ore para que o Espírito Santo dirija o conclave". Com seu duro manifesto, os presbíteros cariocas deram curso às cisões iniciadas em 1903, quando surgiu a Igreja Presbiteriana Independente, de linha renovada, hoje com 120 mil adeptos. Na raiz dessa dissidência estavam o conservadorismo e as ligações da IPB com a maçonaria - lembra, hoje, o pastor da Igreja Independente Roberto Themudo Lessa, de São Paulo, crítico dos dirigentes da IPB.

Lessa espalha críticas contra a IPB em trezentos jornais brasileiros onde publica regularmente a coluna O Som do Evangelho. Seus alvos prediletos são Boanerges Ribeiro, ex-presidente do Supremo Concílio durante doze anos, e o atual presidente, reeleito em Goiânia, Paulo Breda Filho. Os dois acumulam generosos cargos no Instituto Mackenzie, uma escola fundada pelos presbiterianos dos Estados Unidos há 112 anos e transferida para a IPB em 1960. "Boanerges e Breda se encastelaram no poder. Perseguiram, cassaram professores, promoveram tráfico de influência, e ainda fazem o diabo na Igreja", acusa Lessa.

Na crônica da Igreja Presbiteriana do Brasil inclui-se uma rígida cruz-

da contra o ecumenismo e o liberalismo teológico. Tais posições conduziram ao fechamento de seminários e a um expurgo, em 1979, no seminário de Campinas, em São Paulo. Quinze professores foram afastados sob a acusação de excesso liberal e quarenta seminaristas foram desligados quando anunciaram sua intenção de associar seu centro acadêmico à União Nacional dos Estudantes, a UNE. Descrito no livro *Inquisição sem Fogueiras*, do professor afastado João Dias de Araújo, da Bahia, este episódio terminou por esvaziar a IPB de alguns de seus principais teólogos. Entre eles conta-se Rubem Alves, professor da Universidade de Campinas, em São Paulo, que se inspirou no episódio para escrever o livro *Protestantismo e Repressão*.

Aos poucos, os afastados foram criando novas igrejas - entre elas a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (Fenip), hoje com uns 40 mil adeptos. De sua sede, em Vitória, a Fenip costuma despachar epítetos pouco cristãos contra os dirigentes da IPB - entre eles a acusação de pagar as viagens dos pastores que participam do Supremo Concílio e, assim, garantir a reeleição da cúpula. Do Rio, o recém-instituído Presbitério Autônomo divulga críticas que contemplam a abertura do protestantismo às mulheres. Na IPB, dizem os rebelados presbíteros cariocas, "as mulheres não podem ir além de *auxiliadoras*, para servir aos homens na maneira mais abjeta do machismo: fazer cafezinho, preparar refeições, realizar seus congressos com determinações que vêm de cima". Contra isso, os cariocas propõem que as mulheres participem da direção da Igreja.

"Assim como no lar, quem dirige e sempre dirigiu a Igreja é o homem", respondeu, em Goiânia, o presidente do Supremo Concílio, Paulo Breda Filho. E esclareceu: "Fugir desta responsabilidade seria o mesmo que um pai de família abandonar sua casa". Cauteloso, Breda evitou qualquer debate sobre as acusações de autoritarismo e corrupção, preferindo creditar todas elas a "inimigos da Igreja". E, animado pela presença de 4 mil fiéis em sua posse para mais um mandato de quatro anos à frente do Supremo Concílio, Breda anunciou a grande meta da Igreja Presbiteriana do Brasil: evangelizar o país e construir, como queria João Calvino, um templo em cada cidade. ▲

ÊLES QUEREM SALVAR O MUNDO

Mais de quatro milhões de brasileiros consideram-se eleitos por Jesus Cristo para salvar-se e salvar o mundo. A maior parte dêles não bebe, não fuma, não joga, não dança, não vai ao cinema e no fim do mês dá 10 por cento de seu salário para promover a salvação dos outros homens. Nos seus templos, em praças públicas ou batendo de porta em porta, tratam de levar a mensagem do único livro em que acreditam, aquêle que — segundo êles — anuncia à humanidade o caminho certo para o céu. Êsses homens são os protestantes e o seu livro é a Bíblia.

Texto de Narciso Kalili • Fotos de Geraldo Mori

O nome **protestante** apareceu pela primeira vez em 1529, quando um grupo de católicos alemães protestou contra a cobrança de taxas pelo Papa Leão X nos territórios que não eram da Igreja. O homem que liderava êsse protesto era um frade chamado Martinho Lutero.

Naquele tempo, em que o feudalismo chegava ao fim, ocorria uma transformação econômica violenta nos países da Europa; renascia o comércio, criando-se então uma crise entre a Igreja Católica Romana, que condenava a usura, o lucro, — e os governos, que precisavam do comércio para continuar subsistindo. O mesmo comércio que fazia os reis cada vez mais fortes e cada vez mais interessados nos grandes territórios e riquezas que a Igreja possuía.

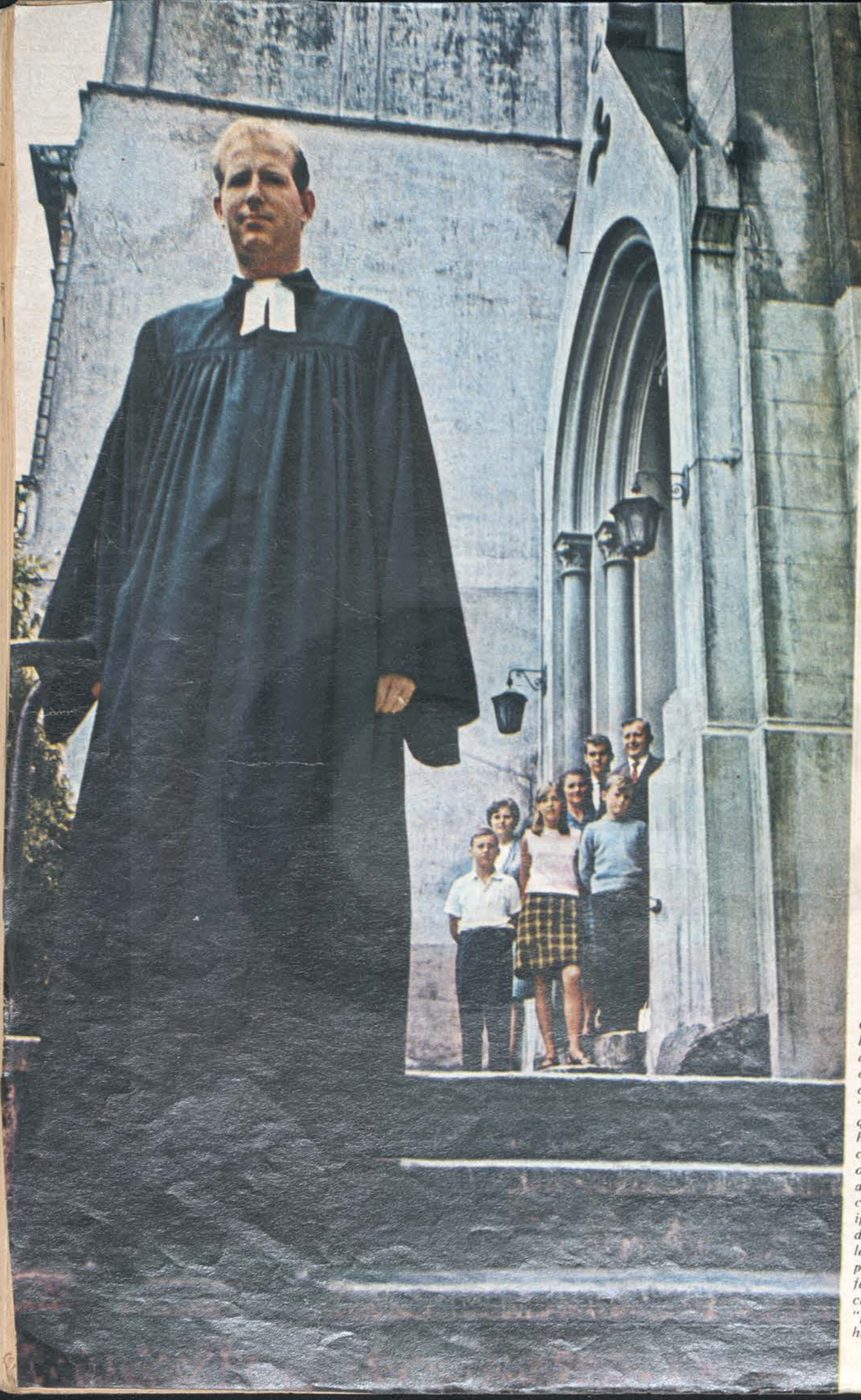
Ainda naquele tempo, era comum o protesto de religiosos contra atitudes do Papa com que não concordassem. Mas, quando Lutero resolveu atacar a venda de indulgências (em troca de auxílios para diversas iniciativas, entre elas a construção da Basílica de São Pedro — a Igreja Católica entregava um pergaminho assegurando o perdão das penas temporais) tudo se complicou. Os príncipes, interessados em brigar com a Igreja de Roma, estimularam Lutero, que afinal acabou sendo excomungado pelo Papa. Então, ajudado pelos príncipes, êle fundou a sua Igreja, que afirmava ser eterna apenas a palavra de Deus e nunca as coisas criadas pelos homens, pois êles poderiam mudá-las de acôrdo com as suas conveniências. Com uma só penada, a origem eterna do papado foi posta em dúvida; o comércio foi enquadrado na religião e os príncipes, com uma igreja nacional, podiam controlar me-

lhor os passos do povo. O exemplo de Lutero e dos príncipes alemães foi seguido por Henrique VIII, na Inglaterra, na Suíça por Zwinglio e na França por Calvino e numerosos religiosos, e a igreja reformada abriu caminho, através dos anos.

Mas hoje, ser protestante não significa ser anticatólico. Pelo menos esta é a posição dos setores do protestantismo que promovem a aproximação de todos os cristãos — católicos e não-católicos. Entretanto, todos êles consideram — a sua **denominação** — nome pelo qual são conhecidas as várias ramificações do protestantismo — como a fundamental e a única verdadeira igreja de Deus. Em consequência, as várias denominações têm a tendência de se fecharem em si mesmas, recusando-se a qualquer tipo de contato com as outras, apesar das atividades desenvolvidas por alguns setores do protestantismo que pregam a união de todos os cristãos.

A não ser diferenças muito especiais de algumas denominações, o catolicismo e o protestantismo, como um todo, podem ser diferenciados quanto a um problema chamado de **teologia natural**. Enquanto os protestantes dão importância ao fato de que não se chega a Deus por meio de expedientes humanos — razão, piedade, obras, etc. — mas somente através de Jesus Cristo, a Igreja Católica nega isto. E mais: enquanto a Igreja Católica atrai a atenção dos fiéis sobre ela, afirmando ser a única capaz de funcionar como intermediária para a salvação; os protestantes negam-lhe êsse valor. Para os especialistas, as posições radicais podem levar a dois extremos perigosos: no catolicismo, a transformação da igreja num fim em si mesmo; no protestantismo, a desnecessidade da igreja enquanto instituição.

SEGUE



Anglicanos têm bispos e o seu papa

RELIGIÃO
CONTINUAÇÃO

...minador comum de todos os ramos em que hoje se
...protestantismo é a Bíblia, considerada por todos eles
...nico ou o mais importante instrumento para a sal-
...homens. Os próprios protestantes se definem, a
...como homens da Bíblia. Popularmente há quem os
...“os bíblias”, pelas citações constantes que fazem
...evangélicos a propósito de tudo: desde a necessi-
...ma greve sindical até o fato de não tomarem gua-
...nte as refeições.
...protestantes a Bíblia não é, como para os católicos,
...veículos da salvação — a Igreja de Roma admite
...relação da verdade divina está contida tanto nos tex-
...tos como também na tradição da Igreja — mas o
...tulo da palavra de Deus. Fazem a maior promoção
...santo. Mas há protestantes que admitem estar por
...sa promoção da Bíblia a intenção de usar os textos
...para mostrar a falta de fundamentação de alguns
...tos e práticas do catolicismo romano.
...os primeiros reformadores pregaram a nova reli-
...tuavam a liberdade que gozariam os novos crentes
...editar conforme sua consciência na palavra de Deus
...a. Mas a liberdade protestante, para alguns pastores,
...a ver com a anarquia doutrinária. O princípio dog-
...mático do protestantismo é a Escritura Sagrada, inter-
...segundo sua própria verdade central, Jesus Cristo.
...Bíblia como princípio dogmático tem descambado,
...numa literatura **bíblica** ou numa tendência para
...pé da letra os textos bíblicos sem admitir nenhuma
...originada pelos hábitos e costumes da sociedade
...A consciência, entretanto, é valorizada no protestan-
...sa atitude pode significar que cada um tenha suas
...rais e religiosas, mas que os protestantes consideram
...erível à abdicação da consciência ou à sua sujeição a
...ridade externa a Deus.
...ante variada a organização administrativa e espiritual
...as protestantes. Algumas têm até bispos, e uma es-
...papa, e outras não possuem nem mesmo pastores.
...igrejas protestantes que possuem um corpo eclesiás-
...tores, bispos, anciãos, etc. — todos podem casar-se,
...ário dos padres da Igreja Católica. A explicação
...para isso, está baseada nas escrituras sagradas: di-
...ente do que ocorre em certos meios católicos roma-
...há no protestantismo nenhuma noção ponderável
...o estado de castidade seja mais virtuoso, mais puro,
...bre, mais agradável a Deus, mais útil, enfim, do que
...de matrimônio — e o sexo nêle implícito. Ao con-
...protestantismo valoriza o estado matrimonial como
...para se atingir a plenitude da vida humana.
...protestantes no Brasil raramente mantêm relações com
...os, jamais se identificando com as diretrizes de qual-
...liturgia semelhante a da Igreja de Roma, embora preguem, em suas igrejas, o respeito
...à da Igreja de autoridades constituídas. Esse fato está intimamente
...e os seus pastores com as origens do protestantismo brasileiro, na
...como Lutero, parte oriundo dos Estados Unidos. Na Europa, em
...“togas acadêmicas”, o protestantismo é religião de Estado — a In-
...quase iguais os têm o anglicanismo. Mas nos Estados Unidos a
...hábitos dos pa independente do Estado.
...católicos. Tam razão prática levantada pelos protestantes para a se-
...os episcopais o é a de que a tarefa da igreja não é dominar ou
...anglicanos têm Estado, muito menos servir-se dele para sua própria
...costumes quasi. Desta colocação origina-se uma atitude de indife-
...iguais. As duas protestantes em relação à política, aos problemas
...denominações e econômicos, que alguns setores mais atuantes estão
...lado de meto combatendo, afirmando que é tarefa do protestantismo
...presbiterianos. ar-se com o bem estar dos homens e que, para isso,
...fazem parte do sário, não que ele se transforme em Estado, mas que
...chamado junto aos governantes para melhorar a vida de todos.
...“protestantismo consequência da ampla liberdade de crítica que têm
...histórico”. estantes, da sua liberdade de consciência para analisar

os textos bíblicos, e, ainda, da não existência de uma auto-
ridade institucional e jurídica única — como é o Papa na
Igreja Católica — os protestantes são bastante divididos. E
cada ano que passa surgem novas denominações. Como não
consideram a unificação essencial no plano formal, conten-
tam-se em saber que todos, mais ou menos, seguem as mes-
mas diretrizes dadas por Jesus Cristo e interpretadas à luz
dos ensinamentos bíblicos. Entretanto, tem havido esforço
para a integração orgânica das igrejas protestantes em uma
só instituição, e numa cooperação maior com os católicos.
O ecumenismo moderno — aproximação entre a Igreja Ca-
tólica e os demais grupos cristãos — é iniciativa de uma
organização protestante, o Conselho Mundial de Igrejas, que
congrega, hoje, cerca de 260 igrejas em todo o mundo, 200
das quais são protestantes. Essa organização procura promo-
ver a maior aproximação e cooperação entre os vários grupos
protestantes para maior eficácia de sua missão e evangelização,
embora não vise a união orgânica de nenhuma das denomi-
nações participantes. Em contato com os católicos existem
muitos organismos protestantes no Brasil destinados a promo-
ver a aproximação entre eles. Alguns desses grupos, como
por exemplo a Igreja e Sociedade no Brasil, da Guanabara,
promovem o engajamento político-social com vistas à trans-
formação das estruturas da sociedade brasileira.
Existem hoje no Brasil mais de quatro milhões de protes-
tantes. E esse número tende a aumentar, segundo dados for-
necidos pelo Instituto de Pesquisas Evangélicas, de São Paulo.
Há cidades brasileiras onde o número de protestantes supera
o de católicos — principalmente em Santa Catarina, onde
o número de luteranos de origem alemã é muito grande. Em
São Paulo, segundo pesquisa levada a efeito pelo Instituto
Gallup de Opinião Pública, 82 por cento da população são
católicos, 8% protestantes (os restantes dez por cento distri-
buem-se entre as outras religiões). O crescimento dos protes-
tantes em São Paulo foi muito grande. Segundo dados levanta-
dos pela socióloga Beatriz Muniz de Souza, somente um
dos ramos pentecostais, o da Assembléia de Deus, que em
1949 contava com 14 mil membros, em 1964 estava com 950
mil. E as conversões, principalmente de católicos e protes-
tantes tradicionais, aos ramos pentecostais aumentam con-
tinuamente.
Os seis grupos principais
Tomando-se a rebelião de Lutero como ponto de partida
e seguindo o desdobramento das igrejas que daí surgi-
ram, inclusive a de Calvino, é possível reconhecer seis grandes
grupos de protestantes. O primeiro, com igrejas filiadas ao
Conselho Mundial de Igrejas, que no conjunto tem três ca-
racterísticas fundamentais: abertura e colaboração entre os
vários grupos protestantes e a igreja católica; interesse pelos
problemas sociais; e relativa liberdade de costumes. Fazem
parte deste grupo a Igreja Episcopal do Brasil, a Igreja
Metodista, e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana. A
Igreja Luterana Missouriana, que pode ser enquadrada neste
grupo, é filiada ao CMI mas não tem nem abertura ecumê-
nica e nem liberdade de costumes.
O segundo grupo engloba as igrejas membros da Confede-
ração Evangélica do Brasil, mas não do CMI. São suas prin-
cipais características: espírito de cooperação com os outros
ramos do protestantismo, mas muito pouco com os católicos,
e costumes tradicionais conservadores em política. As três
igrejas principais que fazem parte deste grupo são a Igreja
Presbiteriana do Brasil, a Igreja Presbiteriana Independente
do Brasil e a União das Igrejas Congregacionais e Cristãs.
No terceiro grupo estão todas as igrejas batistas que fazem
parte da Convenção Batista Brasileira mas não da CEB e
do CMI. Caracterizam-se pela pouca cooperação para com
os outros grupos protestantes; um espírito antiecumênico em



presbiterianos não tem em céu e inferno

RELIGIÃO
CONTINUAÇÃO

os católicos; uma séria rigidez de costumes; e um rigorismo mais acentuado em política, embora parti-

o grupo é constituído pelas igrejas pentecostais, erosas e autônomas, embora algumas pertençam à o Pentecostal do Brasil. Suas características princi- rigo de costumes, atribuindo os hábitos mundanos cia do diabo; esperam o fim do mundo para breve; amados da sociedade, apesar de algumas se interes- ar política, embora apenas com objetivos eleitorais. ação à cooperação com outras igrejas protestantes oração é variada, isto é, não há uma norma de con- al, aceitando umas a colaboração, outras não. Os componentes deste grupo, o mais numeroso dos protestantismo, são a Assembléia de Deus, a Con- Cristã do Brasil, e a Igreja Evangélica Pentecostal ara Cristo.

nto grupo estão duas igrejas que não têm nenhuma om os outros ramos do protestantismo e não guardam semelhança entre si. São os Adventistas do Sétimo s Testemunhas de Jeová. Os primeiros, recusam o mo, guardam o sábado ao invés do domingo; têm de serviço de assistência social; não fazem política; uito rígidos de costumes. As testemunhas de Jeová, turno não se consideram uma igreja mas um movi- Caracterizam-se por extremada rigidez de costumes, ocalíptica do mundo, alienação completa da socie- mbora desenvolvam um intenso trabalho de proseli-

ranos

terano é pertencer a uma igreja evangélica que te- suas origens na reforma provocada numa parte da atólica por Martinho Lutero. Existem, no Brasil, duas nestas condições: a Igreja Evangélica de Confissão a no Brasil e a Igreja Evangélica de Confissão Lute- Missouri. A primeira chegou ao Brasil trazida por alemães e a segunda originou-se da ação de um grupo ionários norte-americanos de Missouri, nos Estados Do ponto de vista religioso, não existem muitas di- entre as duas igrejas. Elas se diferenciam na liber- dão a seus membros de viver em sociedade e, neste a igreja de origem alemã é considerada mais "aberta" s moralista.

Os pontos fundamentais da confissão luterana dois ca- s elaborados por seu fundador, em que estão expostos cípios de fé de seus crentes: os Dez Mandamentos, o Apostólico, o Pai Nosso, o batismo, e a Santa Ceia (stia). A liturgia proposta por Lutero, e que nos seus principais permanece até hoje, é quase idêntica à - Seus templos, como os católicos, possuem crucifixo, bros, púlpitos, vitrais com cenas da vida de Cristo. O pode casar-se e veste-se, durante os ofícios religiosos, a toga negra, semelhante ao hábito dos padres católi- ponto culminante do ofício dominical é a Eucaristia, s fiéis se identificam com o Cristo ingerindo pão e Os luteranos não possuem imagens de santos em seus as reuniões em p- pública, até o rádi- ns setores da Igreja luterana declaram-se abertos para e televisão. As igre- ologo com a Igreja Católica, existindo até um movi- com maior núme- no Vaticano, para rever a excomunhão de Lutero. adeptos no Brasil em em todo o mundo cerca de 100 milhões de luter- a Assembléia de no Brasil eles são um milhão, concentrados principal- Deus, Brasil para da Bahia para o sul. No Rio Grande do Sul é onde Cristo e Congrega maior número, sendo expressivos os seus adeptos em Cristã do Brasil. Catarina (Vale do Itajaí) e no Paraná (Curitiba). A São quase dois milde origem norte-americana tem cerca de 300 mil mem- de crentes. está presente nas mesmas regiões.

Os luteranos podem fazer política e há personalidades importantes de sua igreja em postos-chave do governo brasileiro: Nestor Jost, presidente do Banco do Brasil; general Ernesto Geisel, Arno Ardnt, Egídio Michaelsen e Herbert Renner, deputados e senador.

Em geral, os luteranos não são moralistas. As mulheres pintam o rosto, usam mini-saias e os jovens podem tocar guitarra elétrica e dançar o iê-iê-iê. Quanto ao jôgo e ao álcool, consideram que isto é matéria de decisão pessoal de cada crente: quem quiser jogar dinheiro fora ou prejudicar a saúde bebendo e fumando, que o faça.

Os luteranos, na maior parte, consideram o divórcio muito mais moral e conseqüente do que o desquite. Em relação ao controle da natalidade acham que é um problema de consciência individual.

Os presbiterianos

Há duas grandes igrejas originárias da reforma realizada por Calvino, na França, logo depois que Lutero fez a sua na Alemanha: a Igreja Presbiteriana do Brasil e a Igreja Presbiteriana Independente. A diferença fundamental entre elas é que a primeira mantém estreitos laços de ligação com a igreja presbiteriana norte-americana, da qual se originou, e a outra nacionalizou sua direção. Em questão de doutrina e fé religiosa, elas são iguais.

Os pontos básicos do credo presbiteriano, além da base comum de todos os cristãos, e dos protestantes em geral, são a ênfase na soberania de Deus e no regime representativo do governo da igreja. Os presbiterianos aceitam o batismo e a Eucaristia como os dois únicos sacramentos instituídos por Jesus Cristo. O batismo entre eles é feito como entre os católicos e luteranos. A Eucaristia é celebrada durante os cultos em cerimônia simples. Os fiéis sentados no templo, em silêncio, recebem pão e vinho.

Sobre Céu e Inferno, os presbiterianos acham que são estados de consciência após a morte e não lugares. Para eles, céu é a aceitação do homem por parte de Deus; inferno, a sua rejeição. Consideram válida a doutrina da Santíssima Trindade, isto é, que Deus é único, mas assume três caracteres diferentes: o do Pai, o do Filho e o do Espírito Santo. Acreditam que Maria concebeu Jesus Cristo por obra do Espírito Santo, ainda virgem, mas que depois tornou-se uma mulher normal, tendo vários filhos de seu marido, José. Os presbiterianos acreditam que a confissão dos pecados se faz diretamente a Deus, que é o único capaz de perdoar. As igrejas presbiterianas usam água para o batismo, pão e vinho para a Santa Ceia. Não há santos e nem figuras nas paredes de seus templos.

A predestinação — o destino está traçado e não pode ser modificado pelo homem — tem sido apontada como traço distintivo dos presbiterianos.

No mundo há 50 milhões de presbiterianos e no Brasil 350 mil, distribuídos entre os independentes — 150 mil — e os ligados à igreja norte-americana. Existem ainda alguns ramos menores, totalizando 20 mil membros, oriundos de correntes migratórias.

A posição dos presbiterianos quanto ao divórcio tem sido quase sempre a de aceitar essa possibilidade nos termos em que é colocada pela Bíblia. Só é possível a separação se houver adultério, e a parte inocente pode contrair novas núpcias. O desquite, por isso, no Brasil, é aceito sem contestação. Em relação ao controle da natalidade a posição dos presbiterianos, no passado, era de franca hostilidade. Hoje, entretanto, tendem a aceitá-lo.

Em relação a roupas e cosméticos, os presbiterianos adotam uma posição de censura às pessoas que "exageram", embora não existam proibições oficiais de pintar o rosto ou usar mini-saia. Não admitem, entretanto, experiências sexuais an-

SEGUIR

Os luteranos podem beber, fumar e jogar

RELIGIÃO CONTINUAÇÃO tes ou fora do casamento. As danças, em geral, são condenadas. O uso do álcool é combatido apenas nos casos de embriaguez. Mas os jogos onde entram apostas e o azar são proibidos sem exceção.

Comumente os presbiterianos entendem que Igreja e Estado devem ser separados. Mas entre elementos da nova geração, estudantes principalmente, tem aparecido uma tendência de participação e de análise dos dois grandes sistemas em choque no mundo de hoje — comunismo e capitalismo — inclinando-se por posições mais radicais contra as injustiças sociais.

Em relação à riqueza, a pregação nos templos presbiterianos é a de que os crentes sejam honestos em seus negócios.

Os anglicanos

O episcopalismo ou anglicanismo se caracteriza, mundialmente, pela sua "via média", ou seja, uma posição de equidistância entre o catolicismo romano e o protestantismo em geral. Os pontos principais de sua doutrina estão expressos no chamado "Quadrilátero de Lambeth", quatro normas a partir das quais se estrutura a fé e a vida dos anglicanos que são: 1) as escrituras sagradas são a norma da fé; 2) adoção do episcopado histórico de sucessão apostólica; 3) ênfase aos sacramentos do batismo e da Eucaristia; 4) aceitação dos credos tradicionais da igreja cristã.

O episcopalismo originou-se na Inglaterra, ao tempo de Henrique VIII, que rompeu seus laços com a Igreja de Roma. A Igreja Anglicana possui bispos e ordens religiosas como os católicos. E seus frades e freiras mantêm o voto de castidade, de obediência e dedicam-se à contemplação e a trabalhos de construção religiosa. Os episcopais também admitem a confissão auricular, como no confessional católico, embora não obriguem seus fiéis a fazê-la. Têm uma espécie de Papa, o arcebispo de Cantuária, na Inglaterra, e um primaz, autoridade máxima em cada país.

Os episcopais são cerca de 50 milhões em todo o mundo, mas no Brasil apenas 50 mil. Estão concentrados, fundamentalmente, da Guanabara para o Sul. Têm quase cem templos, várias escolas primárias e secundárias, além de orfanatos, asilos, etc.

Com respeito a divórcio, aceitam a legislação do país onde estão radicados: no Brasil, o desquite. O controle da natalidade, porém, é deixado ao livre arbítrio do casal. Nenhuma restrição é feita oficialmente quanto a beber, fumar, jogar, vestir-se, a não ser quando excessivo, escandaloso.

Os metodistas

O metodismo surgiu no seio da igreja anglicana na Inglaterra, no século 18, com as características de um movimento missionário em favor da fé cristã, traduzido na frase de João Wesley, seu fundador, "eu tomo o mundo como a minha paróquia e saio do tempo para viver a fé dentro da sociedade". Entre as razões básicas que justificaram e determinaram a existência dos metodistas, encontra-se o fato de que a Igreja Anglicana daquele tempo não correspondia aos ideais da reforma protestante e nem atendia às aspirações das massas miseráveis da Inglaterra de então.

O nome **metodista** teve sua origem na forma de vida que Wesley e seus adeptos adotaram: disciplina pessoal, higiene corporal, divisão do tempo disponível, cultura e seriedade, os deveres para com Deus e o próximo.

No Brasil existem 100 mil seguidores de Wesley, e no mundo, 40 milhões de metodistas. Surgiu no Brasil através da obra missionária de norte-americanos mas tornou-se independente em 1930, embora ainda receba auxílios de suas congêneres dos Estados Unidos.

A liturgia, a organização e o governo nas igrejas metodistas

podem ser comparadas às dos episcopais. E possuem. Mas as igrejas têm uma autonomia maior para conduzir assuntos.

Não tem ela qualquer preceito que se oponha ao controle da natalidade. Sendo uma das únicas igrejas que possuem Credo Social, preceitua ali que a igreja deve dar responsabilidade aos pais para o "exercício da paternidade responsável".

Quanto ao desquite, os metodistas a ele se opõem, mas que não resolve o problema dos casais desfeitos, e por isso apóiam o divórcio. Para eles, lutando contra o divórcio está a Igreja Católica de acordo com a atual legislação que institui o desquite.

Quanto às suas relações com o Estado, os metodistas têm um Departamento de Ação Cívica que tem como objetivo: "um dos deveres primordiais é a crítica a toda e qualquer forma que atente contra os direitos humanos" e todo sistema de governo é sujeito à corrupção.

Não constitui mal dentro da igreja metodista o fato de a mulher utilizar-se de produtos de beleza, ficando o critério de cada pessoa, congregação, pastor. As experiências sexuais antes do casamento são condenadas, embora os pastores que absolvam jovens que se "anteciparam" à vida matrimonial. De maneira geral, também, os metodistas combatem os bailes, o fumo, a bebida como prejuízo à saúde e à moral cristã. O mesmo se dá com o jogo.

Os batistas

Nos últimos dias da reforma protestante apareceu na Europa uma facção de reformadores que exigia uma volta ao Cristianismo primitivo. Verificando que suas esperanças poderiam ser realizadas através dos líderes da reforma, comprometeram a restabelecer o Cristianismo primitivo sua própria conta e risco. Repudiaram o batismo inmersão como não bíblico, com ele os demais sacramentos, fato de batizarem àqueles que já tinham sido aspergidos chamados de anabatistas, isto é, rebatizadores. O movimento foi-lhes dado como escárnio, mas com o tempo ficaram conhecidos como batistas.

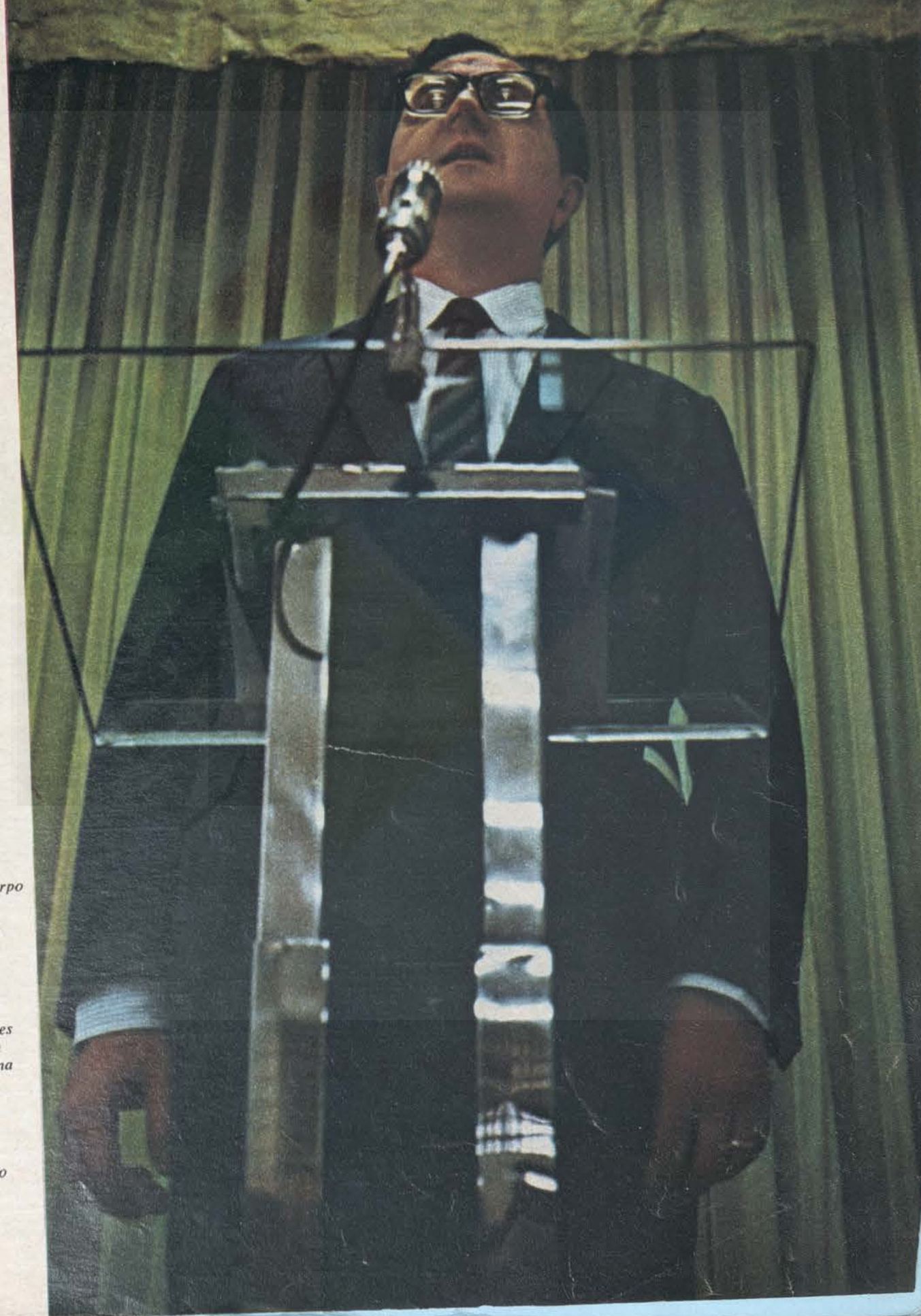
Usam a imersão para batizar porque crêem que a Bíblia assim o ensina, pois no original grego a palavra significa "mergir". Era esta a prática da igreja primitiva, como meio simbólico de dar testemunho de que morrem com Cristo para a vida antiga — imersão — e renascem para uma vida com Ele — emersão. Não sendo sacramento, o batismo não salva, é apenas um testemunho público de fé em Cristo. Como as crianças não estão em condições de dar testemunho, não as batizam.

Os batistas são aproximadamente trinta milhões em todo o mundo e 350 mil no Brasil. Fazem grandes concentrações para propagar sua fé, tendo vários organismos de cooperação com os outros ramos protestantes, principalmente quanto à publicação de livros. Durante suas concentrações, promovem o batismo de dezenas de crentes em piscinas públicas. Fazem política, mas não misturam Igreja com Estado; pois, segundo seus líderes, "não cabe à Igreja interferir nos negócios do Estado, nem ao Estado interferir nos negócios da Igreja".

Apóiam o desquite e somente aprovam o divórcio quando uma das partes é infiel, permitindo novo casamento para a parte inocente. Não se opõem ao controle da natalidade, não há nenhuma injunção bíblica a respeito. As mulheres devem se conservar puras para o casamento e seu traje deve refletir seu mundo interior, que deve ser de pureza e simplicidade. Achar que estão no mundo para transformar o mundo por isso, pintura exagerada e mini-saia são reprovadas. "podem contribuir para uma frouxidão dos costumes e da moral da nossa sociedade".

Não dançam, não bebem, não jogam, e não querem ser chamados de iê-iê-iê.

Eis-me aqui! Envia-me
Isaías 6:8



unhas de
possuem
os nem corpo
Eles
em salões
gidos por
pois
n-se, todos,
mistros" de
mesma
ue os padres
Dão muita
ia, da mesma
que
as, ao
e, parte
que prevê
o mundo
a destruição
Mas
ue serão
or
isto.

Os batistas não jogam, não fumam e não bebem

Para os batistas, finalmente, não há incompatibilidade entre ser rico e cristão, pois o dinheiro não é em si mesmo um mal. E argumentam: "é no amor ao dinheiro que está a raiz do mal".

Os adventistas

Se adventista é crer na segunda vinda de Cristo à terra e preparar-se para este acontecimento com uma vida de recolhimento da sociedade mundana e voltada totalmente para as práticas religiosas. Os adventistas crêem na Bíblia — Nôvo e Velho Testamentos — como instrumento da revelação divina; na origem divina de Cristo e no caráter tripartido de Deus — o Pai, o Filho e o Espírito Santo; que o homem para se salvar deve regenerar-se em Cristo; que a vontade de Deus está nos Dez Mandamentos, válidos e imutáveis para todos os tempos e lugares; que o dia de descanso é o sábado pois Deus assim o elegeu depois de criar tudo.

Os adventistas surgiram em 1840, na Inglaterra e nos Estados Unidos. O ramo que perdura até hoje é o dos norte-americanos. Naquele ano, considerando que o fim do mundo estava próximo e portanto a segunda vinda de Cristo iminente, um grupo de 200 presbiterianos, batistas, episcopais e metodistas, resolveu estudar os textos e as profecias da Bíblia, concluindo que 1844 seria o ano fatal. Refugiaram-se num monte e ficaram aguardando enquanto rezavam. Como nada acontecesse, resolveram reestudar as profecias e continuar a nova igreja surgida.

Espalharam-se pelo mundo e chegaram ao Brasil em 1893. Hoje são quase dois milhões em todo o mundo e no Brasil 110 mil adeptos.

Os adventistas não aceitam nem o desquite nem o divórcio, a não ser que haja adultério. O controle da natalidade somente é aceito quando praticado por meios naturais. Não admitem, em nenhuma hipótese, experiências sexuais pré-matrimoniais. Para eles, "os noivos devem chegar ao casamento totalmente puros". São apolíticos, votando, nas eleições, não em partidos mas em pessoas, desde que os considerem bons cristãos. Prestam o serviço militar, mas no caso de guerra não pegam em armas, servindo nos corpos médicos.

Condenam o álcool, a dança, o jogo. Para eles, "tudo o que apela para o sensualismo é condenável, como a mini-saia, os vestidos decotados", e "é antinatural a mulher se pintar". Só admitem, nas manifestações artísticas, "aquilo que enobrece e eleva o espírito". O iê-iê-iê "por sua natureza doentia e frívola, é condenado fora e dentro da igreja".

As testemunhas de Jeová

As testemunhas de Jeová consideram-se os verdadeiros cristãos do mundo e de hoje. Não têm um credo estabelecido por princípios ou outro qualquer método. Segundo os seus dirigentes, seguem a Bíblia Sagrada como base de sua fé e ensino. Eles não se consideram protestantes porque não estão ligados a nenhum movimento protestante e nem crêem nas doutrinas protestantes. Entre as diferenças que citam para não se considerarem protestantes nem católicos estão as suas doutrinas — apenas a Bíblia; a organização — não possuem qualquer tipo de corpo eclesiástico, mas apenas superintendentes de igrejas.

As testemunhas de Jeová não acreditam na Santíssima Trindade, e explicam: "essa doutrina não existe na Bíblia, mas criação dos teólogos, e portanto nada tem a ver com Deus". Não crêem que todo homem é imortal, mas que temos de merecer a imortalidade. Acreditam no céu espiritual da Bíblia, um mundo invisível onde habitam Jeová Deus, Jesus Cristo, o Filho, e os anjos, serafins e querubins. Acreditam, também, que para o céu irão 144 mil seres especialmente virtuosos e cristãos que constituirão, junto com Jesus, o Reino dos

Céus. Depois de mil anos no Céu, os 144 mil eleitos descerão à Terra para estabelecer o Paraíso Terrestre.

As testemunhas de Jeová citam a Bíblia para não dar nem receber transfusão de sangue. Segundo eles, o sangue é sagrado, é símbolo de vida e, como Jeová disse, "todo o que comer dêle será cortado". São comuns os casos, principalmente nos Estados Unidos, de testemunhas de Jeová que morrem em consequência da recusa em receber transfusões de sangue.

Como todos se consideram ministros, isto é, com funções iguais a de padres e pastores, solicitaram e obtiveram em junho deste ano, do governo brasileiro isenção do serviço militar.

O batismo das testemunhas de Jeová, como o dos batistas, é feito por imersão, justificando o fato com a própria origem da palavra e pela prática constante na Bíblia. Só aceitam o divórcio por infidelidade e só a parte inocente poderá voltar a casar. Deixam o problema do controle da natalidade a critério de cada um de seus crentes, não havendo posição oficial quanto ao assunto.

Os pentecostais

O movimento pentecostal surgiu no começo deste século, e seu início foi insignificante: uma escola bíblica no Estado de Kansas, EUA, e uma igreja de negros em Los Angeles. Em pouco tempo espalhou-se por toda a América, e no Brasil, em 1964, calculava-se que dentre os 4 milhões de protestantes existentes, um milhão 689 mil eram pentecostais.

A expansão do movimento pentecostal se deve, em parte, ao grande número de seitas de que é composto. A obra se desenvolve por meio de movimentos livres. A medida que um grupo cresce, estabelecem-se divisões internas que acabam dando origem a novos grupos. Todo o movimento é feito por leigos. Os líderes surgem sem preparo intelectual ou teológico, e procuram estabelecer uma doutrina que englobe todos os aspectos da vida do homem. Existe um desejo de reviver o espírito dos primeiros tempos do cristianismo, que se manifesta através de padrões estreitos de comportamento e moral rígida.

Sociologicamente, o movimento pentecostal se apresenta como um movimento dos pobres e oprimidos. Nas diversas seitas que o compõem se destaca, basicamente, a atitude radical de não-conformismo com os valores e padrões de comportamento da sociedade. A grande maioria dos adeptos provém das classes humildes, que não se encontram perfeitamente integradas ao sistema econômico e ao estilo de vida das grandes cidades. É sem dúvida atrativo para a conversão a possibilidade de superar as frustrações de sua condição marginal pela adoção de novos padrões de comportamento determinados pela religião e compartilhados por um grupo coeso, em que se sente protegido. A "mensagem pentecostal" penetra com impressionante facilidade nas camadas populares porque fala a sua língua. "O próprio quadro econômico-social facilita a afluência do povo às reuniões pentecostais, pois num país onde há carência de hospitais e os preços dos medicamentos estão acima do poder aquisitivo da maioria, é lógico esperar-se que a promessa da cura divina, unicamente através da fé em Deus, se constitua em poderosa atração para o povo", de acordo com as palavras do pastor Ley Tavares, da Igreja Pentecostal "o Brasil para Cristo". FIM

Para esta reportagem foram entrevistados: Aharon Sapsejian, diretor da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos; Júlio Andrade Ferreira, diretor do Instituto Evangélico de Pesquisas; Paulo José Kruschke, ministro da Igreja Episcopal; Arthur Alberto da Mota Gonçalves, diretor nacional da Cruzada Brasileira de Literatura; João Paraíba, da Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil; Carlos Gustavo Busch, da Igreja Luterana de São Paulo; Professor Kumpfel, do Colégio Adventista; e Moacir D'Elia, Testemunha de Jeová.

Bibliothek
8538
Institut für Brasilienkunde
NETTINGEN

Institut für Brasilienkunde

CECIM

I
r
t
a
c
c
S
e
v
A
L
p
di
er
lig
de
nã
de
qu
de
Fr
c
Nã
ne
m
u
r